

MESTRADO INTEGRADO
ARQUITETURA

Sarnada: Entre o Passado e o Futuro no Campo

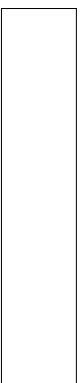
Joana Maria Trigo dos Reis Ferreira

M
2024



Sarnada: Entre o Passado e o Futuro no Campo

Joana Maria Trigo dos Reis Ferreira



Sarnada

Entre o Passado e o Futuro no Campo

Joana Maria Trigo dos Reis Ferreira

Orientação:

Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro e

coorientação do Professor Doutor José Júlio Cabral Faria Frias Dias

Faculdade de Arquitetura da Universidade do Porto

Dissertação de Mestrado Integrado em Arquitetura

Porto, 2024

Nota prévia:

A presente dissertação foi escrita ao abrigo do novo acordo ortográfico.

As citações de língua portuguesa foram transcritas conforme o acordo ortográfico utilizado na respetiva edição.

As citações de língua estrangeira presentes no corpo do texto foram sujeitas a uma tradução livre pela autora, mantendo a versão original em referência.

A Coimbra.

A Trás-os-Montes.

A Évora.

Ao Porto.

E agora, a Paris.

Agradecimentos

À FAUP, pelas oportunidades de aprendizagem que proporcionou ao longo do meu percurso académico. A atmosfera estimulante e desafiante desempenhou um papel fundamental no meu crescimento e desenvolvimento.

À Professora Doutora Filipa de Castro Guerreiro e ao Professor Doutor José Júlio Cabral Faria Frias Dias, cuja orientação, experiência e encorajamento foram fundamentais para moldar esta tese.

Ao meu patrão, Fadi, pela sua compreensão, flexibilidade e apoio. O seu encorajamento e crença nas minhas capacidades foram cruciais para equilibrar os meus compromissos académicos e profissionais.

À minha ex-patroa, Bárbara, cuja influência transcende os limites de uma simples relação de trabalho. A sua orientação foi fulcral para definir o meu carácter profissional.

Ao meu pai e à Isabel pela sua paciência e diligência na revisão e correção da minha tese. A sua dedicação ao meu sucesso foi indispensável para aperfeiçoar o meu trabalho.

À minha mãe, à minha avó e ao meu irmão, cujo apoio e fé inabalável em mim têm sido uma fonte de força e motivação ao longo deste percurso.

Aos amigos Maria, Joana, Davide, Tomás e Cristina. O seu companheirismo e apoio inabalável ao longo deste percurso tornaram-no não só suportável como verdadeiramente memorável. Amigos que levo para a vida.

Ao meu grupo de “Miami”, em particular à Patrícia, pelo seu companheirismo que foi um grande conforto e apoio enquanto ambas navegávamos pelos desafios de viver no estrangeiro.

Ao Mathieu, pela motivação, paciência e força que me deu nos momentos de insanidade. A sua crença no meu potencial tem sido uma fonte constante de inspiração, mesmo quando o caminho parecia intransponível.

Esta tese é um testemunho do apoio, orientação e encorajamento coletivos destes indivíduos entre outros que gostaria de ter mencionado. Estou imensamente grata pelos papéis significativos que todos desempenharam no meu percurso académico e no meu crescimento pessoal.

Resumo

A presente dissertação – “Sarnada, entre o Passado e Futuro no Campo” – pretende refletir sobre o potencial transformador da arquitetura nas aldeias, centrando-se na aldeia de Rio de Vide, no distrito de Coimbra, Portugal. Esta investigação aborda os desafios inerentes ao despovoamento, à transformação destas zonas e ao declínio das práticas tradicionais, refletidos na redução da produção agrícola e florestal. Procura conjecturar sobre o modo como intervenções arquitetónicas cuidadosamente programadas poderão contribuir para a revitalização das aldeias.

Este trabalho adota uma abordagem multifocal, integrando perspetivas históricas, culturais e tecnológicas. Os capítulos, que se estruturam em torno de três eixos temporais – Passado, Presente e Futuro –, apresentam os antecedentes históricos e culturais da região, os desafios contemporâneos e soluções para preservar e exponenciar as características da vida no campo, respeitando o tecido sociocultural único das áreas rurais. Ao usar o tempo como guia, é procurado demonstrar que a arquitetura pode desempenhar um papel crucial na revitalização da aldeia e contribuir, de modo relevante, para um maior equilíbrio sócio-económico das comunidades locais.

Esta procura materializa-se através da proposta arquitetónica para o Lugar da Sarnada, partindo de referências e conceitos contemporâneos e das memórias, materialidade e tradições do lugar. Através de um desenho arquitetónico que se pretende sensível ao contexto, propõe-se ser possível, ao mesmo tempo, preservar e potenciar o património natural e cultural e introduzir formas de viver mais contemporâneas.

Em síntese, a dissertação deseja explorar o potencial da arquitetura, ao serviço do desenvolvimento comunitário, considerando o ponto de vista de que estes espaços são entidades idiossincráticas, com oportunidades e desafios próprios, requerendo o desenvolvimento de práticas arquitetónicas que sejam, simultaneamente, originais, sensíveis e contextualmente informadas.

Abstract

This dissertation - “Sarnada, between Past and Future in the Countryside” - aims to reflect on the transformative potential of architecture in villages, focusing on the village of Rio de Vide, in the district of Coimbra, Portugal. This research covers the challenges inherent to depopulation, the transformation of these areas and the decline of traditional practices, reflected in the reduction in agricultural and forestry production. It seeks to highlight how carefully planned architectural interventions can contribute to the revitalisation of villages.

This analysis adopts a multifocal approach, integrating historical, cultural and technological perspectives. The chapters are structured around three temporal axes - Past, Present and Future. They explore the historical and cultural background of the region, the contemporary challenges to, and solutions for, preserving and enhancing the characteristics of country life, while respecting the unique socio-cultural fabric of rural areas. By using time as a guide, the aim is to demonstrate that architecture can play a vital role in village revitalisation and make a relevant contribution to the sustainability of the local economy and communities.

This search is materialized through the architectural proposal for Lugar da Sarnada. This experimental project draws on contemporary references and concepts, as well as the memories, materiality and traditions of the place. Through innovative and context-sensitive architectural design, it is aimed to show that it is possible to both preserve and enhance the natural and cultural heritage, while introducing more contemporary ways of living.

To summarize, this dissertation highlights the potential of architecture in the service of community development, taking the view that these spaces are idiosyncratic entities with their own opportunities and challenges, requiring the development of architectural practices that are simultaneously original, sensitive and contextually informed.

Estrutura

Agradecimentos	VII
Resumo	IX
Abstract	XI
Introdução	1
Passado . Aproximação ao lugar	13
Rio de Vide	17
Sarnada	35
Presente - Reflexão sobre a atualidade	53
O campo	59
Futuro - Proposta de intervenção	83
Projeto	85
A madeira	101
A água	115
O ninho	123
O refúgio	137
Considerações finais	151
Bibliografia	161
Websites	166
Créditos iconográficos	169
Anexos	179
Excertos das entrevistas	179
Entrevista 1	179
Entrevista 2	185
Entrevista 3	193
Características das árvores	199
Estatísticas silvícolas	203
Plantas regulamentares	209
Esquissos, desenhos técnicos e imagens da proposta final	221

Tadao Ando - "De la périphérie de l'architecture" in NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l'architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999, p.241. Traduzido pela autora do francês. « La nature - l'eau, la lumière, le ciel - ramène l'architecture d'une existence métaphysique à la terre et lui donne vie en tant que construction humaine. S'interroger sur le rapport de l'architecture à la nature revient à appréhender l'architecture dans son contexte temporel. Je veux mettre l'accent sur la perception du temps. Je veux créer des structures dans lesquelles le caractère transitoire de la nature et le passage du temps se muent en une expérience personnelle de l'espace. (...) La vie des parties s'exprime, insufflant une vie nouvelle au tout. »

“A natureza - água, luz, céu - traz a arquitetura de volta à terra a partir de uma existência metafísica e dá-lhe vida como uma construção humana. Olhar para a relação entre a arquitetura e a natureza significa olhar para a arquitetura no seu contexto temporal. Quero enfatizar a percepção do tempo. Quero criar estruturas em que o carácter transitório da natureza e a passagem do tempo sejam convertidos numa experiência pessoal do espaço. (...) A vida das partes é expressa, dando nova vida ao todo.”

Tadao Ando



Fig 01. Imagem do filme "Sound of Music", 1965.

Introdução

A arquitetura pode ser vista como uma expressão intrinsecamente ligada ao indivíduo e ao ambiente. Tal como Aldo Rossi afirma, estabelece “a relação singular e, no entanto, universal, que existe entre uma certa situação local e as construções aí localizadas”¹. Neste contexto, a arquitetura pode ser uma resposta direta para as necessidades do homem, criando soluções reais em cada espaço que contribuam para a satisfação das questões económicas, sociológicas e antropológicas do momento, mantendo também a possibilidade de transformação para dar resposta a situações futuras. Em cada projeto é necessário analisar o sujeito e o lugar concreto, as suas necessidades, características e condicionantes para chegar a uma proposta adequada.

A ideia do campo - uma espécie de oposição virtuosa à urbanidade - como um retiro bucólico e regenerativo, tem sido um tema recorrente no pensamento humano traduzido em várias formas de arte. Alguns exemplos: na música a sinfonia Nº 6 em Fá maior, Op. 68 “Pastoral”, de Ludwig van Beethoven; no cinema o filme “Música no coração”; na fotografia o trabalho de Dorothea Lange, durante a época da Grande Depressão dos Estados Unidos; nas artes visuais as obras de grandes artistas, como Claude Monet e Jean-François Millet; na dança o bailado “Giselle”, coreografado por Jean Coralli e Jules Perrot; e no teatro a peça “As you like it”, escrita por William Shakespeare. Também na literatura se encontra muito presente, desde os tempos antigos, com Esopo e Horácio². Na literatura portuguesa, nas obras de Eça de Queirós, Cesário Verde, Fernando Pessoa ou Miguel Torga³, o campo é frequentemente retratado como

1, ROSSI, Aldo - A Arquitetura da cidade (1966). Lisboa: Edições Cosmos, 2001, p.151.

2, Esopo, escritor da Grécia antiga, a quem se atribui a autoria de fábulas como a lebre e a tartaruga, a cigarra e a formiga e Horácio, poeta e filósofo romano, autor de Odes, de onde provém o termo “Carpe Diem”.

3, Referências literárias portuguesas como A cidade e as Serras de Eça de Queirós, a poesia de Cesário Verde, o heterónimo Alberto Caeiro de Fernando Pessoa e as várias obras de Miguel Torga demonstram a visão criada à volta do campo no país.



Fig 02. (Cima) Claude Monet, *Waterloo Bridge. Effet de brouillard*, 1903. (representação da cidade).



Fig 03. (Baixo) Claude Monet, *Coquelicots*, 1873. (representação do campo).

o “Portugal ideal”, um lugar de beleza natural, simplicidade e profundidade espiritual, em contraste com a cidade artificial. Esta dicotomia entre o arcaico e natural do campo e o moderno e artificial da cidade é um tema intemporal na cultura humana, que também se reflete na arquitetura⁴.

No entanto, este campo idealizado não passa de um exercício mental. A realidade de maior parte do território global é outra.

Compreende-se que a dicotomia em apreço é simplificadora, mas para tentar clarificar o discurso, o termo rural será usado neste trabalho de forma a identificar todos os espaços de baixa densidade populacional em que a agricultura ainda mantém um grande peso na economia local.

O despovoamento rural, a migração dos habitantes do campo para os centros urbanos, é uma tendência em muitas partes do mundo, incluindo Portugal⁵. No país, a população das grandes cidades já excede a metade da população total (64.7%)⁶. Este fenómeno, impulsionado por vários fatores, incluindo mudanças económicas, demográficas e sociais, tem efeitos significativos, tanto no campo como nas áreas urbanas, com o aumento das populações das cidades e das suas periferias. Uma das questões mais imediatas associadas ao despovoamento rural é o declínio da produção agrícola e florestal, com consequências, tanto para a economia local como para a sociedade no seu conjunto.

É inegável que a agricultura e a silvicultura são sectores vitais, proporcionando alimentos, combustíveis, matérias-primas e recursos vários, para consumo humano, para a criação animal e para a produção de bens diversos. Estes sectores são, em regra, a espinha dorsal da economia local em muitas regiões, criando emprego e rendimento para a população. Porém, com a migração de pessoas para os centros urbanos, tem havido um declínio na produção

4. SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. – Cidade e as Serras. *Electra*, Volume 18, Outono 2022, p.6-26.

5. FAO - The State of Food and Agriculture 2018: Migration, agriculture, and rural development. Roma: FAO, 2018, p.XIII.

6. United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division - World Urbanization Prospects: The 2018 Revision. New York: United Nations. [Online] (2019).



Fig 04. Jean-Francois Millet, *Des Glaneuses*, 1857.

alimentar e no aproveitamento dos recursos naturais, que, em casos extremos, poderá conduzir a uma degradação das condições de vida das comunidades, (devido ao abandono destas atividades)⁷.

Além das consequências económicas e ambientais, também devem considerar-se as implicações sociais e culturais do conseqüente territorial. As áreas de cultivo e floresta, os trabalhos, tradições e proveitos que lhes estão associados, são, tantas vezes, a razão de ser e o esteio das comunidades que habitam vilas e aldeias. O declínio das populações rurais pode assim levar à erosão e até à perda de tradições culturais e determinar o enfraquecimento e posterior rutura das ligações sociais, com potenciais impactos negativos, tanto ao nível dos indivíduos que ficarão sem as referências de espaço e lugar como ao nível das comunidades, nas quais prevalecerá um sentimento de isolamento⁸.

É, portanto, essencial encontrar formas de abordar o tema do despovoamento rural de maneira a atenuar os seus efeitos e, talvez, até conseguir, em parte, a reversão dos mesmos, assegurando a permanência e o reforço das comunidades e a viabilidade e sustentabilidade dos sectores da produção e exploração agrícola e florestal, dada a importância e relevância destes sectores.

Esta vontade não é apenas impulsionada pelo estado das comunidades rurais, mas também pela situação das cidades, núcleos sociais em vias de sobrelotação, com inúmeros problemas, no entanto com qualidades de fácil alcance claramente presentes e percecionadas. Deve ainda reconhecer-se e compreender-se que muita da área habitável do país (e do planeta) está à disposição, com recursos naturais elementares facilmente acessíveis, a baixo custo económico, e que, graças aos grandes avanços tecnológicos dos nossos dias, permite desempenhar profissões ditas urbanas em cenários rurais. As oportunidades de trabalho

7. Idem, p. XVIII.

8. HISTCAPE - Cultural Heritage, Landscape & Rural Development Good Practice, Methodology, Policy Recommendations & Guidelines for Rural Communities. 2014, p.8.

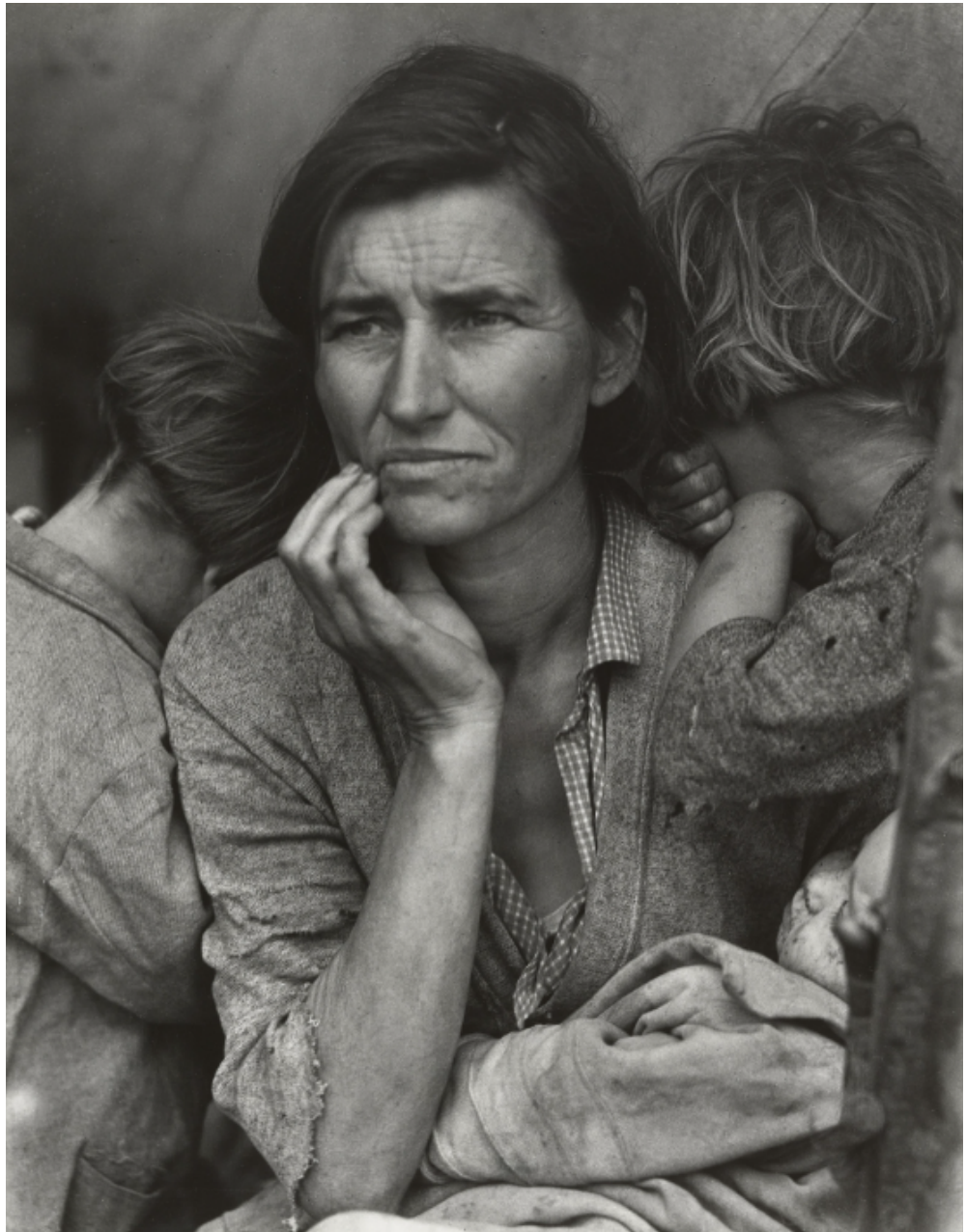


Fig 05. Dorothea Lange, *Migrant Mother*, Nipomo, California, 1936.

à distância, impulsionadas por acontecimentos recentes, levaram a que certos empregos que outrora requeriam localização específica em núcleos sociais, tais como trabalhos ligados à economia, à literatura ou à informática, sejam agora desapegados de espaço físico. A possibilidade de viver de modo autossuficiente no meio rural tem vindo a tornar-se um sonho alcançável para mais pessoas.

Cumulativamente, acredita-se que a arquitetura poderá desempenhar um papel importante na criação de comunidades rurais mais habitáveis e sustentáveis, capazes de atrair pessoas para permanecer, ou simplesmente voltar, e que, por sua vez, poderão contribuir para a produção agrícola e silvícola.

Na presente dissertação, que terá por objeto físico o Lugar da Sarnada, na União das Freguesias de Semide e Rio Vide, concelho de Miranda do Corvo, distrito de Coimbra, em Portugal, explorar-se-á o potencial da arquitetura, como parte de uma estratégia para enfrentar os desafios do despovoamento e as suas consequências, nomeadamente o declínio da produção agrícola e florestal. Na atualidade, o tópico da revitalização do campo através da arquitetura tem uma importância crescente e deve ser encarado através do claro reconhecimento das dificuldades e desafios específicos a que cada comunidade que habita estes espaços tem de fazer face.

Recorrendo a uma abordagem com vários focos, serão examinadas as formas como o projeto arquitetónico pode contribuir para a sustentabilidade e viabilidade dos setores referidos, considerando o reforço do tecido social e cultural das comunidades ditas rurais. A investigação combinará o estudo do local em questão, uma reflexão, a partir da revisão literária, sobre as problemáticas que este tema acarreta, e, conseqüentemente, a proposta projetual como modo de questionamento, formulação de hipóteses e síntese do pensamento.

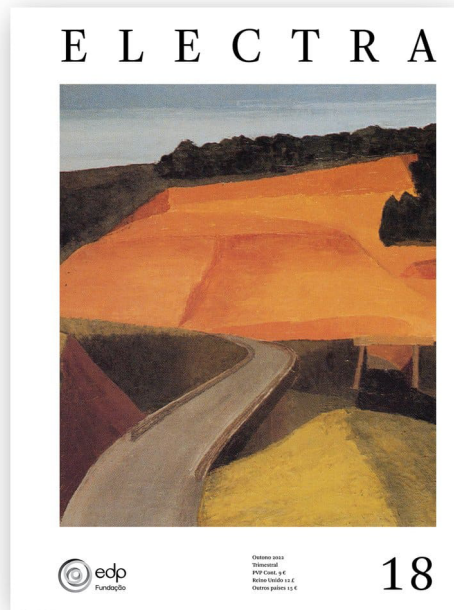


Fig 06. (Cima Esquerda) Capa do livro *Arquitetura Popular em Portugal*.

Fig 07. (Cima Direita) Capa da Revista *Electra* Vol. 18.

Fig 08. (Baixo) Terreno da Sarnada.



Selecionaram-se referências bibliográficas por cada foco específico de estudo - o objeto e o objetivo - a desenvolver, tendo em conta a natureza concreta de cada tema, obras essas que serão usadas como base da análise e reflexão. No estudo do local, a investigação será inspirada pelo conhecimento disponibilizado pelo “Inquérito”⁹. A reflexão sobre as questões em foco neste trabalho será feita em paralelo com o artigo “Campo e Cidade”, da revista *Electra*¹⁰. Também é necessário notar que os casos de estudo usados como referência para o projeto serão de regiões que representam desafios equivalentes e que apresentem resultados atuais perante as estratégias por cada proposto, de modo a permitir uma compreensão lógica de soluções possíveis que possam ser implementadas na proposta.

A população das aldeias circundantes é maioritariamente de uma faixa etária elevada e os habitantes vivem, sobretudo, das suas reformas, necessariamente complementadas ou incrementadas com os produtos da cultura agro-silvo-pastoril. Deve sublinhar-se que existe ainda a particularidade da tradição da troca direta dos bens cultivados como base da economia local persistir.

O terreno da Sarnada constituirá uma tela experimental. A proposta arquitetónica apresentada neste trabalho, que colhe ensinamentos na literatura e em conceitos teóricos e que tem em conta a história, a tradição e as características próprias da Sarnada, terá como objetivo fornecer uma solução exequível e que possa ser efetivamente implementada para fazer face às necessidades específicas da comunidade rural da União das Freguesias de Semide e Rio Vide. A intenção principal é ensaiar possíveis estratégias para inverter a desertificação humana em curso nesta região rural, enquanto se enfatiza a importância de preservar e enriquecer o património natural.

9. Ordem dos Arquitetos - *Arquitetura popular em Portugal*. Vol. 1, 4a Edição, 2004. Lisboa: edição da ordem dos arquitectos, 1961.

10. SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - *Cidade/Campo*. *Electra*, Volume 18, Outono 2022.



Fig 09. Vincent Van Gogh, *Women Picking Olives*, 1889.

Assim, far-se-á uma viagem através do tempo, organizada em três capítulos distintos, mas interligados - “Passado”, “Presente” e “Futuro” - para oferecer uma análise holística e temporalmente contextualizada da arquitetura de uma aldeia rural. A estrutura foi concebida para guiar o leitor através de uma progressão sequencial, começando com os antecedentes históricos e culturais da aldeia no capítulo “Passado”. Esta primeira perspetiva é essencial para entender os desafios e constrangimentos atuais, discutidos no capítulo “Presente”, que se centra nas questões contemporâneas que afetam as zonas ditas rurais. Finalmente, no capítulo “Futuro” apresenta-se um projeto arquitetónico que visa dar resposta aos desafios atuais, respeitando as características únicas da aldeia, sedimentadas e consolidadas no decurso do tempo, numa ideia de desenvolvimento e evolução nos anos vindouros. A opção por esta sequência temporal permite uma compreensão matizada da paisagem arquitetónica e social em evolução e consubstancia uma abordagem adequada para uma dissertação que procura integrar o contexto histórico, os desafios atuais e as possibilidades futuras.



Percentagem da população em área rural e urbana em Portugal

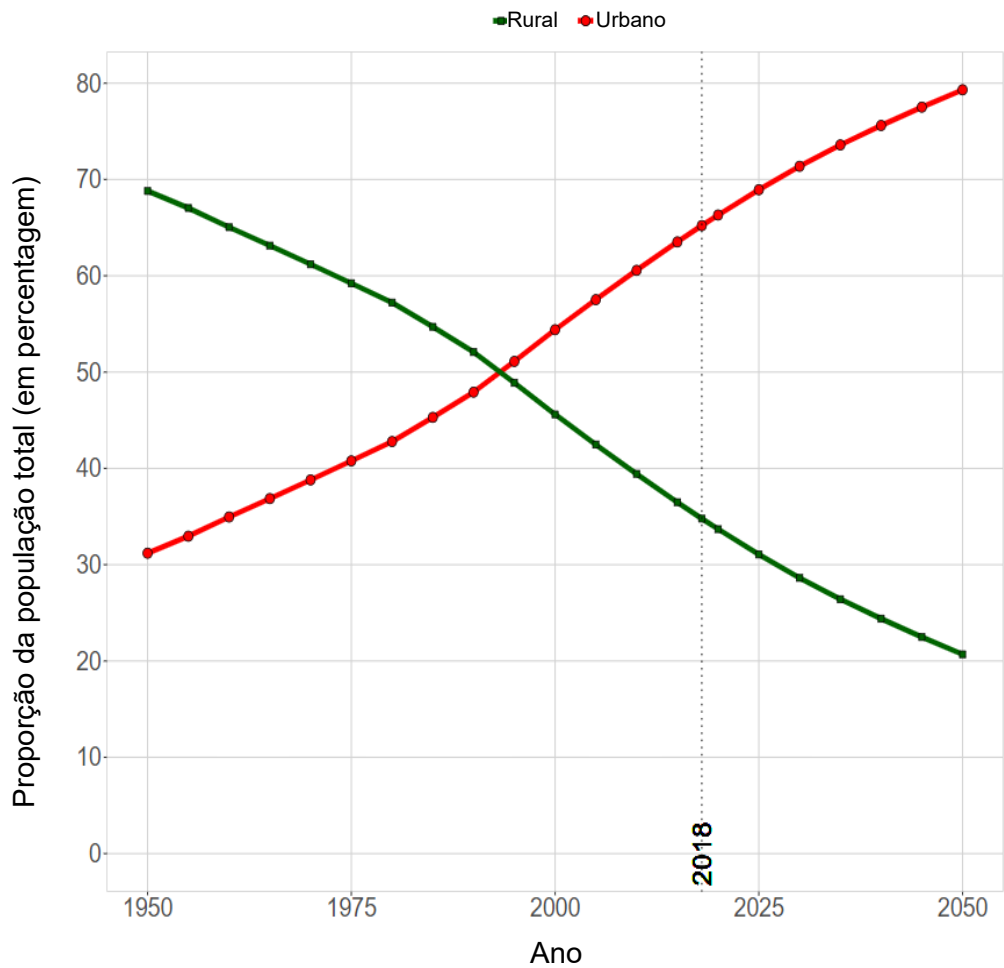


Fig 10. (Cima) Fotografia de habitantes de Rio de Vide na praça central, 1920.

Fig 11. (Baixo) Gráfico da proporção da população em área rural e urbana entre 1950 e 2050 em Portugal (projeção a partir de 2018)

Passado . Aproximação ao lugar

Desde há muito que o despovoamento rural é uma preocupação em Portugal, particularmente nas regiões do interior do país.

Segundo dados do Instituto Nacional de Estatística (INE), a população do distrito de Coimbra tem vindo a diminuir, sobretudo desde os anos 60 do século passado¹¹. A tendência de decréscimo populacional teve, como consequência direta, um declínio notório no aproveitamento dos recursos naturais e na produção de bens agrícolas e florestais, com um forte impacto no tecido social e cultural das comunidades locais.

Neste capítulo caracterizar-se-á a União de Freguesias de Semide e Rio Vide, um possível exemplo da vida rural em Portugal, e focar-se-á principalmente na aldeia de Rio de Vide, um dos maiores núcleos populacionais da freguesia e ilustrativa das aldeias da zona. O caso de estudo não sofreu grandes transformações ao longo do tempo, conservando, de uma forma geral, o aspeto tradicional das aldeias beirãs, as atividades do dia a dia e o espírito ancestral dos habitantes.

Para a elaboração deste trabalho foram necessárias várias visitas ao local e o uso do livro *Arquitetura popular em Portugal*¹², para estudar e interpretar a arquitetura vernacular local. As duas ferramentas tornaram possível uma compreensão complementar e mais abrangente da aldeia. O “Inquérito” permitiu o entendimento de conceitos base, das respetivas origens e das influências envolventes. Em paralelo, foi fundamental o reconhecimento presencial,

11. INE – Censos 2021. Portal do INE [Online] (2023).

12. Ordem dos Arquitetos - *Arquitetura popular em Portugal*. Vol. 1, 4a Edição, 2004. Lisboa: edição da ordem dos arquitectos, 1961, p.217-335.



Fig 12. (Cima)
Entrevista a José
António Martins
Simões (conf.
transcrição da
entrevista 1, anexos
pág. 161)



Fig. 13. (Centro)
Entrevista a Maria
Lúcia Ferreira e
Manuel Silva Lopes
(conf. transcrição da
entrevista 2, anexos
pág. 167)



Fig 14. (Baixo)
Entrevista a Alice
de Paiva Ferreira
(conf. transcrição da
entrevista 3, anexos
pág. 175)

através de diálogos informais¹³, para a perceção das especificidades da região, os aspetos e detalhes particulares que diferem de terra em terra. Também este serviu para a compreensão sociológica e antropológica da comunidade. As entrevistas gravadas para este fim foram feitas a habitantes com interesse para o tema em questão, ou seja, que tivessem alguma ligação ao terreno da Sarnada, pessoas que lá trabalharam ou antigos proprietários de lotes do mesmo. Os dados recolhidos nestes diálogos não têm um carácter definitivo, mas permitem a construção de algum conhecimento, que, ainda que naturalmente tendencioso, dá a segurança no olhar sobre a realidade local, o possível numa dissertação com as características desta.

13. Exertos das entrevistas em anexo, pág 160

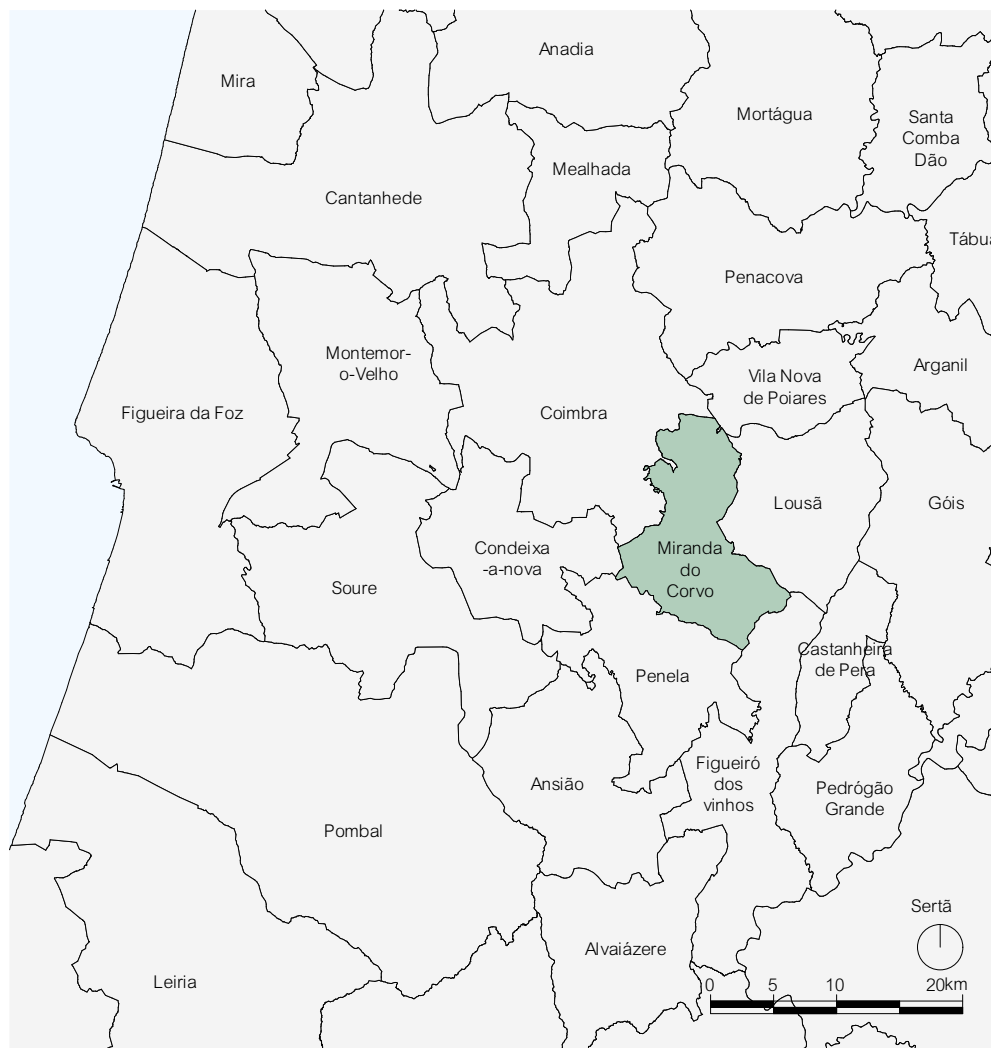


Fig 15. (Cima) Planta de localização territorial do município de Miranda do Corvo relativamente à zona centro de Portugal.

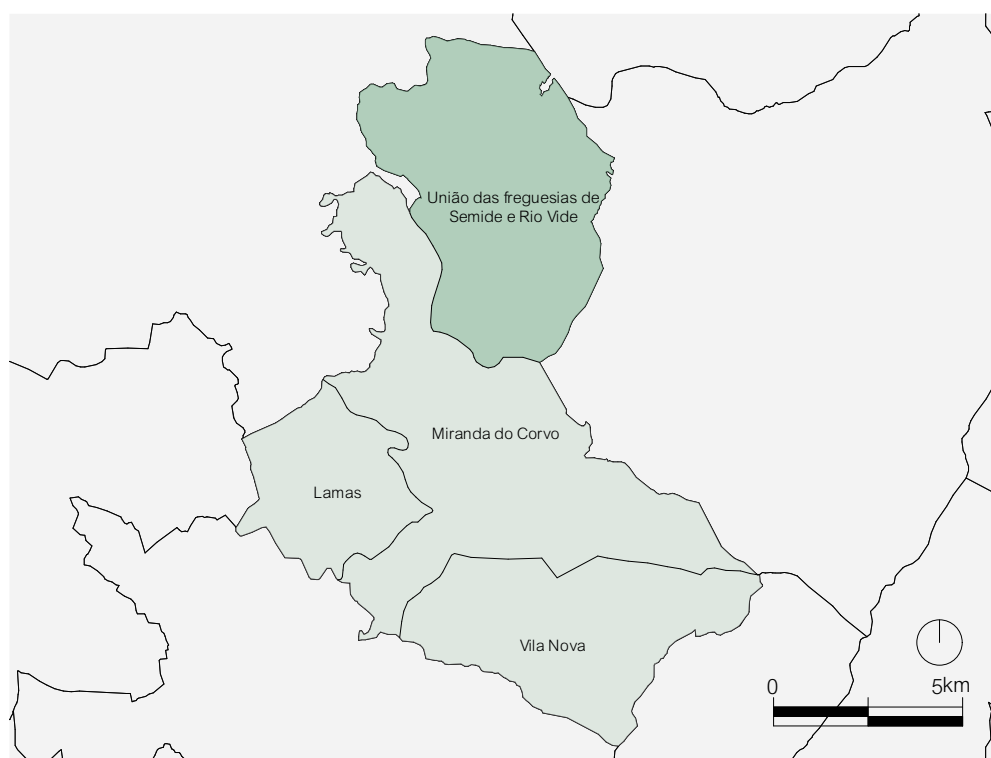


Fig 16. (Baixo) Planta de localização territorial da União das freguesias de Semide e Rio Vide relativamente ao município de Miranda do Corvo.

Passado . Aproximação ao lugar

Rio de Vide

“Está tudo a ficar uma miséria. Eles hão-de querer comer qualquer dia e hão-de arrancar as silvas e os salgueiros que estão por lá abaixo se quiserem comer.”

José António Martins Simões,
habitante de Rio de Vide¹⁴.

Segundo os locais, a atividade agrícola tem sido abandonada, não só pelo decréscimo populacional e pela maior oferta de trabalho nos núcleos urbanos, as grandes cadeias de distribuição alimentar, mas também pela falta da passagem do conhecimento essencial, ou seja, as últimas gerações não têm ensinado aos descendentes como fazer e o que fazer nos terrenos agrícolas e as novas gerações não tem querido, ou podido, aprender.

A União de Freguesias de Semide e Rio Vide, com uma área de 37,30 km², localiza-se, como atrás se indicou, no concelho de Miranda do Corvo, distrito de Coimbra, situando-se na zona centro de Portugal. Em 2011 tinha uma população de 3.676 habitantes¹⁵. A zona em questão encontra-se na região montanhosa da Beira litoral, também denominada “Pinhal Interior”, conhecida pelo seu terreno acidentado e caracterizada por picos elevados e paisagens rochosas, tradicionalmente habitada por uma população dispersa, estabelecida em locais isolados e de difícil acesso, que proporcionam proteção e segurança naturais, usualmente conjugados com acesso a rios, pastos e florestas¹⁶.

Afirmção de José António Martins Simões de forma irónica devido ao facto de estas serem plantas não comestíveis, de crescimento espontâneo. Isto foi dito no sentido de ser necessário voltar a cultivar a terra para ter alimentos.

14. Ver anexos: excertos das entrevistas – entrevista 1

15. Site oficial da união de freguesias de Semide e Rio Vide.

16. Ordem dos Arquitectos - Arquitectura popular em Portugal. Vol. 1, 4a Edição, 2004. Lisboa: edição da ordem dos arquitectos, 1961, p.261-262.

Vale de Colmeias

Segade

Semide

Ribeira

Sr. da Serra

Granja

Vale de Marelo

Rio de Vide

Gaiate

Casal das Cortes

Pedreira

Vidual

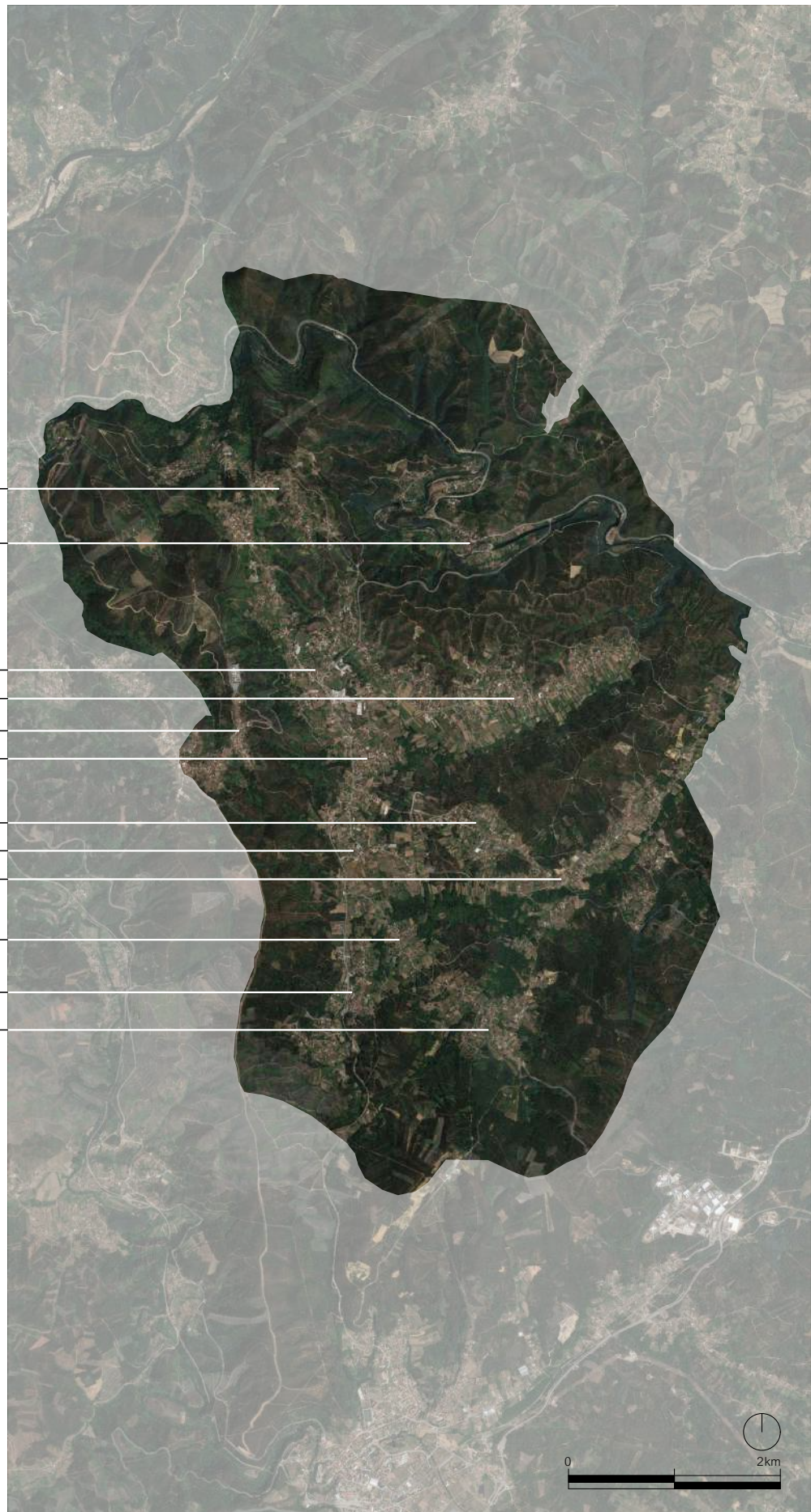


Fig 17. Planta de da União das freguesias de Semide e Rio Vide e os principais povoamentos.

Aqui as terras são fracionadas, marcadas por numerosas e por vezes ilógicas divisões geométricas, seja por herança, ou para acomodar serventias ou cursos de água pré-existentes, ou sem qualquer justificação clara, o que resulta numa paisagem fragmentada, que desafia a fácil categorização¹⁷.

A região tem um clima árido. Durante os meses de verão as temperaturas podem atingir os 37.º C. Em contrapartida, os meses de inverno trazem temperaturas baixas, muita chuva, ventos fortes e geadas e até a possibilidade de nevar no cimo das serras.

Estas características representam um desafio para o cultivo de culturas. Acresce que devido à escassez de água na região, as oportunidades para a criação de hortas são limitadas¹⁸. A policultura de sequeiro é o método de cultivo predominante¹⁹, sendo o milho, a vinha e a olival as culturas mais comuns. Além disso são cultivadas várias árvores, como o pinheiro, o carvalho, o sobreiro e o castanheiro²⁰. Mais recentemente, o cultivo do eucalipto tem vindo a popularizar-se nesta zona.

Devido a estas condições climáticas, viver em casas tradicionais e desempenhar os trabalhos agrícolas, os comuns alicerces da vida local, são tarefas bastante desafiantes e penosas²¹. Mas mesmo considerando as adversidades, as pessoas da Beira Litoral são há muito conhecidas pelo seu espírito determinado. Apesar das dificuldades e agruras de viver numa área menos fértil, muitas pessoas das gerações anteriores escolheram ficar na região e aproveitar ao máximo o pouco que a mesma tinha para oferecer. Das suas incómodas habitações, seguiam para trabalhar incansavelmente nos campos, confiando unicamente na sua própria força e persistência para superar as mais duras condições climatéricas. Esta natureza firme dos habitantes e algum isolamento, face a

17. Idem, p.226.

18. Idem, p.261-262.

19. Idem, p.222.

20. Idem, p.222-224.

21. Idem, p.224.



Fig 18. Habitantes de Rio de Vide durante a colheita do milho, 2018.

outras regiões do país, levou à estagnação dos processos da produção agrícola e da exploração silvícola, bem como das metodologias de construção²².

De notar que nas aldeias desta freguesia, como nalgumas outras da Beira Litoral, o espírito comunitário, principalmente no que diz respeito à alimentação, muitas vezes por razões de alguma fragilidade económica, mas que se manteve até hoje. Em alguns lugares a troca e/ou compra direta de bens entre vizinhos ainda é uma base relevante da economia local, geradora de benefícios económicos e possibilitando o acesso a uma maior variedade de produtos. Este espírito de partilha também se reflete no estilo de vida dos habitantes, existindo uma grande entreaajuda na atividade agrícola. As sinergias criadas nos trabalhos agrícolas e florestais representam uma mais-valia para os habitantes.

Esta organização social também influencia a organização espacial. A entreaajuda no cultivo cria uma espécie de parceria mais ampla, que se reflete inclusivamente na construção de habitações, consubstanciada, tantas vezes, pelo uso comum de uma parede, ou de um telhado que aglomera várias unidades habitacionais²³.

Tradicionalmente, a produção agro-pastoril das famílias acontecia em pequenas parcelas de terra, quintais ou hortas, que ficavam geralmente muito próximos, atrás da habitação, para um fácil acesso aos alimentos. Esta abordagem assentava numa colaboração ativa entre os membros da família, que trabalhavam em conjunto para cultivar a terra e criar os animais. Cada habitação teria assim a sua autonomia, funcionando como um pequeno sistema quase fechado de produção direta. A partilha de resultados e a cooperação entre os membros da família eram parte integrante deste sistema agrícola, assente numa gestão eficaz dos recursos e na utilização otimizada das terras disponíveis²⁴.

22. Idem, p.298.

23. Idem, p.228 & 273.

24. Idem, p.309.

- 1. Pátio
- 2. Arrecadação
- 3. Curral
- 4. Telheiro
- 5. Varanda
- 6. Cozinha
- 7. Sala
- 8. Quartos

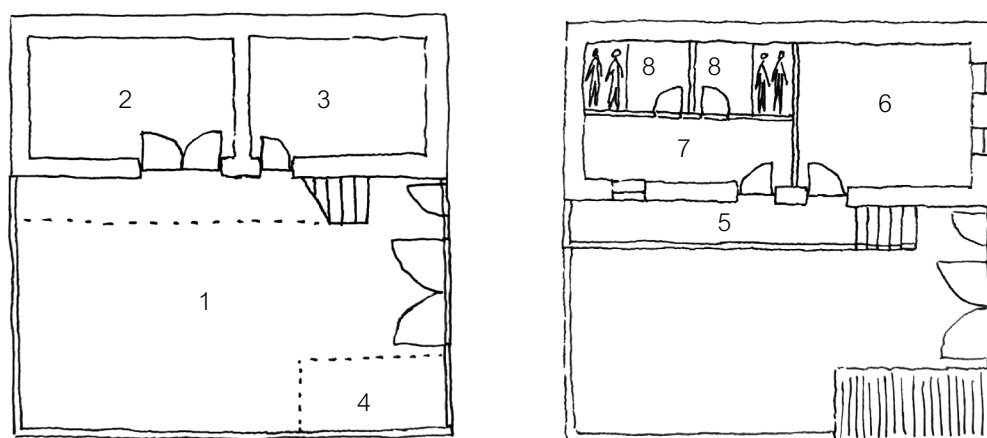


Fig 19. (Clima) Planta de uma habitação tradicional da Beira Litoral.

Fig 20. (Baixo) Casa tradicional na aldeia de Rio de Vide.

Sobre o tema da habitação, é necessário notar que as casas da Beira são, na sua conceção, tipicamente influenciadas por considerações práticas, tais como o custo e a disponibilidade de materiais, algo comum em toda a arquitetura popular. A construção de habitações é realizada com muito pouco ou até nenhum desenho pré-determinado (nota-se uma possível tentativa de criar uma planta quadrada ou retangular, mas adaptada ao terreno), para dar resposta imediata às necessidades do momento e condicionada pelo ambiente natural. Frequentemente, as estruturas existentes servem de apoio a novas construções, por vezes com espaços abertos, criando pátios ou veredas e caminhos.

Adicionalmente, as habitações tradicionais da Beira são normalmente concebidas com dois andares, têm frequentemente pequenas aberturas para luz natural e ventilação e pode não ter uma chaminé. Outro traço distintivo da arquitetura desta região é a presença de varandas alpendradas²⁵.

Nas casas, o andar superior é acedido externamente e utilizado para viver e o andar térreo destina-se aos animais domésticos e a armazenamento. Em termos de utilização do espaço dentro dos próprios edifícios, era comum que cerca de metade da área coberta fosse destinada aos animais domésticos, a armazenamento de materiais agrícolas e de alimentos, tanto para as pessoas como para os animais. De um modo geral, as dimensões dos pátios e alpendres nas habitações são definidas de modo a permitir acomodar as carroças de bois e outras alfaias agrícolas, o que significa que na maioria das vezes a dimensão destes espaços foi baseada em considerações eminentemente práticas²⁶. Isto reflete a importância da agricultura e da criação de animais como aspetos chave da vida quotidiana na região e realça a estreita relação entre o ambiente construído e as práticas e as vivências das pessoas que o habitam²⁷.

25. Idem, p.273.

26. Idem, p.273.

27. Idem, p.261.



Fig 21. Rio de Vide visto do topo da igreja.

As zonas habitáveis das casas são tipicamente constituídas por uma única divisão, na qual se cozinhava e também se dormia. As paredes são de pedra ou adobe, e o interior das casas, incluindo a estrutura do telhado e o mobiliário, é feito de madeira proveniente das florestas próximas²⁸.

Um aspeto crucial da arquitetura tradicional da Beira é a utilização eficiente do espaço. Como os edifícios são, em regra, pequenos e simples, cada canto disponível é utilizado em toda a sua extensão. Por exemplo, o espaço por baixo das escadas é frequentemente usado para armazenamento de lenha ou para pequenos capoeiros. Esta abordagem reflete a importância dos recursos e do espírito prático na realidade local, onde tirar o máximo partido dos recursos limitados é essencial para a sobrevivência²⁹.

O clima muitas vezes agreste desta região, que atrás se referiu, torna evidente a necessidade e a relevância do aquecimento gratuito pelo sol. Como resultado, a varanda tornou-se um elemento característico e indispensável da arquitetura Beirã. A orientação da varanda é crucial, sendo normalmente virada para sudoeste, para maximizar o número de horas de luz solar que recebe, e nunca voltada para norte³⁰. No século XIX, quando era economicamente viável, começou a usar-se vidro nestas varandas, cobrindo toda a fachada, de cima a baixo³¹. Os alpendres também são habituais, principalmente devido às fortes chuvas que ocorrem. Estes dois elementos característicos - varandas e alpendres - concebidos e desenvolvidos para fazer face ao clima desafiante da região, têm um papel significativo na arquitetura da Beira³².

Pensa-se que o clima também potenciou o desenvolvimento de modos ou métodos particulares de construção, concebidos para proteger os edifícios contra intempéries e outros perigos potenciais, sendo disso exemplo a utilização de telha serrana no revestimento de

28. Idem, p.295.

29. Idem, p.289 & 292.

30. Idem, p.291.

31. Idem, p.292.

32. Idem, p.288.



Fig 22. (Cima) Casa na Rua Central no fundo de uma fotografia de 1930.

Fig 23. (Centro) Casa na Rua central em 1960.

Fig 24. (Baixo) Casa na Rua Central em 2023.

fachadas. Contudo, é também possível que esta prática de construção seja simplesmente o resultado da repetição, ou da economia de materiais³³.

Porém, há alguns elementos que podem ser considerados visualmente atrativos. A volumetria das casas, a proporção das fachadas, a forma e colocação das janelas e portas e o desenho da varanda podem ser todos percebidos como propriedades que conferem apelo visual às casas. A simples falta de rigidez geométrica nas aberturas pode contribuir efetivamente para um aspeto mais orgânico e natural do edifício³⁴.

Atualmente, as casas existentes, são, na sua maioria, edificações em avançado estado de degradação, ou modificadas com pouca sensibilidade pela cultura e pela arquitetura vernacular local, sem qualquer tentativa de preservar as características tradicionais, mas de notar que são transformações em busca de melhores condições de habitabilidade. As construções recentes, que demonstram igual desapego, traduzem uma variedade de arquiteturas já introduzidas na região, que não podem ser ignoradas.

Por outro lado, as práticas de construção espontânea resultam na ausência de uma estrutura urbana bem definida e representam desafios significativos para o planeamento e gestão do espaço público³⁵. Rio de Vide é um exemplo comum da organização tradicional das aldeias, nas quais os largos são o resultado de um desejo de deixar espaço nos lugares onde existem referências comunitárias significativas, tal como igrejas, fontanários ou pontos de socialização³⁶.

A principal aldeia desta freguesia é a aldeia de Semide. No entanto, o foco do trabalho será na região mais a sul, no que seria a antiga freguesia de Rio de Vide, onde a maior aldeia é Rio de Vide. De acordo com os últimos dados dos Censos de 2011, a anterior freguesia de Rio de Vide tinha uma população de aproximadamente 813 habitantes³⁷. A aldeia é rodeada por florestas e colinas e banhada pelo

A antiga freguesia de Rio de Vide pertenceu, até 1839, ao concelho de Lousã. A partir do ano de 1840 passou a fazer parte do concelho de Semide extinto em 1853. Nessa altura, Rio de Vide e Semide tornaram-se freguesias integrantes do concelho de Miranda do Corvo. Na reorganização administrativa de 2013 (Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro: Reorganização administrativa do território das freguesias. Diário da República, 1.ª Série, n.º 19, Suplemento, de 28/01/2013), estas duas freguesias foram agregadas, surgindo a atual União de Freguesias de Semide e Rio de Vide.

33. Idem, p.230, 231 & 234..

34. Idem, p.232.

35. Idem, p.237.

36. Idem, p.237.

37. Site oficial de União de Freguesias de Semide e Rio de Vide.



Fig 25. (Cima) Capela de São Caetano em 1953



Fig 26. (Baixo) Capela de São Caetano em 2023

Rio Ceira e pelo seu afluente, o Rio Corvo, ou Dueça, plena de paisagens bucólicas, que oferecem uma oportunidade para explorar a beleza natural da zona e tornam a aldeia um destino propício para o turismo de natureza.

A organização espacial de aldeias como Rio de Vide apresenta vários aspetos interessantes. Uma das principais características é o domínio da igreja, tão comum nas aldeias portuguesas³⁸. A arquitetura deste local é geralmente simples, exceto no caso de edifícios religiosos, que apresentam um desenho mais rico³⁹. No largo central, lugar por excelência de socialização e onde confluem vários caminhos⁴⁰, há a Capela de São Caetano, que é a construção mais antiga da aldeia e das redondezas, o chafariz, o café e a mercearia. Este largo configura um alargamento espontâneo do espaço público, determinado pela função de cada um dos elementos indicados e torna-se o centro do povoamento.

No que se refere à organização dos núcleos populacionais, esta depende não só da geografia, mas também da qualidade das terras agrícolas e da abundância de água. Em zonas pedregosas e secas os edifícios são geralmente dispostos de forma mais ampla e os espaços de circulação são mais generosos. Se a terra for fértil, os edifícios são mais concentrados de modo a preservar a terra⁴¹. O terreno seco de Rio de Vide determinou uma maior disseminação de núcleos residenciais e a população em cada polo é menor do que o habitual em Portugal, quase não existindo construções entre os vários núcleos.

O solo da aldeia é formado por uma mistura de arenitos, argilas e calcários. A combinação destes elementos resultou numa composição única, indicativa da área específica⁴². O calcário é o material prevalecente e pode ser encontrado em muitas das casas mais antigas da aldeia, bem como na pequena capela central, o edifício mais antigo da zona, que apresenta um pilar rudimentar

Historicamente esta aldeia nasceu no local onde foi criado o Hospital da Lepra de Coimbra, longe da cidade, devido ao receio de contágio da doença. O hospital foi construído segundo o desejo de D. Sancho I, em 1210. O nome da aldeia tem origem num rio próximo, conhecido como Rio Torto, atualmente Rio Corvo, cujas águas se acreditava terem propriedades curativas, sendo muito procuradas por indivíduos que sofriam de lepra. Por isso o rio passou a ser designado “Rio da Vida”.

Rio de Vide é conhecida pela sua história e património cultural e pela sua cozinha tradicional. A aldeia alberga vários edifícios históricos, nomeadamente a Igreja de São Tiago, referência nos peregrinos de Santiago de Compostela, que data do século XVIII, a Capela de São Caetano e a Capela de Nossa Senhora da Agonia. A aldeia tem também uma série de ruas de empedrado e casas tradicionais, que exibem a sua arquitetura vernacular. (informação disponibilizada no Site oficial de União de Freguesias de Semide e Rio Vide).

38. Ordem dos Arquitetos - Arquitetura popular em Portugal. Vol. 1, 4a Edição, 2004. Lisboa: edição da ordem dos arquitectos, 1961, p.231.

39. Idem, p.244.

40. Idem, p.271.

41. Idem, p.263 & 266.

42. Idem, p.223.



Fig 27. (Cima) Casa em Rio de Vide revestida a telha.



Fig 28. (Baixo) Quinta da Dona iria, Rio de Vide.

feito inteiramente desta rocha. Outro material de construção comum são os grandes seixos rolados, muitas vezes unidos com argamassa de barro para a construção de paredes exteriores. Muitos exemplos deste tipo de materialidade podem ser vistos na aldeia⁴³. O barro também é abundante e é regularmente utilizado na produção de telhas e adobe. A existência de uma antiga fábrica de tijolos nas proximidades demonstra a grande importância do uso deste material na construção local. Voltando ao uso de telha como revestimento de fachadas, este método peculiar também evidencia o fácil acesso ao barro. No cimo das serras encontram-se grandes quantidades de ardósia, que ainda que pouco usada na construção local, cria um evidente contraste visual, através da elevação da paisagem.

Esta região é um caso exemplar de Portugal não centralizado, dos espaços com baixo teor de população, e das suas ligações ainda muito fortes com o passado. No entanto, seria impossível estas áreas ficarem congeladas no tempo, pelo que se reconhece adaptações necessárias à atualidade. São sinais de mudança de paradigma nos quais se reconhece, por exemplo, a influência da disseminação do automóvel. Este veículo foi motivo de grandes transformações na organização espacial dos lugares, impondo a adaptação das vias de circulação. Porém, em Rio de Vide não houve possibilidade, necessidade e/ou vontade de mudanças significativas, existindo uma nova estrada que passa tangencialmente à aldeia e que liga várias outras aldeias, continuando cada núcleo a ter arruamentos estreitos⁴⁵.

Em contrapartida da determinação e perseverança das gerações mais antigas, a União de Freguesias de Semide e Rio Vide localiza-se a 25Km a sudeste de Coimbra, um dos maiores centros urbanos nacionais, pelo que, as gerações mais recentes têm vindo a procurar emprego nesta cidade, transformando a aldeia em zona residencial, quer seja permanente, quer apenas uma segunda habitação.

É ao período da ocupação romana que se deve o emprego das telhas em cobertura em Portugal, formas de disposição de pedras em parede, os pátios rurais e a pavimentação em pedra, sistemas construtivos ainda empregues na aldeia de Rio de Vide⁴⁴.

43. Idem, p.282.

44. Idem, p.273.

45. Idem, p.272.



Fig 29. Habitantes de Rio de Vide com cântaros em 1940.

Isto levou a uma rápida diminuição da exploração agrícola e silvícola, quer por escassez de mão-de-obra, quer porque na atualidade estas atividades são apenas uma fonte complementar e subsidiária de produtos e rendimentos.

Também os terrenos circundantes desta aldeia se encontram maioritariamente abandonados. O que teriam sido terras de cultivo são agora espaços invadidos por vegetação selvagem com uma altura desmedida, por falta de qualquer tipo de cuidados mínimos. Os proprietários atuais da maior parte destes terrenos maltratados nem sabem reconhecer o que lhes pertence, por causa do desapego das últimas gerações quanto a tudo o que à agricultura e silvicultura diz respeito.

Continuando esse percurso, um lagar em Rio de Vide foi recentemente modernizado e convertido em unidade hoteleira, numa clara intenção de revitalização da aldeia. Segundo o projeto do proprietário Ermindo Dias, pretendeu-se reabilitar a casa de família, o lagar e ainda criar um restaurante e um espaço para prova de vinhos⁴⁶. A nomeada Quinta da Dona Iria abriu ao público em 2022, aparentemente com grande sucesso.

Rio de Vide é um espaço exemplar de um certo “Portugal esquecido”, um lugar com vivências e tradições únicas, mas que se têm vindo a perder ao longo do tempo, principalmente a partir de há três gerações atrás. Ao analisar exemplos como este, é difícil negar um sentimento de tristeza, ao ver uma população envelhecida e ao ouvir as histórias do que a aldeia outrora teria sido. Para salvaguardar estes espaços da extinção é preciso atuar. Assim, começa-se uma reflexão e um trabalho sobre como poderá a Arquitetura participar nesse desígnio.

46. Site oficial da quinta da Dona Iria.

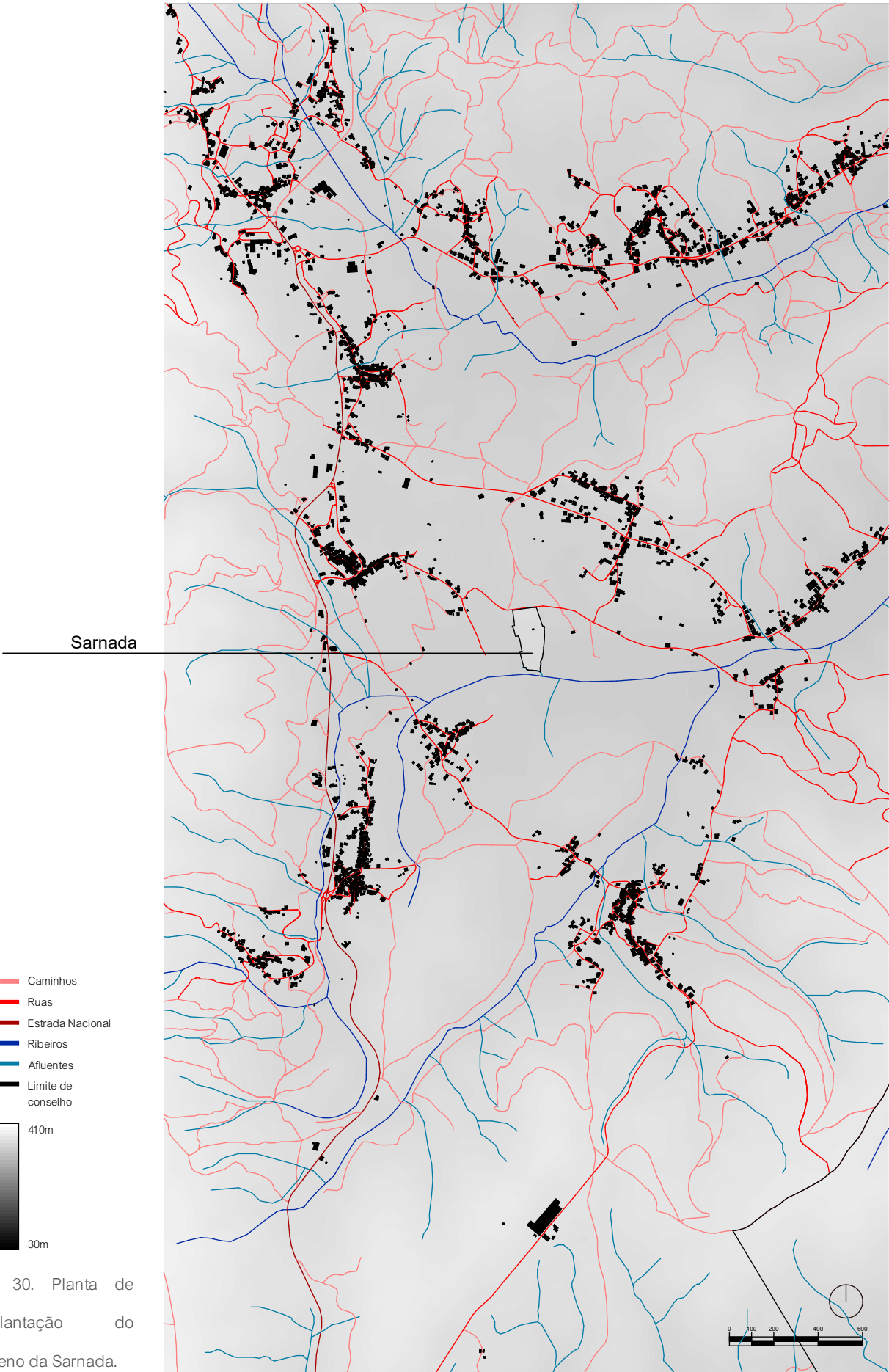


Fig 30. Planta de
 implantação do
 terreno da Sarnada.

Passado - Aproximação ao lugar

Sarnada

“Proteger e conservar o genius loci significa, de facto, concretizar a sua essência em contextos históricos sempre novos. Poderíamos também dizer que a história de um lugar deve ser a sua “autorrealização”.”

Christian Norberg-Schulz⁴⁷

Pretende-se que o projeto que está no cerne deste trabalho seja desenvolvido no terreno da Sarnada, denominado deste modo pelos habitantes locais por razão desconhecida. A propriedade fica no extremo da aldeia de Rio de Vide e próxima das aldeias de Casal das Cortes, Pisão e Vale de Marelo. O local está rodeado pela Serra da Lousã e pela Serra do Senhor da Serra e a paisagem é marcada por uma ideia de infinita ruralidade. Está suficientemente longe das aldeias mais próximas para garantir toda a privacidade e isolamento, mas é de fácil acesso, como é fácil o acesso a partir do local a toda a região. Atualmente a Sarnada tem apenas um proprietário, que ao longo de vários anos conseguiu juntar trinta parcelas contíguas de terreno numa única propriedade, com uma área total de 3.1 hectares e uma inclinação média de 6% em direção a sul.

A propriedade é delimitada a norte pela Estrada do Pisão e a sul por um pequeno ribeiro, afluente da Ribeira do Tapado. Dos lados nascente e poente as linhas divisórias são caminhos e serventias para acesso às parcelas adjacentes, não pertencentes ao núcleo da Sarnada.

A sul dos limites do terreno, a pouca distância, existe um grande reservatório de água, construído nos anos 90

47. NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture. 1ª edição. Nova Iorque: Rizzoli, 1980, p.18. Traduzido do inglês pela autora. “To protect and conserve the genius loci in fact means to concretize its essence in ever new historical contexts. We might also say that the history of a place ought to be its “self-realization”.”

Rua em
direção ao centro
de Rio de Vide

Atual ruína

Limites do terreno

Afluente da ribeira
do Tapado

Reservatório
de água

Fig 31. Planta da
implantação do
terreno da Sarnada.



0 5 10 15 20 30 40 50

do século passado, destinado ao apoio ao combate dos fogos florestais por meios aéreos, que confere uma maior segurança a toda a zona envolvente e é um local que proporciona agradáveis momentos de lazer e permite a prática de pesca desportiva.

Neste momento há uma única exceção à continuidade da propriedade, uma área reduzida que ainda não foi possível adquirir, no centro-poente. Em muitos casos, pequenas parcelas têm muitos proprietários, com propósitos diversos, ou, noutros casos, os donos são desconhecidos, pelo que o processo de aquisição de terras é, amiúde, complexo, moroso e difícil. Contudo, o proprietário da Sarnada está a diligenciar, com convicção e ativamente, no sentido da aquisição da parcela em falta, pelo que a mesma é já considerada neste trabalho de forma a elencar-se com o terreno da forma mais natural possível, ou seja, a possibilidade de a propriedade aumentar nunca foi posta em causa, antes tomada em consideração.

Nem sempre a Sarnada teve a mesma configuração, já que, como atrás se referiu, resulta da junção de trinta parcelas, que pertenciam a vários proprietários. A história conhecida como *As Guerras da Sarnada* nasce de um desentendimento entre herdeiros do terreno por causa da gestão e do uso da água. Há quatro gerações, a Sarnada terá sido sensivelmente como é hoje, uma propriedade única, que pertencia a Manuel Marques Ferreira.


Este primeiro proprietário teve sete filhos, seus herdeiros. Porque o terreno era tão diverso nos tipos de solo, e para que não houvesse diferenças entre os descendentes, Manuel Marques Ferreira decidiu dividi-lo em vinte e uma parcelas, atribuindo a cada um dos filhos três parcelas, cada qual numa zona distinta da propriedade.

Nessa época havia uma grande charca nos terrenos a noroeste, que ficou para os herdeiros aos quais foram atribuídas as parcelas que a dita charca ocupava. No entanto,

A história do terreno é baseada em entrevistas e conversas informais com os habitantes da zona de Rio de Vide. É necessário reconhecer que a veracidade dos factos é um pouco subjetiva, sendo que não é possível comprovar as histórias. No entanto, ao cruzar as várias conversas, reconhece-se a repetição dos factos (com mais ou menos detalhe), o que pode levar a crer que sejam verídicas. Ver anexos: excertos das entrevistas.

Os membros da família tinham a alcunha de “Papas”, porque Manuel Marques Ferreira se parecia com o Papa da época e porque tinha dois irmãos padres.




 Ana da Conceição


 Maria Adelina


 Manuel Marques
 Ferreira (filho)


 Daniel
 Marques Ferreira


 João Marques
 Ferreira


 Diamantino
 Marques Ferreira


 Maria da Conceição

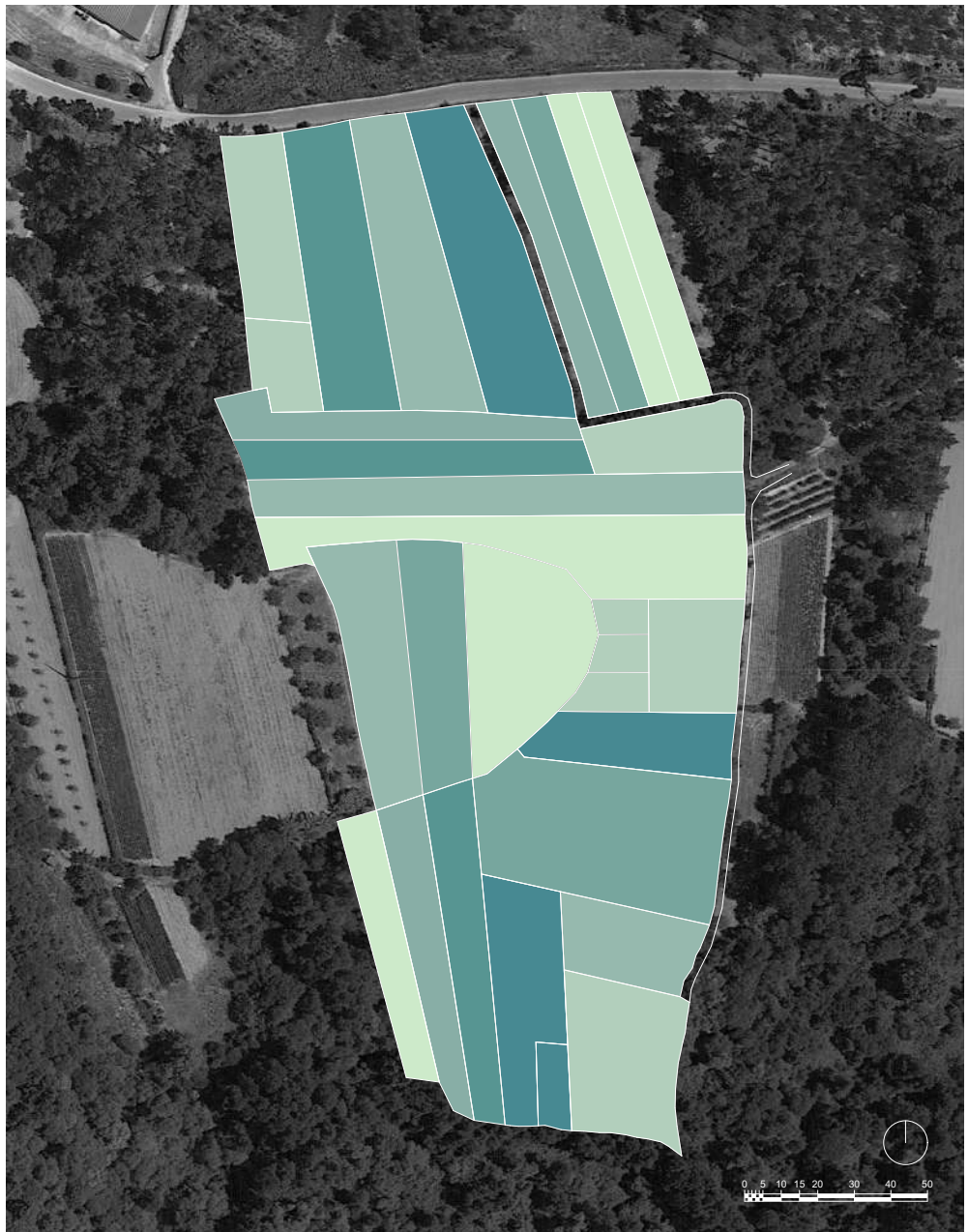


Fig 32. (Cima) Quatro dos sete irmãos Ferreira em 1920.

Fig 33. (Baixo) Planta da divisão parcelar do terreno entre os herdeiros.

os irmãos que ficaram com os terrenos imediatamente a sul contestaram o facto de não poderem usar a água da charca, absolutamente necessária para as suas atividades agro-silvícolas. O uso da água nos terrenos a sul, sem o consentimento dos donos da charca, gerou fortes conflitos, tendo até sido criado um poço nos terrenos vizinhos, pelos herdeiros indignados, para que a água fosse desviada da charca. Todavia, o objetivo não foi alcançado e o poço foi destruído logo depois de ter sido aberto.

Mais tarde alguns herdeiros repartiram as suas propriedades pelos respetivos filhos. Na terceira geração os conflitos persistiam, e vários membros da família construíram valas de escoamento, sempre na disputa pela água. Um dos familiares decidiu inclusive avançar com um processo judicial contra tios e primos, por estar convencido de que havia usurpação de água para os terrenos contíguos. O resultado caricato desta iniciativa foi que teve de vender a terra para a qual queria a água para pagar os custos da ação.

O desfecho destas “guerras” por causa da água, que duraram décadas, foi o afastamento dos membros da família, o fracionamento do terreno e a morte (acidental) de um dos irmãos. Surpreendentemente, e volvidos mais de oitenta anos, as várias parcelas do terreno voltaram a estar unidas, agora nas mãos de um bisneto de Manuel Marques Ferreira e com uma grande abundância de nascentes e charcos em toda a sua extensão.

O primeiro proprietário, Manuel Marques Ferreira, mandou edificar, há mais de oitenta anos, uma pequena construção simples, de dois pisos e de telhado de duas águas em telhas serranas, na zona norte, e a atual ruína resulta dessa construção. Não existe vestígio ou relato de uso da mesma como habitação, antes como edifício de apoio ao trabalho agrícola. Servia como abrigo para os bois de lavoura, pelo que existia uma manjedoura no seu interior.



Fig 34. Ruína atual no terreno da Samada.

O piso superior funcionava como palheiro e espaço de descanso e refeições.

Esta pequena construção foi comprada por um dos netos do seu criador ao respetivo herdeiro, tio do adquirente, pela necessidade do seu uso como abrigo para animais. Todavia, a compra foi somente da construção e não incluiu o terreno onde esta se encontrava, ou seja, o edifício estava em terreno alheio e apenas por terreno alheio o proprietário chegava ao seu edifício. Estas contingências estiveram na origem de uma ação judicial, resolvida num julgamento *in situ*, com a presença, no local, do juiz, dos advogados, das testemunhas e das partes, julgamento que arrastou uma multidão incomum para o lugar e para a época. Todos reunidos no terreno da Sarnada, foi proferida sentença que obrigou o proprietário do edifício a comprar a parcela onde este estava implantado e o proprietário da parcela a vendê-la ao primeiro.

De notar que as estruturas do segundo piso e do telhado eram totalmente em madeira e as fachadas feitas em adobe, caiado de branco. Haveria também, perceptível através das marcas na parede deixadas pelo tempo, um telheiro do lado poente da casa. Um detalhe peculiar é que, a sudeste, o cunhal é forrado a telhas ao longo de toda a altura da fachada. Não se sabe se a esquina nordeste era também revestida a telhas, por esta já não existir e não haver memória da mesma, mas propõe-se a hipótese de este detalhe servir de reforço estrutural e impermeabilizante devido aos ventos e chuvas de este. De facto, foram encontrados outros exemplos de utilização de telha como revestimento na mesma aldeia, usada para cobrir fachadas inteiras. Como atrás se mencionou, acredita-se que este seja um método local.

Ao fim de algumas décadas a construção foi votada ao abandono e passou a ser utilizada livremente pelos habitantes da aldeia e por escuteiros que lá acampavam.



Fig 35. (Cima)
Maquete do terreno
da Sarnada no estado
existente.



Fig 36. (Baixo) Interior
da ruína na Sarnada.

Atualmente mantém-se a fachada sul, com as portadas das janelas e porta em madeira, e as fachadas nascente e poente. A fachada norte, o telhado, a divisão entre pisos e as escadas já colapsaram.

Vale a pena notar que nas ruínas da Sarnada se percebe uma diferença notável na disposição interior da casa, em função do propósito para o qual foi concebida, comparativamente com as habitações vernaculares da zona. Em vez de escadas de pedra no exterior da construção, existiam escadas de madeira no interior para acesso à área de armazenamento de bens e de descanso. O piso inferior servia para guardar as ferramentas e alfaias e para abrigo dos animais e o piso superior estava dividido entre arrecadação de palha e espaço de descanso e alimento dos trabalhadores, ou seja, apenas cerca de um quarto do espaço tinha realmente uma finalidade de vivência.

A ruína da construção, que superficialmente parece ter sido implantada no terreno de um modo casual, ou até aleatório, constitui o cerne da propriedade. Da história, e histórias, da Sarnada surgem pistas para compreender a razão da sua localização, que é estratégica. Na propriedade há três grandes níveis descendentes em direção a sul: a zona norte, o “Prado”, de forma semi-ovalada, e toda a zona sul, sendo que a primeira e última estão ligadas no lado nascente. A separação de níveis reflete o teor de água existente em cada uma das zonas, a norte zonas mais secas e a sul mais húmidas. Isto é o resultado da intensa procura da água, que se sabia que nascia naqueles terrenos, mas a níveis específicos. Os desníveis, claramente construídos pelo homem, localizam-se nos pontos precisos em que se podem encontrar os tais níveis onde se encontrava a água. A construção apresenta-se na zona norte, mais seca, de forma a não ocupar o espaço mais fértil.

Desde que há memória este terreno apenas foi usado para exploração agro-silvo-pastoril, nunca tendo tido outro

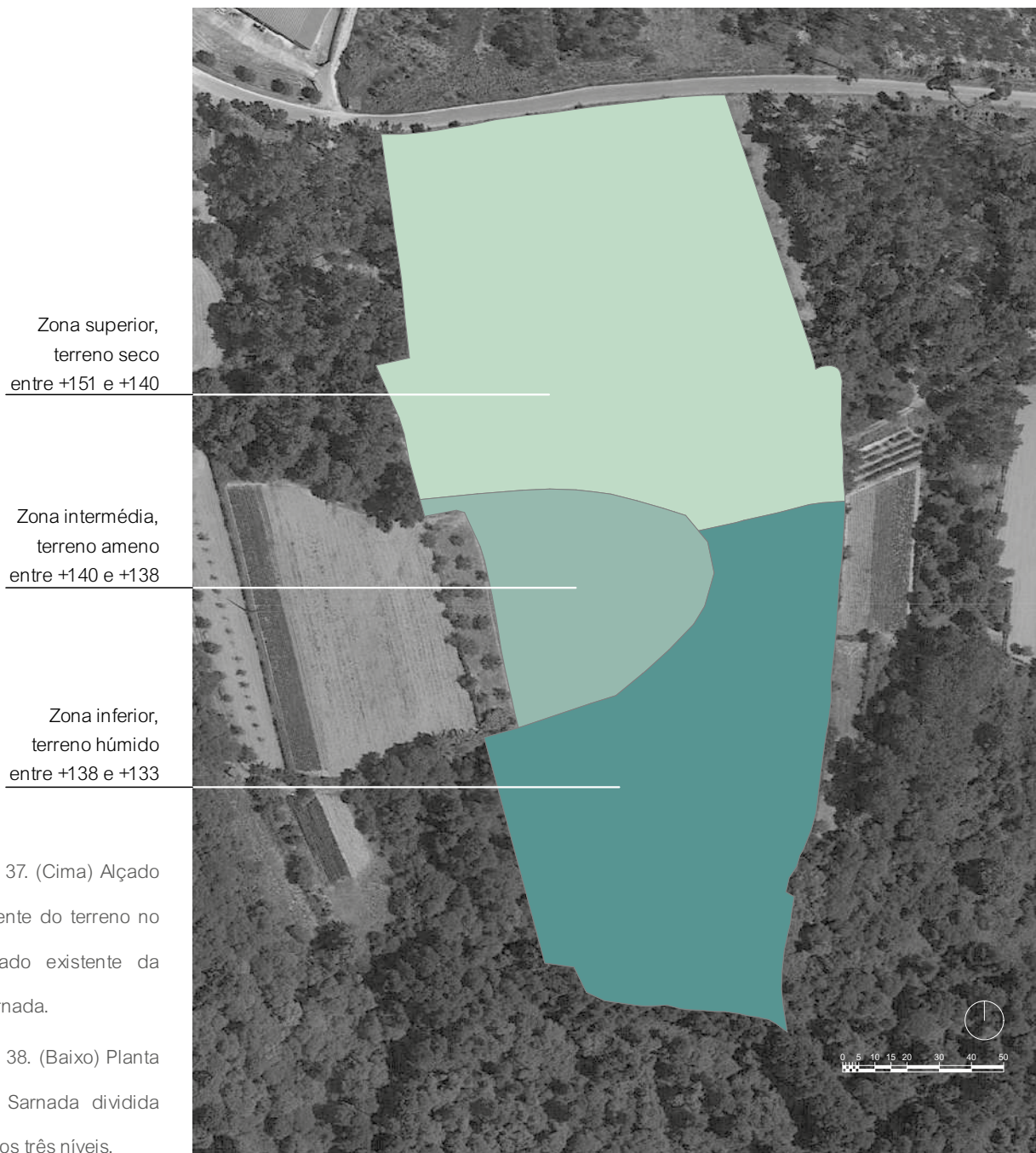
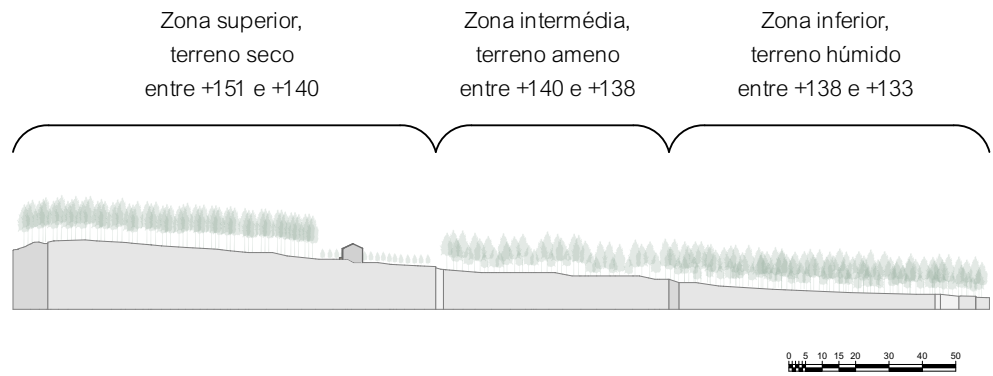


Fig 37. (Cima) Alçado poente do terreno no estado existente da Sarnada.

Fig 38. (Baixo) Planta da Sarnada dividida pelos três níveis.

propósito. Ao longo do tempo, por condicionantes naturais e modificação humana, a propriedade foi sendo usada de diferentes modos, que variavam em função de cada uma das zonas específicas.

Até à década de setenta do século passado houve uma exploração agrícola intensiva do terreno a sul. Esta área era muito desejada pelos habitantes do local, por ser muito húmida, algo bastante inusitado numa região tão seca como a Beira, e as terras eram usadas para o cultivo de azevém (“erva d’água”), aveia, milho, feijão, couves e outros produtos hortícolas.

A zona a que agora se chama Prado, num nível intermédio, foi sempre um terreno de produção de cereal, por ter bastante água no inverno e ficar seca no verão. Isto é ideal para que se faça a sementeira em outubro e novembro, as plantas nasçam durante o inverno, quando o terreno é húmido, e cresçam e sequecem no verão.

Antes de 1995, na zona norte, a área mais seca da Sarnada, acima do primeiro desnível, havia um olival e árvores de silvicultura de sequeiro. Nesse ano foram plantados pinheiros entre os olivais, nas parcelas que o atual proprietário já possuía. Em 2015 os pinheiros foram cortados e vendidos para madeira e no seu lugar foram plantados eucaliptos, árvores que se adaptam bem a terrenos pouco férteis. Em 2018, as oliveiras que lá permaneciam e já não davam fruto foram cortadas para dar espaço aos eucaliptos, que ainda se mantêm. Nas zonas à direita destas parcelas ainda há oliveiras.

Em 2021, ano em que se completou a junção das trinta parcelas do terreno, a Sarnada apresentava uma grande variedade de ambientes, sendo visível o parcelamento através do modo como cada área foi tratada. Havia zonas de silvicultura ordenada (eucaliptos e choupos), olival abandonado e viveiros de árvores de fruto a norte, área de produção de cereal no centro e zonas pantanosas e de pura



Fig 39. (Esquerda) Planta da Sarnada das áreas de maior risco de inundação a azul com os caminhos, poços e charcas pré-existent.

Fig 40. (Direita) Corte longitudinal do terreno da Sarnada em relação à planta, a castanho as camadas em argila e a azul as camadas de areia.

vegetação espontânea na parte sul. Esta zona sul era de acesso praticamente impossível, carecendo de cuidados e trabalhos há vários anos. Depois das referidas Guerras da Sarnada, os descendentes abandonaram a produção agrícola e silvícola, ou porque emigraram, ou porque as terras estavam cada vez mais fragmentadas, tendo sido votadas ao abandono, principalmente nas zonas de mais difícil acesso e nas zonas mais baixas e húmidas, muito propícias a inundações. A zona sul ficou repleta de silvas, salgueiros e todo o tipo de vegetação espontânea, que criaram barreiras quase intransponíveis.

A construção do poço mais recente funcionou como uma sondagem e permitiu ver a composição do solo. Verificou-se a existência de dois níveis de areia entre as camadas de argila. Através da sondagem e da teoria da geologia, é possível encontrar uma resposta para o motivo da existência das nascentes e das suas localizações.

O solo, em geral, é normalmente composto por cerca de 50 a 60 por cento de material sólido, sendo os restantes 40 a 50 por cento constituídos por espaço poroso, ou espaços entre as partículas. Este espaço poroso é crucial para o crescimento das plantas, por ser aí que as raízes se podem expandir e por aí se armazenarem água e ar, essenciais para a sobrevivência da vegetação⁴⁸.

O material sólido no solo é uma mistura de matéria mineral e orgânica. A matéria mineral é frequentemente uma combinação de partículas de areia, silte e argila. A dimensão e a proporção das partículas determinam a textura do solo. Por exemplo, os solos arenosos têm partículas maiores, enquanto os solos argilosos têm partículas mais pequenas e são pegajosos e moldáveis⁴⁹.

Em toda a extensão da propriedade o solo é composto por camadas alternadas de argila e areia e esta estrutura tem um papel crucial na formação de pequenas fontes de água e nascentes. As camadas de argila são menos permeáveis

48. CORTEZ, Nuno; ABREU, Maria – Solo: Recurso natural a preservar. Planeta Terra: Ciências da Terra para a Sociedade. GeoFCUL [Online] (2008), p.3.

49. Idem, p.26.



Fig 41. Construção de um poço na Sarnada.

e a água tende a acumular-se acima delas. Por outro lado, as camadas de areia são mais permeáveis. Quando uma camada de areia está entre duas camadas de argila, a água pode ficar retida na camada de areia e fluir até à superfície próxima, formando uma pequena nascente de água. A região tem uma precipitação significativa, particularmente durante os meses de inverno, e as águas da chuva infiltram-se no solo e contribuem para a recarga das águas subterrâneas. Uma parte da água da chuva escorre também na superfície do solo e acumula-se nas zonas baixas do terreno, formando pequenas massas de água. A água que durante o inverno cai nesta região fica contida na zona menos permeável durante todo o ano, devido a um menor espaço entre as partículas para poder fluir. Quando a água atravessa a camada de argila e atinge a camada de areia, o fluxo aumenta levando-a a uma maior velocidade até à nascente⁵⁰.

O estudo da composição do solo é indispensável para o projeto, não só porque é determinante para as fundações de qualquer construção, mas por influenciar, de modo importantíssimo, as decisões e escolhas sobre o uso do terreno, as culturas e a drenagem.

No início deste projeto, o terreno apresentava vários ambientes diferentes, com capacidades variadas, desde zonas secas a áreas completamente alagadas revestindo-se de um imenso potencial.

Há, além disso, circunstâncias de família e emoção conduziram à escolha do lugar. A autora do projeto é trineta de Manuel Marques Ferreira. O seu avô paterno é um dos netos de Manuel Marques Ferreira e procurou emprego em Coimbra, onde viveu durante muitas décadas, tendo regressado à aldeia vizinha do Vidual na sua reforma. O filho deste, pai da autora, também não conseguiu ficar a viver na aldeia, por motivos profissionais, mas regressa sempre que pode, empenhado em cuidar das terras, tão precisadas de cuidados e labor humano, e orgulhoso das suas origens.

50. Idem, p.27.



Fig 42. (Cima) Zona norte da Samada.

Fig 43. (Centro) Zona do prado da Samada.

Fig 44. (Baixo) Zona sul da Samada.

Por esta razão e pelos motivos apontados – a localização, as características intrínsecas da propriedade e o seu potencial, a vontade de contribuir para a revitalização do lugar e a necessidade de cuidar das terras, as razões de memória e afeto – a Sarnada tornou-se a escolha evidente para objeto da presente tese.



Fig 45. Vista do topo da igreja de Rio de Vide.

Presente - Reflexão sobre a atualidade

A aldeia de Rio de Vide vive ainda de um passado muito presente, pela vontade e teimosia dos habitantes, mas já há detalhes atuais, que a colocam num ponto intermédio indefinido entre o passado campestre e os desafios contemporâneos.

Para analisar o estado das zonas ditas rurais na atualidade é necessário ir para além do que ocorre no objeto de estudo em sentido estrito, pois o que sucede na região onde se situa a Sarnada não é um fenómeno único, localizado e exclusivo, antes revelando características transversais à escala global⁵¹.

Graças ao desenvolvimento tecnológico e ao fácil acesso a informação permanentemente atualizada, nomeadamente quanto ao êxodo de populações, o modo como interpretamos o mundo à nossa volta sofreu profundas alterações⁵².

Nas últimas décadas, à medida que os transportes se tornaram mais fáceis e menos dispendiosos, as zonas urbanas ofereciam, como ainda oferecem, oportunidades mais atrativas para os jovens, fazendo com que as gerações mais novas tendam a escolher empregos que garantam melhor qualidade de vida nas cidades. Esta migração para a cidade tem um forte impacto nas comunidades rurais, que têm um património cultural bastante ligado aos trabalhos e aos ofícios, património que torna os lugares únicos, une as pessoas e cria comunidades com identidades distintas⁵³. A falta de passagem das tradições locais faz com que estas se desvaneçam ao longo do tempo, perdendo-se com elas

51. FAO - The State of Food and Agriculture 2018: Migration, agriculture, and rural development. Roma: FAO, 2018, p.XIII.

52. Kaijima, Momoyo - Architectural Ethnography (2022).

53. HISTCAPE - Cultural Heritage, Landscape & Rural Development Good Practice, Methodology, Policy Recommendations & Guidelines for Rural Communities. 2014, p.77.



Fig 46. Joan Miró, *La Masía*, 1921-1922.

parte da identidade dos lugares. O problema em causa não é, neste contexto, a migração, mas sim o resultado desta nas comunidades.

Outra ameaça para as zonas rurais decorre do aparecimento de métodos agrícolas de alta intensidade e ultra-eficientes, associados a tecnologias de precisão avançadas, que trouxeram profundas alterações ao panorama da produção e do consumo de alimentos. As redes de produção alimentar estão atualmente na mão de um conjunto diversificado e influente de intervenientes internacionais, que operam em escalas que transcendem as fronteiras locais, regionais e nacionais. Em consequência, muitas áreas rurais do nosso país tornaram-se cada vez mais isoladas, tanto económica como culturalmente⁵⁴.

Em sentido contrário, a tecnologia tem facilitado a aproximação das pessoas dos meios urbanos às zonas rurais e àqueles que nelas vivem, com as facilidades de comunicação, permitindo, por exemplo, o aumento de transações económicas diretamente com os produtores⁵⁵.

Os progressos tecnológicos também têm efeitos na forma como se percebem e se conhecem melhor as zonas rurais. Tornou-se mais fácil para quem vive nas cidades aprender sobre as áreas rurais e as pessoas que aí vivem. Isto levou a uma maior apreciação e valorização dos recursos culturais e naturais únicos que as zonas rurais têm para oferecer⁵⁶.

Paralelamente, a adoção de novas tecnologias pode ajudar a minorar os problemas resultantes do declínio da população rural e da distância face às cidades, nomeadamente potenciando o acesso a melhores cuidados de saúde e à educação em meios mais pequenos.

Contudo, há o risco de uma modernização do campo mal assimilada. As aldeias poderão tornar-se uma fusão atabalhoada e desastrosa do que eram em tempos

54. FERRÃO, João - Despovoamento em áreas rurais: Entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. Cultivar - Cadernos de Análise e Prospetiva. Nº11 (2018), p.16.

55. NUSSAUME, Yann [et al.] – Milieu et Architecture. 1ª edição. Paris: Hermann Éditeurs, 2021, p.62.

56. Idem, p.40.



Fig 47. Placa de aviso
perto de Rio de Vide.

e do que precisam de ter e ser para se manterem vivas, entre o passado e a contemporaneidade. Um dos focos em que a arquitetura e a urbanística poderiam contribuir seria combater este fenómeno, através do uso das tradições construtivas locais mas de forma atualizada.

O foco deste capítulo assentará numa reflexão mais abrangente sobre as áreas rurais, genericamente designadas como “Campo”. Tomando como ponto de partida o 18.º volume da revista *Electra*, intitulado “Campo/Cidade”⁵⁷, que apresenta vários pontos de vista sobre o assunto a partir de artigos de autores de diferentes áreas académicas, abordar-se-á este tema, embora dentro das limitações deste estudo. O seu propósito será de permitir uma reflexão que transcende este âmbito e contexto. O reconhecimento dos problemas atuais no campo é essencial para a identificação de possíveis soluções.

Para promover transformações positivas nas regiões rurais e salvaguardar o património comunitário, é essencial gerir a mudança de forma eficaz. Isto implica não só o planeamento, mas também uma discussão aberta. A proposta aqui apresentada, nesta dissertação, trata de apresentar pistas sobre o tema, não podendo de todo, dada as condições de tempo em que é realizada, dar respostas definitivas.

57. SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. *Electra*, Volume 18. (2022).



Fig 48. Vincent Van Gogh, Chaumes de Cordeville à Auvers-sur-Oise, 1890.

O campo

- Estás a escrever sobre o quê?

- O campo

- Não é em Paris que vais encontrar livros de arquitetura sobre isso.

- Então onde é?⁵⁸

O campo ocupa um lugar especial na nossa imaginação. É impossível ignorar o sentimento de nostalgia, de “voltarmos à origem” que o campo nos inspira, porque o ser humano nasceu realmente no ambiente natural, muito antes do início da urbanização⁵⁹.

Todavia, o conceito teórico “Campo” é, em regra, uma construção abstrata, que resulta da perspetiva de alguém que vive numa cidade. Um habitante da urbe vê o campo como um lugar distante e idílico, como um cenário de fundo para enfeitar a sua existência urbana. Esta visão ignora as experiências e realidades vivenciadas por aqueles que efetivamente o habitam e nele trabalham, indivíduos que nesta conceção têm um simples papel figurativo.

Para compreender verdadeiramente o mundo rural e a sua importância, é necessário percecioná-lo de um ponto de vista mesológico, considerar a perspetiva daqueles que nele habitam e reconhecer a dicotomia cidade-campo. Isto implica perceber as vantagens e inconvenientes, os desafios e oportunidades que se apresentam nas zonas rurais e entender o contributo das respetivas comunidades para o equilíbrio das economias, culturas e ecossistemas locais e globais⁶⁰.

58. Conversa entre a autora e um arquiteto francês. Tradução do francês pela autora

« -T'écris sur quoi ?

- La campagne

- C'est pas à Paris que tu trouveras des livres d'archi sur ça.

- C'est où alors ? »

59. MALPAS, Jeff - “Redescobrir o campo”, in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/ Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.86.

60. GUERREIRO, António - Introdução ao tema, in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/ Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.27.



Fig 49. Alminha na envolvente da Samada.

Tradicionalmente, o campo representa uma ligação ao nosso passado e uma fonte de sustento, enquanto a cidade oferece progresso e inovação. A criação de comunidades sustentáveis requer compreensão e ponderação do equilíbrio no desenvolvimento destes dois mundos.

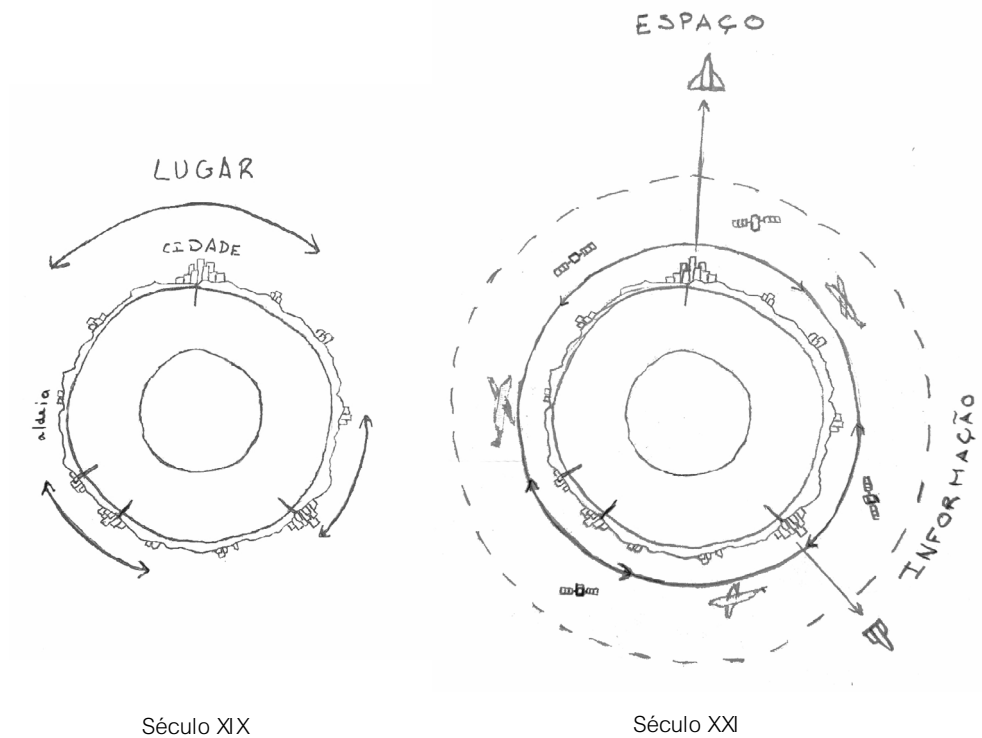
A relação entre o campo e a cidade está historicamente interligada de um modo profundo. O termo inglês *country*, no século XII, referia a região em torno de uma cidade ou vila amuralhada. Na Grécia antiga, *chora* era usado para descrever o campo para além das muralhas da cidade, com uma conotação intrínseca de sustentabilidade e receptividade maternal. O conceito e significado de ambas as palavras traduzia a interdependência entre os espaços - a zona rural próxima sustenta a cidade⁶¹. Um exemplo clássico da perspectiva maternal do campo é a geometria das terras agrícolas do antigo Egipto, que influenciou grandemente o planeamento e a organização das cidades. O planeamento rural precede o da cidade, a mesma geometria é implementada na urbanização, e os dois mundos têm uma relação complexa e interdependente⁶².

A identidade de uma cidade é frequentemente moldada pela sua localização geográfica e pela paisagem circundante, que, por sua vez, é influenciada pela atividade económica da cidade⁶³. Dito de outro modo, a cidade não existe apenas dentro dos seus próprios limites, sendo também um produto das zonas rurais circundantes. A urbe cresce e desenvolve-se a partir dos recursos naturais, da terra e da mão-de-obra que provêm da envolvente natural. Por sua vez, o campo não é simplesmente o espaço que rodeia a cidade, não se resume a um cenário passivo, sendo antes um participante ativo na criação e conceção das cidades, comumente construídas em áreas com solo fértil, água abundante e outros recursos que apoiam os aglomerados humanos. Dessa forma, a cidade nasce da

61. MALPAS, Jeff - "Redescobrir o campo" in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/ Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.78 & 83.

62. GASPAR, Jorge Gaspar - "O ordenamento do campo precede o ordenamento da cidade", in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/ Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.49.

63. CARLOW, Vanessa [et al.] - Ruralism: The Future of Villages and Small Towns in an Urbanizing World. Berlim: JOMIS Verlag GmbH, 2016, p.26.



Século XIX

Século XXI

Recursos:

- Natureza : solo, base
- Humano : habilidade, sabedoria

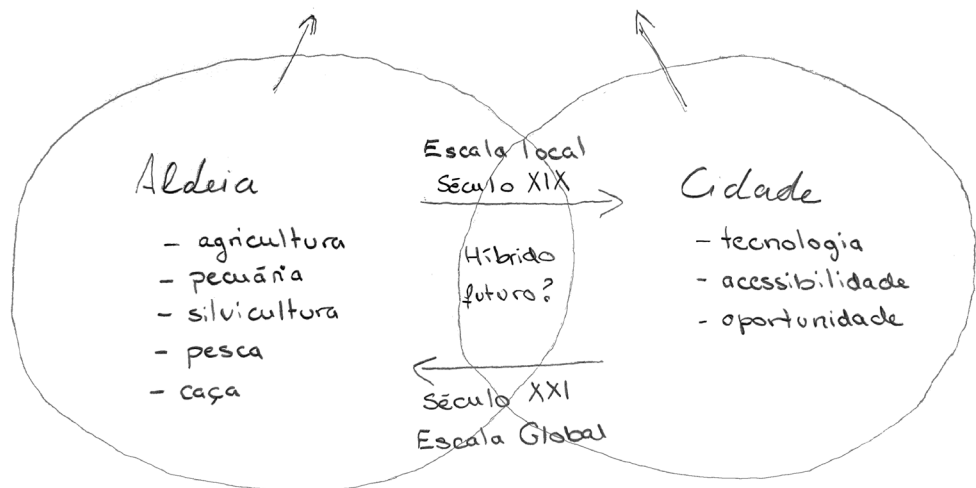


Fig 50. (Cima)
Esquema da evolução da percepção global.

Fig 51. (Baixo)
Esquema da interação entre o campo e a cidade.

interação entre a atividade humana e o ambiente natural e muitas vezes não existe uma linha definida que separe os dois lugares, porque há uma ampla interação humana com a terra. A relação simbiótica entre os espaços contribui para a noção popular de campo como refúgio, lugar de fuga e antídoto para a vida urbana, sentimento que continua a prevalecer atualmente apesar das mudanças e variações no contraste entre o meio rural e o meio urbano⁶⁴.

Globalmente, a relação entre o campo e a cidade é de interdependência e influência mútuas. Esta conceção permite uma maior compreensão de como a sociedade funciona em diferentes contextos⁶⁶. A percepção desta relação é essencial para criar comunidades mais sustentáveis e saudáveis, bem como para preservar o seu equilíbrio⁶⁵. Cada um dos espaços está ligado ao outro e as pessoas têm a oportunidade de escolher como e onde querem vivenciar a sua existência.

A consciência de que cidade e campo são interdependentes e os modelos de mobilidade contemporâneos mais ágeis, que simplificam os fluxos de pessoas e bens, contribui para esbater a oposição tradicional entre os espaços. A urbanização, em tempos estrita e exclusivamente associada às cidades, é agora um conceito que se estende para além dos limites urbanos⁶⁷. Na atualidade o campo apresenta mais semelhanças aparentes à cidade, ou, pelo menos, está a acomodar cada vez mais estilos de vida e métodos de trabalho urbanos. Um exemplo claro pode ser visto na expansão das infraestruturas, como a pavimentação de estradas, a introdução de sistemas de água e esgotos e a construção de redes elétricas que ligam a aldeia ao mundo exterior de formas anteriormente inimagináveis. Ao mesmo tempo, a construção de novos edifícios residenciais e comerciais altera a paisagem. A transformação não se limita ao físico; há também uma mudança nas atividades económicas, com uma diminuição

64. MALPAS, Jeff Malpas - "Redescobrir o campo" in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.85.

65. Idem, p.83.

66. CAMN, Joëlle Salomon - "A cidade mal-amada" in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.92.

67. Idem, p.78.



Fig 52. Placa Toponímica perto da Sarnada.

da dependência da agricultura e um aumento dos empregos no sector dos serviços e da indústria. Este processo é frequentemente acompanhado por um afluxo de pessoas de áreas mais urbanizadas em busca de novas oportunidades, alterando a demografia e o tecido social das aldeias. A urbanização traz desafios, incluindo o impacto ambiental e a necessidade de gerir a mudança de uma forma eficiente, mas também melhorias no acesso a serviços essenciais, como a saúde e a educação.

Por outro lado, nas cidades, surgem novos sinais de aproximação à natureza, com as hortas urbanas em pequeníssimos espaços a coabitarem com parques e jardins públicos. Enquanto alguns indivíduos procuram trazer o campo para a cidade, outros anseiam pela experiência urbana no campo. A relação entre os dois lugares apresenta-se como um contrapoder, complemento, alternativa, alternância, mudança ou rutura.

No entanto, um exemplo de estudos aprofundados sobre este tema, a exposição de Rem Koolhaas, no Guggenheim, ilustra um ponto de vista diferente. As suas opiniões contradizem a noção anterior de que o campo, o espaço não urbanizado, apenas replica o que tem vindo a acontecer há anos nas cidades, defendendo que em vez disso está a viver uma fase de renovação tecnológica. Koolhaas sugere que o campo está a experimentar as suas próprias inovações⁶⁸. Não negando este ponto de vista, é necessário sublinhar que isto é um facto apenas em zonas específicas do planeta. Na realidade portuguesa, em geral, não se notam muitas mudanças próprias das áreas rurais, que continuam a ser fortemente influenciadas e a copiar os sistemas das cidades.

Contudo, numa época em que há uma mais premente tomada de consciência sobre as alterações climáticas e o inerente risco de desastres ambientais, é imprescindível e crucial deixar de lado a abordagem da cidade e do

68. GUERREIRO, António Guerreiro - Introdução ao tema in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.27.

Fig 53. Paul Cezanne,
*La montagne Sainte-
Victoire vue du
chemain de Valcros*,
1878-1879.



campo como opostos, antes intuindo-os, observando-os e experimentando-os como um todo interligado⁶⁹.

Embora a dicotomia tradicional cidade-campo esteja a esbater-se, certas condições e circunstâncias contemporâneas contribuíram para colocar o campo em destaque. Na recente pandemia do vírus COVID19, em Portugal, a doença surgiu no início do ano de 2020 e levou muitos a querer viver em zonas menos povoadas e/ou nas quais as habitações disponham de espaços exteriores. No fundo, a pandemia fez muitas pessoas refletir e reconsiderar a sua situação de vida, particularmente em áreas urbanas densamente povoadas, onde o vírus se espalhou mais rapidamente, pondo em evidência algumas vulnerabilidades das cidades, incluindo a dependência de cadeias de abastecimento externas para bens essenciais. Os espaços de vida apertados e o acesso limitado à natureza e às atividades ao ar livre em áreas urbanas levaram alguns indivíduos a adotar novos conceitos e procedimentos, mudando radicalmente a sua abordagem aos estilos de vida. Isto reflete-se na popularidade da “fuga para o campo”, mais destacada e enaltecida desde o período pandémico.

Durante uma pandemia, a paisagem rural oferece várias vantagens, como o distanciamento social, o acesso ao ar livre e à natureza e a oportunidade de produzir os próprios alimentos através do cultivo agrícola e da pecuária. Nesse âmbito, o novo interesse na autossuficiência tem levado muitas pessoas a ver as zonas rurais como mais atrativas, por oferecerem maiores oportunidades de viver no espaço exterior e de se tornarem mais autónomos.

A pandemia COVID19 também deu azo a um interesse renovado na agricultura e jardinagem urbanas. À medida que as pessoas passavam mais tempo em casa, voltavam-se para as suas hortas urbanas, para as varandas, telhados e pátios, para cultivar frutas, vegetais e ervas aromáticas. Esta tendência da agricultura urbana é uma

69. Idem, p.26.



Fig 54. Antena de telecomunicações perto do terreno da Sarnada

forma de reconquista agrícola da cidade e representa um passo significativo para a criação de ambientes urbanos mais ambientalmente conscientes. Enquanto as áreas urbanas continuam a expandir-se, a tendência para este tipo de agricultura representa um pequeno, mas relevante passo no sentido da recuperação e revitalização dos espaços urbanos através da agricultura⁷⁰.

Em simultâneo, a pandemia e os meios de comunicação contemporâneos determinaram uma mudança significativa na forma como as pessoas veem e interagem com o campo. O imperativo de distanciamento social forçou e potenciou o aumento do trabalho remoto, possível graças aos atuais meios tecnológicos. Os avanços da tecnologia tornaram possível uma nova forma de migração. Em muitos casos os indivíduos podem agora viver e trabalhar remotamente, tratar dos seus afazeres profissionais a partir de qualquer lugar, incluindo o campo, o que resultou no movimento das pessoas das zonas urbanas mais densamente povoadas para as zonas rurais. O nomadismo digital, que permite a muitas pessoas trabalhar à distância, é um movimento francamente favorável ao êxodo urbano para os espaços rurais e é já um fenómeno relevante. A tecnologia também tornou possível aos que vivem em zonas rurais aceder às comodidades e serviços de que beneficiam os seus homólogos urbanos através da internet, tais como compras online, videoconferências e entretenimento virtual, e há oportunidades de emprego às quais se tem acesso sem que seja obrigatório viver nas cidades⁷¹. Por estes motivos, muitos habitantes das cidades escolheram o campo como um refúgio adequado contra a pandemia e os riscos inerentes. A tendência da migração para o campo não ficou limitada ao período pandémico, uma vez que muitas pessoas viram neste tempo uma oportunidade de fazer uma mudança de estilo de vida a longo prazo. Para aqueles que tinham os meios económicos e a capacidade de trabalhar

70. Idem, p.101.

71. ALONSO, Pedro Ignacio Alonso - "A metacidade" in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.35.

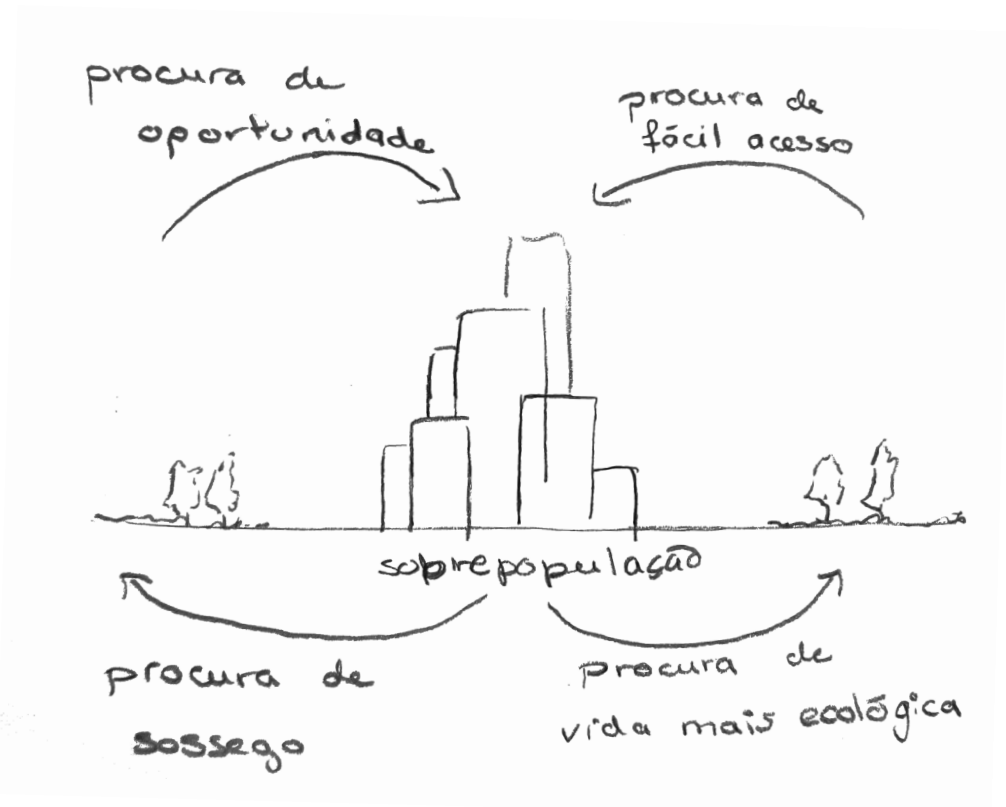


Fig 55. Esquema de migrações entre o campo e a cidade.

à distância, comprar, renovar ou construir uma casa de campo significou mais do que apenas uma fuga temporária da cidade; foi também um investimento num modo de vida diferente, do qual poderão desfrutar mesmo após a reforma. A pandemia serviu de catalisador para este movimento. Em muitos casos, o desejo de viver no campo já existia e foram as circunstâncias a espoletar o processo⁷².

Atualmente, o risco da pandemia já não é um tema com tanto peso, mas este veio abrir a perspetiva de novas possibilidades de modos de vida, em locais alternativos, para o que também contribui a descoberta ou aprofundamento de modos diversos de organização do trabalho e das relações laborais.

Migrar para o campo, tendo as mesmas oportunidades de trabalho que há nas áreas urbanas, mas com os benefícios acrescidos da liberdade e tranquilidade das zonas rurais é uma tendência que tem o potencial de revigorar estas zonas, embora também possa determinar a necessidade de recriar o planeamento das mesmas. Para tornar este “futuro rural” uma realidade, é importante que as pessoas compreendam como apreciar e aproveitar os espaços rurais, incluindo os terrenos que recebem por herança⁷³.

A recente procura de situações de vida mais isoladas e autossuficientes por um grande número de indivíduos fez surgir uma nova onda de vontades e discursos anti-urbanos e pró-rurais⁷⁴. A ideia do campo como um paraíso também está ligada à proximidade com a natureza, com os ritmos do mundo natural e com a alimentação saudável, em contraste com a perceção da alienação da vida urbana em relação à natureza⁷⁵. Embora o campo também possa servir como um local de habitação, permanece associado a uma sensação de ser parte do mundo natural, enquanto, por outro lado, a cidade é frequentemente vista como estando em desacordo ou conflito com a natureza⁷⁶.

72. MALPAS, Jeff - “Redescobrir o campo” in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.98.

73. GUERREIRO, António - Introdução ao tema in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.27.

74. CAMN, Joëlle Salomon - “A cidade mal-amada” in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.92.

75. CARLOW, Vanessa [et al.] - Ruralism: The Future of Villages and Small Towns in an Urbanizing World. Berlim: JOVIS Verlag GmbH, 2016, p.35.

76. MALPAS, Jeff - “Redescobrir o campo” in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.85.



Fig 56. Ponte sobre o rio Ceira.

Além dos fatores e circunstâncias atrás elencados, o fenómeno da gentrificação das cidades deu um contributo adicional à migração para os subúrbios e para o campo. Nas zonas de maior afluência turística das cidades, os residentes tradicionais começaram a ser substituídos por turistas e, ou estrangeiros, e muitas habitações foram convertidas em alojamentos locais ou substituídas por hotéis, com um exponencial aumento do custo de vida, que contribui para o afastamento da população para as periferias, deixando o centro apenas para os viajantes e para os indivíduos dos estratos sociais mais elevados com capacidade para pagar rendas e preços de habitação mais caros.

Regressando à distinção formal entre cidade e campo, esta baseia-se habitualmente na localização física de cada um e em fatores espaciais, sendo a cidade definida como uma zona urbana densamente povoada, caracterizada por um elevado grau de complexidade económica, cultural e social, enquanto o campo é descrito como uma zona rural escassamente povoada, dominada pela agricultura e por paisagens naturais. Todavia, e como atrás se mencionou, graças aos avanços da tecnologia a distância física e material, na sua subsistência, entre as duas áreas já não é um fator tão significativo.

No contexto em apreço, o referido ressurgimento do interesse em torno da dicotomia cidade-campo, associada ao tema das questões ambientais, suscita discussões públicas que envolvem grupos de ativismo cívico, partidos políticos, grupos ambientalistas, instituições académicas e as gerações mais jovens. A maior consciência sobre as alterações climáticas, das perturbações nos sistemas alimentares globais e dos desafios respeitantes à acessibilidade aos alimentos e de mobilidade está a tornar cada vez mais difícil justificar a expansão urbana contínua e as abordagens convencionais dos últimos sessenta anos⁷⁷.

77. CABANNES, Yves - "A cidade-jardim: uma ideia utópica" in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.114.



Fig 57. Camille Pissarro, Paysage à Eragny, 1897.

No extremo, e numa pressuposição abstrata, o que se pretende não é eliminar completamente as cidades ou forçar as pessoas a abandonar definitivamente as áreas urbanas. Pelo contrário, o foco deve ser a revitalização e revitalização das zonas rurais, que historicamente têm sido uma parte essencial da sociedade e da vida humana, tornando estas zonas mais atrativas e viáveis, aliando sistemas de mobilidade compatíveis e infraestruturas necessárias, que permitam às pessoas viver, trabalhar e deslocar-se eficazmente entre campo e cidade, fixando novas populações nas zonas rurais e dando-lhes condições para serem sustentáveis e prósperas. A revitalização do campo poderá dar aos indivíduos mais opções e liberdade para escolher onde viver e também ajudará a equilibrar a concentração da população e dos recursos nas zonas urbanas. Em última análise, o objetivo é criar uma sociedade mais equitativa e equilibrada, onde as pessoas possam usufruir dos benefícios cumulativos da vida urbana e da vida rural⁷⁸.

Rem Koolhaas afirma que 98 por cento do planeta é rural. Na verdade, é 11.1 por cento rural, 0.9 por cento urbano, 2.9 por cento são glaciares e calotes de gelo, 14.3 por cento são espaços naturais e 70.8 por cento são oceanos. Destes números resulta que a área rural tem cerca de 12.3 vezes o tamanho da zona urbana, o que torna evidente que ainda que toda a população mundial residisse em espaços rurais, a urbanização do planeta não seria tão drástica como é nas cidades atuais⁷⁹.

Considerando estes dados e alguma vontade da população urbana em voltar a habitar fora dos perímetros das grandes cidades e se existe uma certa tendência moderna de aumento da população no campo que leve à sua urbanização, então é essencial planificá-la de uma forma integrada, que mantenha a identidade rural. Isto implica a cuidadosa consideração e estudo das várias regiões e o

78. ALONSO, Pedro Ignacio - "A metacidade" in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.37.

79. Idem, p.35.



Fig 58. Poste de eletricidade no fim do prado na Sarnada.

desenvolvimento de uma estratégia de urbanização que funcione dentro dos constrangimentos específicos de cada área. O objetivo é criar comunidades mais sustentáveis e habitáveis e em harmonia com o seu ambiente natural, em vez de perturbar ou destruir, e, potencialmente, dando prioridade aos espaços verdes, preservando as terras agrícolas e silvícolas e desenvolvendo infraestruturas que respeitem o ecossistema local⁸⁰.

Momoyo Kajima usa o termo “urbano rural”⁸¹, o que refere o planeamento do espaço rural e não a transformação de campo para cidade. É preciso ter em conta que urbanismo como metodologia não se deve referir apenas ao desenho de cidade, mas sim ao planeamento de qualquer espaço de vivência em sociedade.

Thierry Paquot, filósofo e professor reformado do Instituto d’Urbanismo de Paris, propõe o conceito de uma “biorregião urbanizada” como solução potencial para os atuais desafios que surgem da dicotomia entre o campo e a cidade. Este conceito prevê um futuro em que as duas áreas estejam unidas de uma forma mutuamente benéfica, com a urbanização integrada na dimensão rural de uma determinada área, e esta visão requer uma mudança dos padrões tradicionais de expansão urbana para uma abordagem mais integrada, que respeite o ambiente natural e as necessidades das comunidades locais. De modo complementar às ideias de Kajima, a ideia de Paquot é criação de um tipo de habitat que combine as vantagens da vida urbana e rural, mitigando ao mesmo tempo os aspetos negativos de cada uma. Na essência, a biorregião urbanizada representa um modelo holístico e sustentável para o desenvolvimento futuro, que tem em conta a interligação das atividades humanas e do ambiente⁸².

Evidencia-se, portanto, uma necessidade de criar instrumentos de planeamento que possam responder às necessidades concretas de intervenção para conservação e

80. PAQUOT, Thierry - “As cidades no tempo do vírus” in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.72.

81. Kajima, Momoyo - Architectural Ethnography (2022).

82. PAQUOT, Thierry - “As cidades no tempo do vírus” in SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.72.



Fig 59. Jules Breton,
Les Sarcleuses, 1868.

desenvolvimento do campo, e é necessário enquadrar neste âmbito o turismo, em concreto o agroturismo, atividade potencialmente geradora de benefícios para as economias locais e para a conservação do ambiente. De destacar que a criação de infraestruturas funcionais de turismo é importante para criar produtos de sucesso e introduz uma outra variável importante no tema em questão⁸³.

Com efeito, os proveitos das atividades turísticas têm potencial para mitigar os efeitos do despovoamento nas zonas rurais. Embora estas atividades não determinem um aumento imediato do número dos residentes permanentes, porque os hóspedes apenas permanecem alguns dias e há visitantes que passam apenas algumas horas nos lugares, trarão benefícios económicos, determinarão a criação de postos de trabalho e, a longo prazo, tornarão possível que as pessoas escolham viver no campo de modo permanente.

Além das suas valias intrínsecas, o turismo deve ser visto pois como um complemento a outras iniciativas de desenvolvimento e prosperidade rural, nomeadamente a educação, o crescimento de atividades económicas e a implantação e expansão de tecnologias de informação e comunicação, que podem criar sinergias conducentes ao cumprimento dos objetivos de novos modelos de desenvolvimento.

Sem dúvida, o turismo pode ter um impacto significativo no espaço rural, sobretudo se for gerido de forma a integrar e dinamizar a economia local. No entanto, é muito importante que os planos de desenvolvimento turístico sejam cuidadosamente executados para minimizar potenciais efeitos negativos, como o excesso de tráfego, alguma desordem territorial, a especulação imobiliária e, ou a possível desfiguração das comunidades e dos territórios.

Tendo em conta a argumentação já exposta, um dos propósitos maiores da Sarnada será preservar os Valores do Mundo Rural e a Sabedoria Agrícola. O ensaio de projeto que

83. CARLOW, Vanessa [et al.] - Ruralism: The Future of Villages and Small Towns in an Urbanizing World. Berlin: JOMIS Verlag GmbH, 2016, p. 36-37.



Fig 60. Ponte sobre o rio Ceira.

integra esta prova pretende refletir sobre, simultaneamente, soluções que integrem os saberes antigos e a tecnologia atual adaptada. No contexto do desenvolvimento rural, propõe-se que a proposta de projeto se baseie na recuperação do património ambiental da Sarnada, assente na silvicultura, na agricultura e na pecuária. Pretende-se colocar o foco no turismo e na cultura, desejando-se, como consequência direta, induzir o potencial para aumentar os rendimentos das pessoas da aldeia de Rio de Vide, para criar mais oportunidades de emprego e possibilitar a constituição e funcionamento de algumas pequenas empresas de apoio. Esta experiência visa dar a conhecer a história, os costumes, as tradições, o artesanato, a gastronomia, a geografia, a fauna e flora e os pontos turísticos representativos da região. A proposta de projeto desenvolvida nesta dissertação é, portanto, um ensaio que reflete sobre transformações que se expressam na sociedade, tendo em conta modelos de vida alternativos (e que foram aqui expostos). A proposta de projeto é em si mesma, em síntese, uma reflexão sobre um possível papel da Arquitetura nesse contexto. O tema não foi esgotado - sabe-se que o âmbito de realização da prova tem limitações (desde logo temporais) - mas desejou-se dar-lhe contributo, sobretudo no âmbito de formação da autora.



Fig 61. Vincent Van Gogh, *Wheat Field with Cypresses*, 1889.

Futuro - Proposta de intervenção

O futuro não é uma entidade isolada, antes, inevitavelmente, o resultado do presente e do passado. O que fazemos hoje e o que já aconteceu vai moldar o que virá a seguir, seja porque os conceitos existentes serão desenvolvidos e aperfeiçoados, ou porque haverá uma vontade expressa e assumida de rutura, atrás de inovações e da adoção de modelos distintos, ou, tantas vezes, porque se traçará um rumo intermédio, sintetizando escolas, tendências e aprendizagens. Esta proposição aplica-se a vários aspetos da vida, incluindo ao desenvolvimento de projetos. Quando se concebe um novo projeto, é importante ter em conta que os resultados do mesmo serão influenciados pelos acontecimentos anteriores e pelas circunstâncias atuais. Podemos dizer que se trata do caminho da tradição, uma atualização do conhecimento herdado às circunstâncias de um dado momento.

Ao estudar e analisar os temas e aspetos expostos nos capítulos anteriores, adota-se uma abordagem ponderada e deliberada no planeamento do projeto que determina o cerne deste trabalho. Dito de outro modo, este projeto é o resultado do estudo e da análise dos temas e aspetos desenvolvidos nos capítulos anteriores, questionando e/ou adotando vários dos conceitos analisados e refletindo sobre a história e características do lugar, procurando responder às problemáticas presentes, até chegar à proposta apresentada.

O projeto é abordado no seu todo em primeiro lugar e depois dividido em quatro partes, ou seja, são quatro as facetas do projeto, simbolizadas e sintetizadas nas seguintes palavras-chave: madeira, água, ninho e refúgio. Para cada parte uma palavra-chave, que sintetiza a respetiva inspiração.



Fig 62. (Cima) Monet,
Le Chêne de Bodmer:
La Route de Chailly,
1865.



Fig 63. (Baixo)
Sarnada.

Futuro - Proposta de intervenção

Projeto

“Antes de arquiteto, o arquiteto é homem, e homem que utiliza a sua profissão como um instrumento em benefício dos outros homens, da sociedade a que pertence.”

Fernando Távora⁸⁴

O despovoamento das áreas constitui um grave problema para a sociedade. Os jovens tendem a abandonar as aldeias, por falta de oportunidades de emprego em diversas áreas. O envelhecimento da população restante compromete o dinamismo económico das aldeias. Verifica-se uma degradação acentuada do tecido demográfico e a perda de serviços básicos - saúde, educação e transportes públicos - e há efeitos severos de desertificação e degradação do ambiente natural. Por outro lado, a chegada constante de novos habitantes às cidades traz nestas também grandes impactos, nomeadamente dificuldades no fornecimento de bens e serviços essenciais, o aumento dos custos de habitação, problemas em termos de mobilidade e infraestruturas e o acréscimo da poluição. Face a estas evidências, propõe-se, para a Sarnada, a criação de um espaço de agroturismo com forte pendor ambiental e tecnológico, que, ainda que de forma modesta, reflète sobre o modo de contribuir para a tentativa de atenuação do despovoamento rural da aldeia, através da reabilitação e do repensar do património cultural, do envolvimento dos habitantes e da instalação de facilidades tecnológicas. O objetivo é explorar o potencial do património cultural e natural para contribuir para o desenvolvimento rural, aliado

84. TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. (1962) 9ª edição. Porto: FAUP Publicações, 2015, p.74.

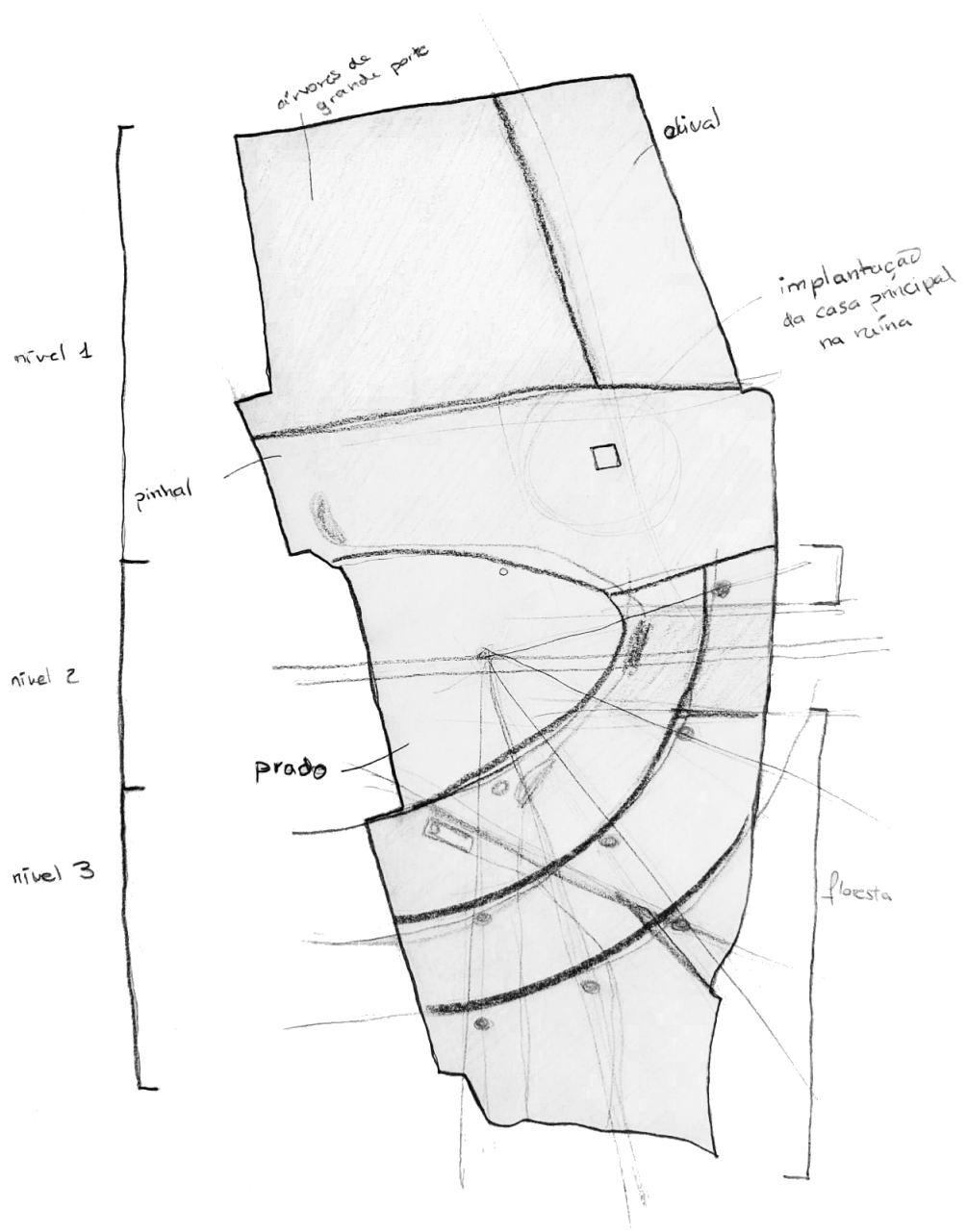


Fig 64. Esquisso dos alinhamentos para as implantações e organização do terreno da Sarnada.

à capacidade de beneficiar das possibilidades de trabalho à distância em várias áreas, ao pensar um projeto que sirva proprietário, comunidade e todos aqueles que dele possam usufruir numa perspectiva de funcionamento contemporâneo.

Acredita-se, e propõe-se, que a referida preservação, reabilitação e reutilização do património cultural é uma parte da solução para as consequências do declínio populacional nas zonas rurais e que pode contribuir efetivamente para o desenvolvimento rural e atrair novos habitantes, nomeadamente através do turismo. Ao apresentar uma hipótese real de unir a oportunidade de ter os elementos básicos, como alimentação, graças a um esforço comportável, por menor preço e com maior qualidade, e a possibilidade de manter, em paralelo, uma carreira passível de se desenvolver à distância, despertar-se-á em certas pessoas – pelo menos naquelas que possam mudar o seu local de residência e que tenham a oportunidade de ter este estilo de vida – a vontade de escolher viver no campo. O objetivo consiste em explorar as potencialidades e contributos da Arquitetura para tornar este fim possível, de forma motivadora e cativante para mais indivíduos.

É imprescindível gerar algo próximo a um consenso entre os habitantes de cada aldeia e aqueles que nelas pretendam habitar e/ou investir, gizando projetos comuns, que tenham uma ligação com o património social e cultural coletivo, para potenciar um desenvolvimento local coerente e em conformidade de todos. Para que tal aconteça, há que criar e fomentar um diálogo constante com os habitantes, para perceber as suas necessidades e vontades, e concentrar cada projeto e iniciativa na preservação, restauração, valorização e reutilização do património cultural. Qualquer projeto também pode criar oportunidades para aumentar de modo imediato o rendimento e melhorar a qualidade de vida local. As comunidades têm o potencial de ser envolvidas, por exemplo, através da utilização de material e mão-de-obra

- Vegetação
- Pedra calcária
- Madeira de pinho
- Telha
- Ardósia
- Adobe

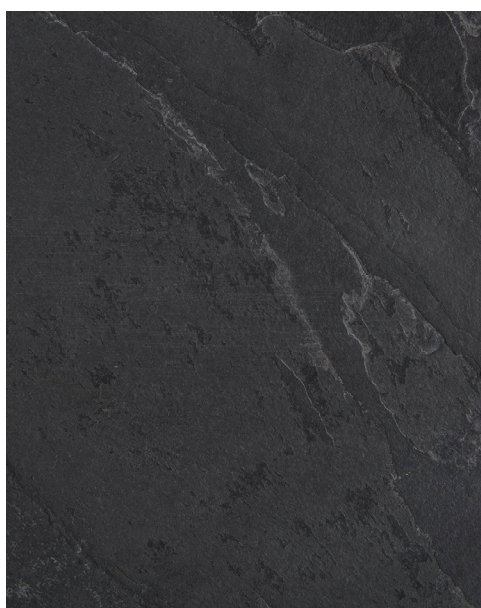
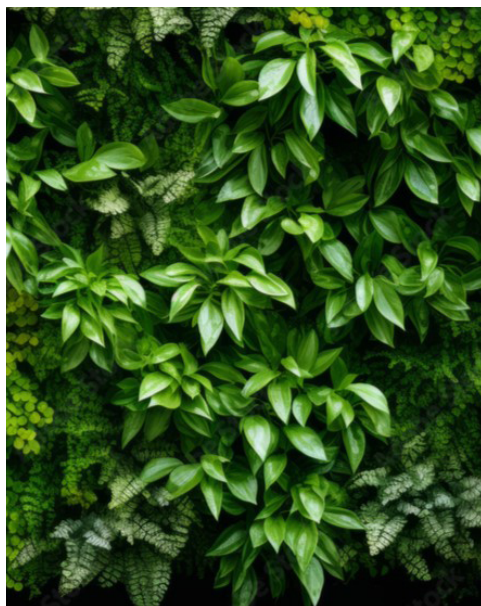


Fig 65. Paleta de Texturas principais para o projeto do terreno da Sarnada.

local na construção, restauro e manutenção dos espaços, e no recurso regular a bens e à compra de produtos do lugar, como, por exemplo, de alimentos e artesanato para as unidades de agroturismo. Incorporar técnicas e materiais de construção tradicionais locais no planeamento e na conceção das novas estruturas contribui para a manutenção do sentido de identidade e, do ponto de vista económico, beneficia os produtores e os pequenos empresários locais. Felizmente, a população de Rio de Vide tem, como atrás se destacou, a indelével característica de um forte espírito comunitário, que facilita e potencia a criação de interações profícuas entre os habitantes atuais e o projeto, havendo já evidências, através de uma comunicação contínua com os locais, de um grande desejo de participação⁸⁵. Também foram efetuadas reuniões com os responsáveis do urbanismo da câmara municipal de Miranda do Corvo para apresentação da proposta, que resultou em apoio positivo para a concretização deste projeto.

Em Portugal, o agroturismo tem vindo a crescer em popularidade nos últimos anos, sendo uma forma de proporcionar aos visitantes uma vivência de contacto com os trabalhos próprios da terra, dando a conhecer os ofícios, tradições e costumes e as paisagens rurais do país, assumindo muitas formas e proporcionando muitas experiências. Os turistas podem participar e ter acesso à aprendizagem de técnicas agrícolas tradicionais. Além de importante e estimulante para os visitantes, o agroturismo traz, em simultâneo, um retorno económico direto para os agricultores e para as comunidades locais, retorno esse imediato e potencialmente duradouro, pela continuidade da atividade relativamente pouco condicionada pela sazonalidade. O turismo, em concreto o agroturismo, é o programa escolhido para o projeto. Neste caso, a premissa será de interligar, harmoniosamente, a estadia, o trabalho e o lazer. Contrariamente aos típicos espaços de agroturismo,

85. Ver anexos: excertos das entrevistas.

Linhas a vermelho:
linhas de alta tensão.

Mancha a vermelho:
zona non aedificandi,
apenas adequada
a silvicultura de
pequeno porte.

Linhas a verde:
alinhamentos.

Círculos a branco:
zonas previstas para
implantação das
construções.



Fig 66. Planta
de estudo dos
alinhamentos para
as implantações
e organização do
terreno da Sarnada.

o objetivo não é de criar uma espécie de nostálgica viagem ao passado, mas sim o de apresentar e representar um presente alternativo que concilia o passado e o futuro, com a propriedade em atividade.

Mais pessoas na aldeia, ainda que apenas como visitantes, poderá resultar, desejavelmente, na sensibilização de algumas para a possibilidade de se criarem negócios em zonas mais afastadas das cidades, como centros de formação, clínicas ou pequenas indústrias, que possam incrementar dinâmicas positivas. Comunicações e acessibilidades capazes servirão quem já habita nas aldeias e poderão atrair mais pessoas com a opção de trabalhar à distância, aumentando os empregos disponíveis nestas zonas.

Pretende-se que a Sarnada seja financeiramente viável, que possibilite uma alteração qualitativa no padrão de vida quotidiana local, dando-se um uso apropriado ao terreno e fomentando a economia local, mantendo e elevando as características distintivas da comunidade. Idealmente, a opção mais efetiva e imediata para melhorar as condições de vida na aldeia passaria por renovar as suas infraestruturas e o plano urbano, mas, realisticamente, isto é impossível sem a vontade e iniciativa do poder local. Por essa razão, trabalhar-se-á para que o projeto da Sarnada, de iniciativa privada e que será concebido como um espaço de agroturismo, silvicultura e agricultura integrados, represente um contributo útil, ainda que parcelar, para o incremento e dinamização da vida local.

Toda esta experiência pode ser partilhada com outros locais com projetos semelhantes, a fim de criar redes de coesão territorial. Este futuro objetivo já começou a ser posto em prática, através de vários contactos informais sobre uma parceria com o proprietário da Quinta da Dona Iria, um espaço de enoturismo, alojamento e restauração com bastante sucesso, que, como antes se referiu, foi criado,

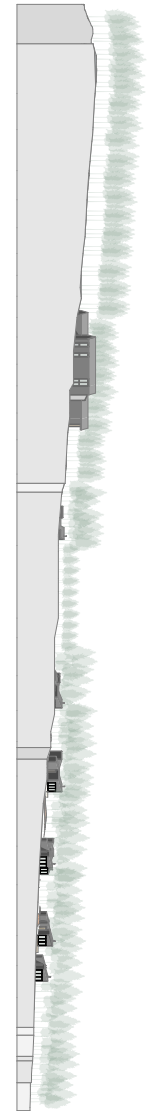
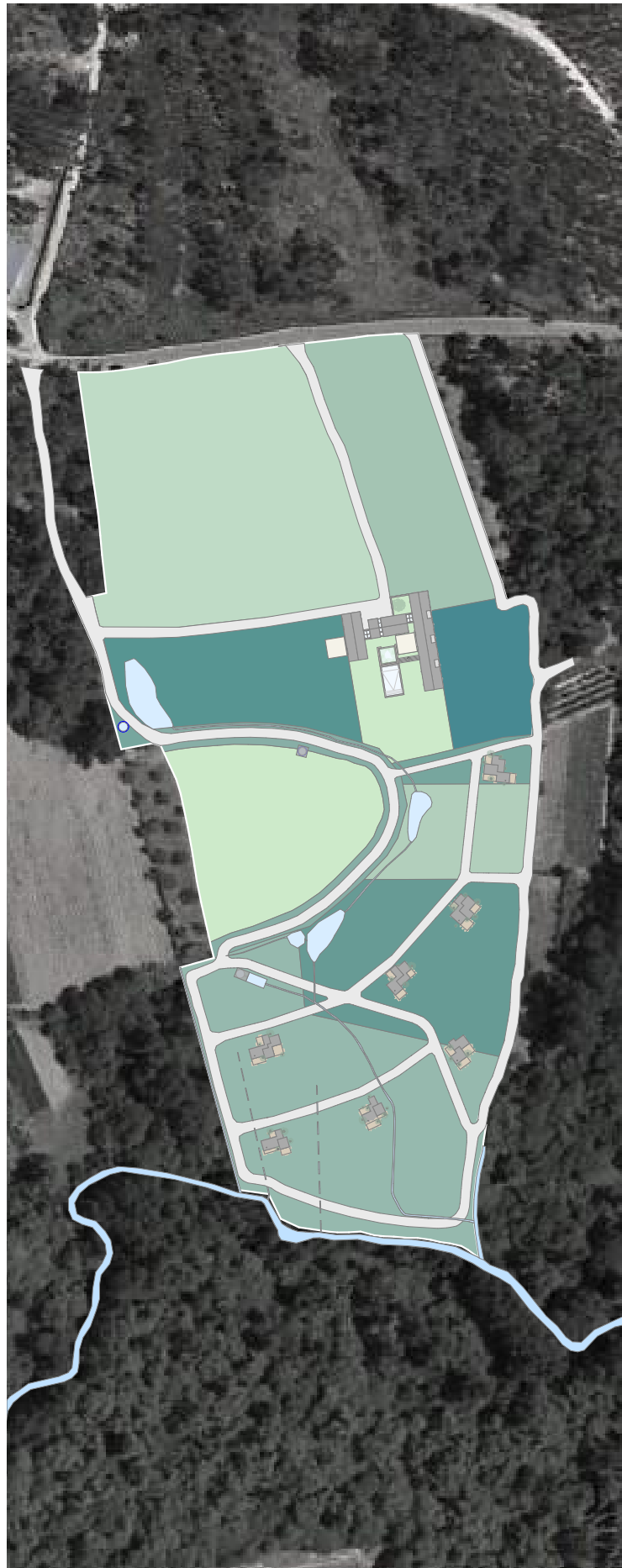
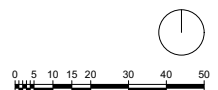


Fig 67. (Esquerda)
Planta do projeto para
o terreno da Sarnada
(escala 1:1000, ver
anexos página 225).

Fig 68. (Direita)
Alçado poente do
projeto para o terreno
da Sarnada (escala
1:1000, ver anexos
página 225).



há cerca de dois anos, no antigo lagar e casa vizinha da aldeia de Rio de Vide. Como o programa da Quinta da Dona Iria é bastante diferente do previsto para a Sarnada, estes complementam-se de forma significativa, enriquecendo a proposta inicial mantendo a essência comum a ambos os projetos, o que afasta quaisquer preocupações sobre competição e concorrência.

Refletir sobre a realidade em que se intervém é essencial em qualquer projeto. A arquitetura também pode ajudar a melhorar o espaço rural através da adaptação concreta dos projetos à paisagem, por meio de elementos arquitetónicos que não confrontem a cultura local e a envolvente, antes as complementem. O arquiteto deve pensar e ponderar a realidade sobre o qual trabalha e criar, em cada obra, limites visuais e espaciais que respeitem o ambiente circundante. Qualquer projeto deve pretender destacar a importância de conceber um espaço arquitetónico consonante com a identidade específica da região. No projeto da Sarnada, ter-se-á em conta a evolução gradual da arquitetura no ambiente rural de Rio de Vide, a partir de uma reflexão sobre os elementos arquitetónicos e construtivos nos quais se pode ancorar, tendo como máxima a preservação da cultura e história locais, entende-se que a arquitetura contemporânea, com cuidado e respeito pela paisagem e pela cultura locais, pode e deve ser um contributo relevante para a melhoria do espaço rural. Os arquitetos devem, assim, entrar no debate sobre o combate à desertificação e à excessiva concentração de população nas cidades do litoral. Tendo isso em conta, esta prova constitui uma importante reflexão, para a autora, no momento da conclusão dos estudos em Arquitetura. A Sarnada é, pois, um projeto no qual se pretende aliar a inovação e o respeito pelo ambiente natural a partir de uma reflexão que tem na Arquitetura o seu fulcro.



Fig 69. (Clima) Planta do projeto dos SUMMARY, Paradinha - 11 Habitáculos na Floresta.

Fig 70. (Baixo) Projeto dos SUMMARY, Paradinha - 11 Habitáculos na Floresta.



Até há poucos anos esteve parcialmente votada ao abandono, o que tornou claro o delicado equilíbrio entre a atividade humana e a autonomia da natureza. A ideia inicial é respeitar a história do lugar, dando prioridade aos espaços verdes, preservando as terras agrícolas e silvícolas e desenvolvendo infraestruturas que respeitem o ecossistema local. Assim prevê-se manter os diversos ambientes já existentes, num misto entre as terras bem ordenadas e a ideia de crescimento espontâneo, criando uma experiência sensorial e visual plena de cambiantes ao longo de um percurso pela propriedade. Decidiu-se que haverá pequenas construções implantadas mais livremente pelo terreno e um núcleo mais importante (chamemos-lhe casa principal), optando-se pela não concentração do edificado, o que dará mais ênfase e valor ao próprio terreno.

Considerando a história da propriedade, concluiu-se ser meritório uma alusão aos sete herdeiros, criando uma metáfora física sobre os protagonistas das *Guerras da Sarnada*, que guardará a sua memória, bem como a do primeiro proprietário. Assim, a casa principal, marcada no terreno como o coração da Sarnada, representará o patriarca da família, e as unidades habitacionais serão, clara e simbolicamente, sete.

A ideia das pequenas construções tem semelhanças com o projeto Paradinha - 11 Habitáculos na Floresta, de SUMMARY⁸⁶. Este projeto, localizado num terreno remoto e acidentado, em Alvarenga (Arouca, no distrito de Aveiro), no coração da floresta, assenta no conceito de habitação modular, e visa respeitar e valorizar o ambiente natural. O projeto consiste em pequenas unidades habitacionais, com tipologias diferentes, destinadas simultaneamente a turismo e habitação. Todos os elementos preexistentes foram mantidos e a implantação dos edificados foi feita nos espaços negativos. Esta referência tem, de facto, um programa idêntico ao previsto desde a origem para a Sarnada, pelo

86. Site oficial dos arquitetos SUMMARY.

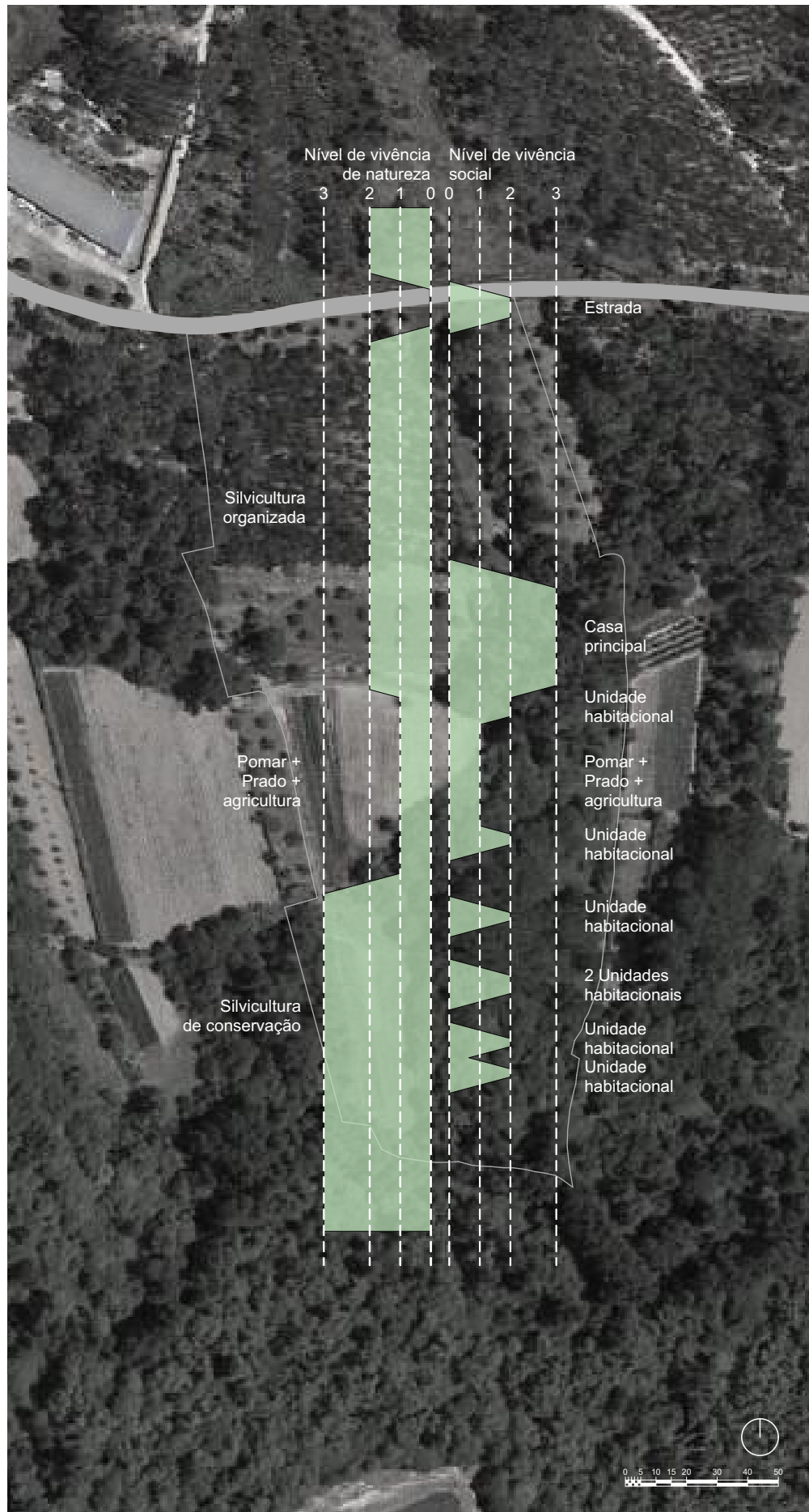


Fig 71. Planta de níveis de vivências entre o social e a natureza ao longo do terreno através dos diferentes espaços concebidos pelo projeto.

que é pertinente referi-lo e analisá-lo, aprendendo sobre estratégias específicas que também podem ser adotadas na Sarnada. Exemplo disso é a consideração que os arquitetos tiveram pela já mencionada topografia acidentada do terreno. Perceberam que a instalação de um estaleiro de construção tradicional no local seria muito difícil e teria um custo elevado, pelo que optaram por estruturas pré-fabricadas, o que simplificou o processo de construção e minimizou o impacto no ambiente⁸⁷.

Perseguindo os objetivos já referidos, será previsto a adoção de energias renováveis neste projeto, que podem constituir soluções energéticas eficientes aplicáveis às comunidades rurais. Alguns exemplos são as casas alimentadas a energia solar e turbinas de água de baixo caudal. O objetivo é criar um espaço autossuficiente e limpo, com materiais locais e económicos, que tenham uma longa duração. Assim, conceber-se-á um projeto ecológico, que respeitará o ambiente onde se encontrará.

Quanto ao terreno em si, está previsto que se mantenham as principais características atuais, nomeadamente a divisão da propriedade em três áreas. O nível mais a norte, mais próximo da estrada, apresenta as condições mais secas. A sul, o nível mais húmido, a propriedade é contígua a uma mata intocada, que mantém o seu ambiente inerente. Escolheu-se situar a casa principal no nível norte, no local da ruína, e criar uma série de unidades habitacionais no nível sul. Esta ideia foi inspirada pelo dimensionamento tradicional dos núcleos habitacionais, abordado no primeiro capítulo, caracterizado por construções mais amplas nas terras secas e áreas de implantação mais reduzidas nas zonas férteis, para poupar o terreno. A casa principal, que requer mais área, deve ficar na área seca e as unidades habitacionais, que terão uma implantação reduzida, localizar-se-ão a sul, no interior da mata. Os espaços e construções da Sarnada serão dispostos de modo

87. Idem



Fig 72. Maquete digital do projeto do terreno da Sarnada (escala maior, ver anexos página 243).

a que os caminhos que os unam permitam uma circulação em forma de teia, que oferecerá aos futuros ocupantes a escolha entre experiências comunitárias ou privadas, entre vivências sociais ou naturais ao longo do terreno.

A opção pela divisão do projeto em quatro partes – representadas pelas palavras-chave madeira, água, ninho e refúgio – não significa que o mesmo se desenvolverá parceladamente, antes que a respetiva descrição se fará a partir de quatro ângulos distintos. Destaca-se a importância do planeamento dos elementos naturais no terreno como parte do projeto, com a madeira simbolizando a terra e a vegetação e a água representando o fluxo vital. Cumulativamente, a casa principal será o ninho, e a génese originária da ideia de edificação, servindo como o lugar de chegada, principal ponto de aconchego e proteção, e cada unidade habitacional será um refúgio, um pequeno santuário ou retiro individual.

“Agora, vir em auxílio do *genius loci* não significa regressar à terra e à história.

Pelo contrário, significa inspirar a terra e a história.”

Tadao Ando⁸⁸

88. Tadao Ando - “Genius loci” in NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l’architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999, p.257. Traduzido pela autora do francês. « A present, porter secours au *genius loci* ne signifie pas retourner à la terre et à l’histoire. Cela signifie plutôt inspirer la terre et l’histoire. »



Fig 73. Árvores da
Sarnada.

Futuro - Proposta de intervenção

Projeto

A madeira

“Uma casa deve ser “protetora”, um escritório “prático”, um salão de baile “festivo” e uma igreja “solene”. (...) As paisagens também possuem carácter, algumas das quais são de um tipo “natural” particular. Assim, fala-se de paisagens “estéreis” e “férteis”, “sorridentes” e “ameaçadoras”. Em geral, temos de enfatizar que todos os lugares têm carácter, e que o carácter é o modo básico pelo qual o mundo é “dado.”

Christian Norberg-Schulz⁸⁹

Madeira é o título utilizado para o projeto da paisagem e sugere uma abordagem natural e orgânica ao paisagismo, pondo em relevo a vegetação e as árvores. A escolha do título é também uma homenagem à relação milenar entre o homem e a floresta. Fala de sustentabilidade, uma conceção que dá prioridade à harmonia com a natureza e de espaços que respiram, evoluem e ressoam com os ritmos da terra.

A silvicultura é a ciência e a prática do cultivo e da gestão das florestas. No nosso país tem um papel muito importante na economia, no ambiente e na própria sociedade. De acordo com o Instituto da Conservação da Natureza e das Florestas (ICNF), a área florestal de Portugal (floresta, matos e terrenos improdutivos) é de 6,2 milhões de hectares, representando cerca de 70 por cento da área total do país (segundo o Sexto Inventário Florestal Nacional, de 2015)⁹⁰.

89. NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture. 1ª edição. Nova Iorque: Rizzoli, 1980, p.14. Traduzido do inglês pela autora. “A dwelling has to be “protective”, an office “practical”, a ball-room “festive” and a church “solemn”. (...) Landscapes also possess character, some of which are of a particular “natural” kind. Thus we talk about “barren” and “fertile”, “smiling” and “threatening” landscapes. In general we have to emphasize that all places have character, and that character is the basic mode in which the world is “given.”

90. Ver anexos: perfil florestal, página 203.



Fig 74. (Cima)
Silvicultura ordenada
no terreno da Sarnada
em 2021.



Fig 75. (Baixo)
Silvicultura ordenada
no terreno da Sarnada
em 2024.

As espécies arbóreas cultivadas mais comuns são o eucalipto, o pinheiro, o castanheiro e o sobreiro. Em termos técnicos e paisagísticos, as áreas de floresta são divididas em quatro grupos: pinhais (constituídos por povoamentos de pinheiro-bravo e pinheiro-manso); folhosas perenifólias (“montados”, sobreirais e azinhais); folhosas caducifólias (carvalhos, castanheiros e outras); e folhosas silvo-industriais (eucaliptais)⁹¹.





Há duas categorias principais de silvicultura, a silvicultura industrial e a silvicultura de conservação. A primeira centra-se na produção direta de madeira - produtos lenhosos, e de outros produtos não lenhosos, tais como cortiça, resina, frutos e cogumelos, sobretudo para fins comerciais. A silvicultura industrial pratica-se maioritariamente em florestas de monocultura de grande escala, geridas por empresas privadas ou organizações públicas. A silvicultura de conservação, por outro lado, assenta na preservação e recuperação de florestas naturais, existe essencialmente para fins ecológicos e recreativos, sobretudo em áreas protegidas e em parques naturais.

O governo português disponibiliza vários apoios financeiros, como subsídios para espécies arbóreas específicas e para investimento em investigação e desenvolvimento, e há legislação específica para a silvicultura, à semelhança do que acontece no sector agrícola. A União Europeia também oferece apoios e incentivos através da Estratégia Florestal para a Europa, um conjunto de políticas e programas que visam promover a gestão florestal sustentável e potenciar os múltiplos benefícios que as florestas proporcionam⁹².

Na atualidade, a silvicultura enfrenta desafios importantes, como as alterações climáticas, os incêndios e as pragas florestais, destacando-se, quanto a estas, o nemátodo dos pinheiros e a vespa das galhas do castanheiro, que são causadores de danos e problemas significativos

91. ICNF - 6º Inventário Florestal Nacional: Relatório Final. ICNF [Online] (2015).

92. Site oficial do Parlamento Europeu.

-  Silvicultura de grande porte ordenada
-  Silvicultura de pequeno porte ordenada
-  Silvicultura de grande porte não ordenada
-  Prado
-  Agricultura

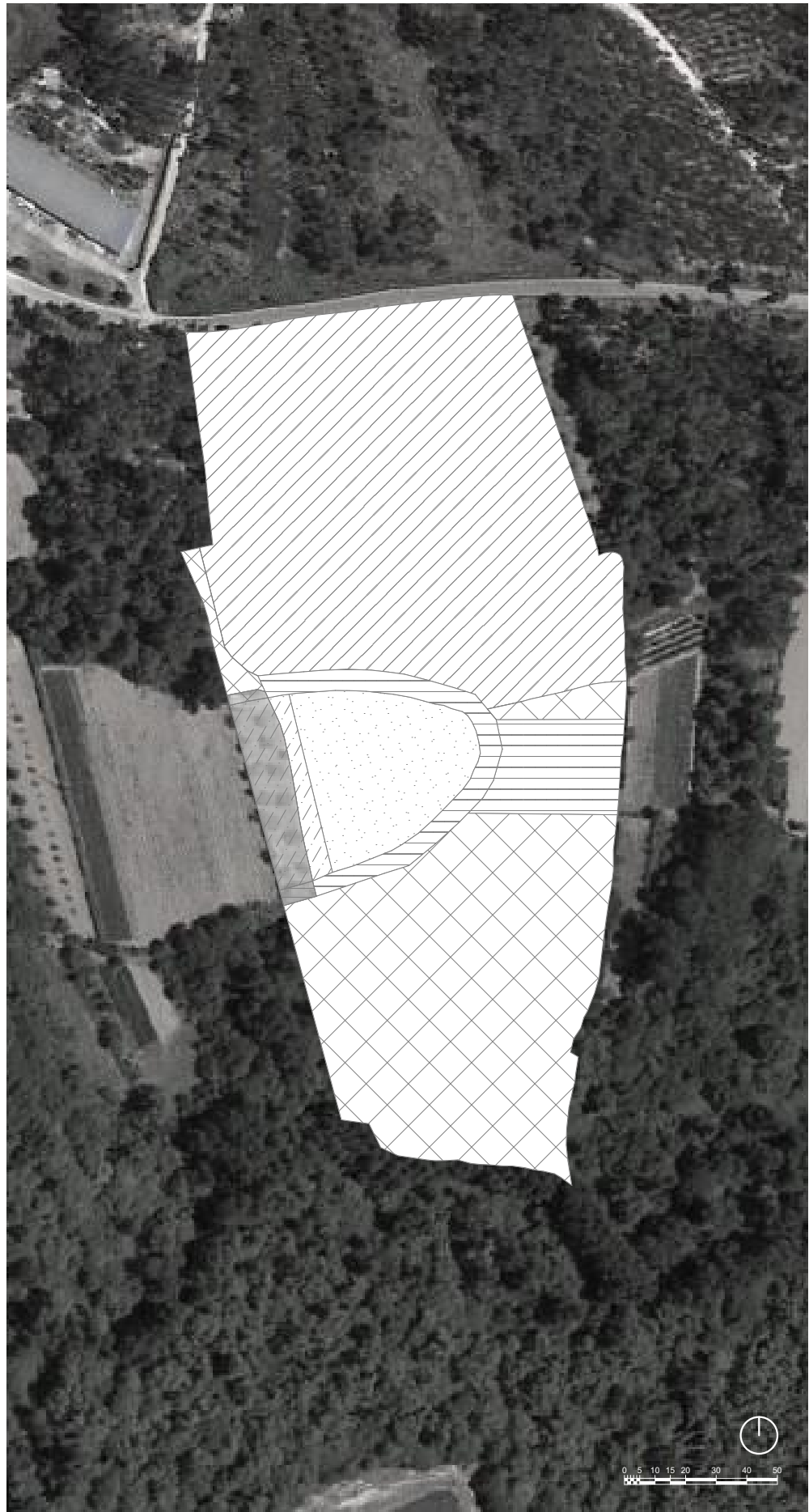


Fig 76. Planta da disposição projetual das culturas na Sarnada.

nas florestas do país. Para enfrentar estes desafios, os silvicultores portugueses estão a adotar novas tecnologias e práticas, tais como a utilização de espécies mais resistentes ao fogo, o controlo da distribuição e da dimensão dos povoamentos arbóreos e o uso de tecnologia de controlo à distância para monitorizar o estado das florestas.

A história da Sarnada narra uma história de abandono e de crescimento descontrolado das árvores. Aquando da aquisição das várias parcelas pelo atual proprietário, havia uma mistura diversificada de vegetação e de usos do solo. A zona superior foi a primeira a ser comprada e aí a intervenção mais recente teria sido a plantação de eucaliptos no que era um olival em decadência, muito maltratado. Na qual está a casa e que atravessa a zona do prado, era utilizada para a agricultura em pequena escala ou como viveiro, para cultura de sequeiro e para palha. Os terrenos a sul estavam encharcados e cheios de mato, sendo impossível atravessá-los mesmo a pé. Muitas das árvores desta zona estavam caídas por causa do solo encharcado, que fazia com que as raízes não tivessem solidez suficiente para suportar o peso da árvore.

As terras vizinhas da Sarnada permanecem não cultivadas, criando um santuário natural que atrai uma grande variedade de vida selvagem. Espécies como javalis, veados, corços, esquilos, garças, patos e raposas são frequentemente observadas na zona. Um dos principais objetivos da gestão destas terras é a preservação da sua rica biodiversidade.

O trabalho já realizado consistiu na agregação das parcelas em função das características anteriores e/ou testemunhos dos proprietários e vizinhos mais antigos, na limpeza de matos e em operações de drenagem, que tornaram possível o reconhecimento e o levantamento do terreno. Isto permitiu desenvolver uma estratégia atualizada para a Sarnada, que teve em conta a composição do solo,

Pinheiros bravos,
Sobreiros,
Carvalhos e
Oliveiras

Eucaliptos,
Sobreiros e
Carvalhos

Pinheiros mansos
e Sobreiros

Pinheiros mansos

Oliveiras

Zona não
florestada (prado)

Carvalhos

Pomar: Ma-
cieiras, Pereiras,
Nespereiras

Choupos,
Carvalhos e
Salgueiros

Carvalhos
e Salgueiros

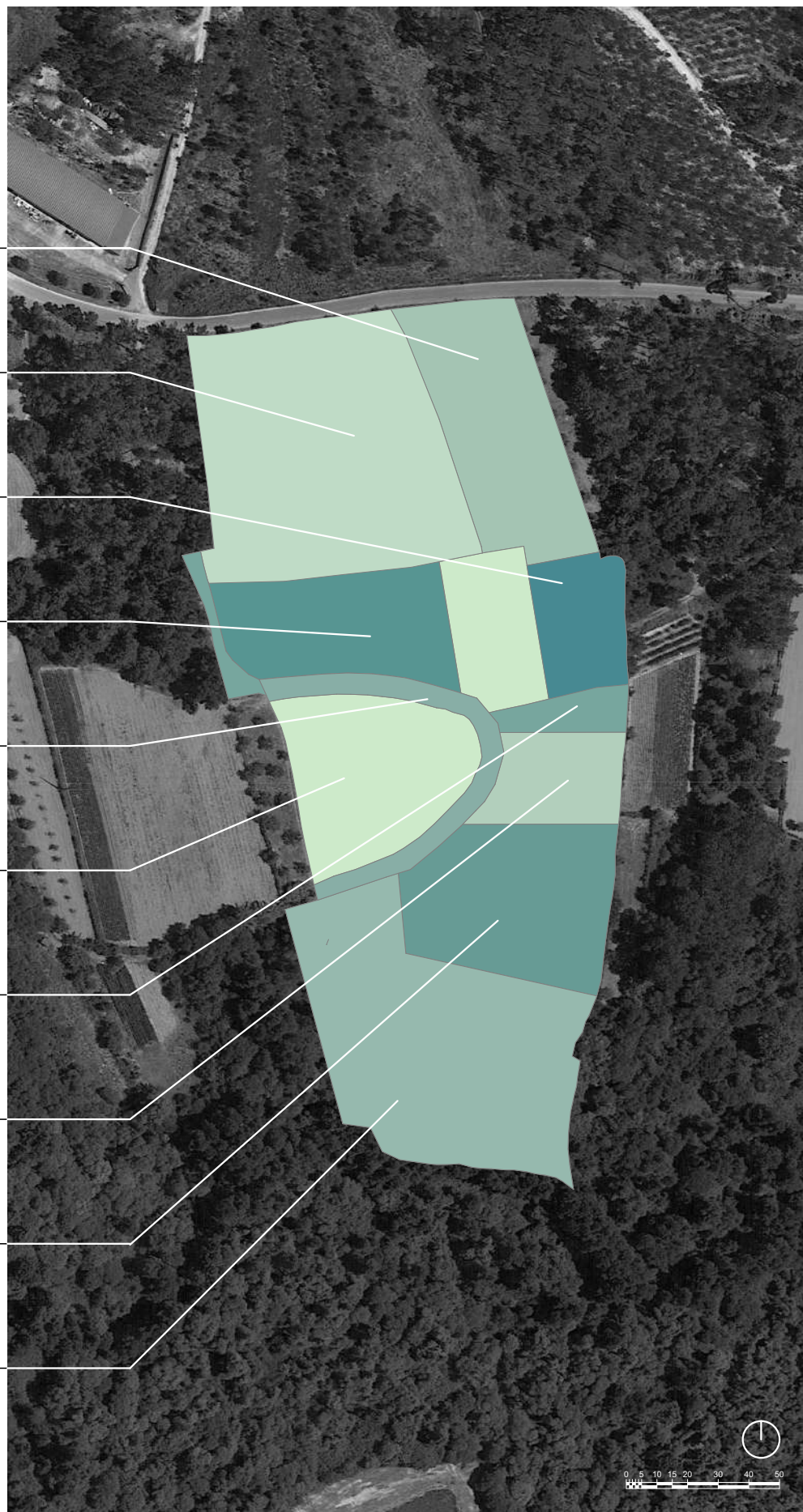
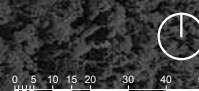


Fig 77. Planta da
distribuição projetual
das árvores.



o teor de água presente e a referida divisão dos três níveis.

O nível norte, por ser o mais seco, é destinado à silvicultura organizada industrial, definindo-se uma abordagem sistemática para o crescimento e o abate das árvores. Passando para o nível intermédio, os visitantes deparar-se-ão com vastas extensões de pastagens complementadas por parcelas agrícolas. Este nível funciona como um núcleo de repouso, uma interrupção, um intervalo, que conduz à zona mais a sul, densamente arborizada, de silvicultura de conservação.

A floresta a sul, com as suas diversas áreas moldadas pelo tipo e densidade da vegetação, manterá a sua vibração inata e à medida que o visitante se aprofunda entre as árvores, deparar-se-á com as sete unidades habitacionais, que parecerão esconder-se no meio do arvoredor. Os percursos propostos consagrarão a mencionada circulação em forma de teia, entre as várias unidades, sendo este um sistema estratégico que promove a exploração dos vários lugares e recantos e que assegura uma perturbação mínima do ambiente natural.

Os choupos presentes na zona central do terreno, a sudeste do prado, têm atualmente dez metros de altura e foram cultivados num viveiro mais antigo. O anterior proprietário havia-os entregue a um madeireiro, pois insistiu em vender o terreno sem as árvores, e o atual proprietário teve de comprar os choupos ao dito madeireiro, para que este as não cortasse. Esta árvore, com um tronco branco e com uma espécie de tufo branco que se assemelham a neve e que caem durante a primavera, é de facto esteticamente muito aprazível. Os choupos no terreno foi essencial para o conceito de preservar os diferentes ambientes naturais da Sarnada.

Já após a junção de todas as parcelas que compõem a propriedade e o início do seu estudo, plantaram-se pinheiros mansos na faixa horizontal, onde antes havia



Pinheiro Manso
Pinus Pinea



Pinheiro Bravo
Pinus Pinaster



Sobreiro
Quercus Suber



Carvalho Alvarinho
Quercus Robur

Fig 78. Aspeto das
árvores escolhidas
para o terreno da
Sarnada.

viveiros e pequenos lotes de agricultura. As árvores jovens têm agora cerca de dois metros de altura e o pequeno pinhal já chamou a atenção de vários habitantes da zona, quer pela novidade da espécie (há muito que não havia pinheiros-mansos na área), quer pela implementação inovadora do sistema de rega gota-a-gota.

A escolha do pinheiro manso foi determinada por vários fatores, que se enunciam. A existência de eucaliptos diretamente a norte, árvores que inevitavelmente acidificam o terreno, fez com que optasse pelos pinheiros, que caracteristicamente têm preferência por solos ácidos⁹³. O local do plantio, virado a sul, é ideal para esta árvore, que precisa de luz e de estar protegida de geadas fortes. Além disso, o pinheiro não precisa de muita água, pelo que se desenvolverá bem no nível superior da Sarnada. Finalmente, o comércio do pinhão está em franco desenvolvimento, o que contribuirá, de modo relevante, para a viabilidade económica do projeto.

O eucaliptal na zona norte, uma realidade preexistente, manter-se-á até que as árvores tenham tamanho para ser cortadas, de forma rentável. Entretanto, funcionarão como uma cortina entre a realidade exterior e a Sarnada, conferindo privacidade ao espaço. Está já em curso a plantação de carvalhos, pinheiros-bravos e sobreiros entre os eucaliptos, para que o terreno não fique vazio quando estes forem cortados e vendidos para produção de pasta de papel, e para que se mantenha a tal divisão visual entre a propriedade e o ambiente circundante.

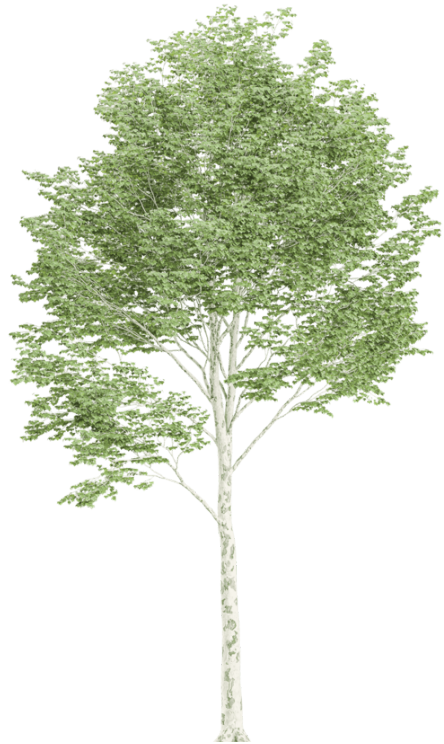
Escolheu-se o carvalho como a árvore que estará presente em toda a extensão da propriedade, para criar uma união entre todos os níveis. Esta árvore de bolota, nativa da Beira e do norte de Portugal, não só se adapta bem a qualquer terreno (com exceção dos solos áridos, o que não é o caso), como constitui um habitat favorável para numerosos animais⁹⁴.

93. Ver anexos: Características das árvores, página 199.

94. Idem.



Eucalipto
*Eucalyptus
globulus*



Choupo Branco
Populus Alba



Salgueiro
Salix Alba

Fig 79. Aspeto das
árvores escolhidas
para o terreno da
Sarnada.

Os sobreiros, árvores protegidas por lei e que preferem solos pouco férteis e com pouca água, são adequados para a zona do eucaliptal. Como os carvalhos, os sobreiros têm bolotas, um alimento perfeito para os animais durante o outono, e deles poderá ser retirada cortiça.

Na parte superior as oliveiras continuarão a estar presentes, não só para preservar e honrar a história do terreno, mas porque estas árvores são tão importantes na tradição e memória dos países mediterrânicos. O facto de as oliveiras terem raízes pouco profundas permitiu que várias fossem deslocadas, de modo a criar limites mais evidentes dos vários níveis, realçando e enaltecendo a área do prado e criando divisões visuais.

Para a zona sul, com características tão distintas das outras áreas e na qual há risco de inundações frequentes, houve que escolher árvores que não só resistam a grandes teores de água, mas que beneficiem disso, tendo-se elegido o salgueiro. A área mais densa de floresta será composta por salgueiros e carvalhos, respeitando-se, no entanto, as implantações das construções. O ideal será manter as árvores de folha caduca, ou seja, os carvalhos, perto dos volumes, para que a sombra da árvore proteja as unidades habitacionais no verão e a ausência de folhas no inverno otimize a exposição à luz solar.

Atualmente há cabos de alta tensão sobre o terreno, que o atravessam transversalmente, no nível intermédio e na zona superior do terceiro nível. Este constrangimento determinou a escolha limitada de árvores de baixo porte para uma faixa de trinta metros de largura⁹⁵. Na periferia da zona do prado propõe-se que apenas existam oliveiras, árvores que atingem uma altura máxima de quinze metros depois de cem anos de crescimento. Na área mais afetada, a zona superior do terceiro nível, foi criado um pomar, com macieiras, pereiras e nespereiras, espécies que crescem até aos dez metros de altura. O pomar será

95. Regulamento de Segurança de Linhas Elétricas de Alta Tensão, CAPÍTULO III - Condutores e cabos de guarda para linhas aéreas, SECÇÃO IV - Proteção contra contactos acidentais, Artigo 28.º - Distância dos condutores às árvores. Diário da República n.º 41/1992, Série I-B de 18/02/1992.



Oliveira
Olea Europea



Macieira
Malus Domestica



Pereira
Pyrus Comunis



Nespereira
Eriobotrya Japonica

Fig 80. Aspeto das
árvores escolhidas
para o terreno da
Sarnada.

um espaço pedagógico e no qual se produzirão alimentos para consumo próprio. A parcela que ainda não integra a propriedade, e da qual se falou no primeiro capítulo, também será para árvores de fruto. Esta composição converte o prado numa espécie de auditório, que apresenta o passado e retrata a inicial vocação agrícola da Sarnada. Os trabalhos associados a esta área não se esgotarão com a respetiva execução, pois a mesma implicará cuidados contínuos, para ser efetivamente produtiva e para não ser tomada pela vegetação selvagem, sendo esta uma opção consciente e intencional do proprietário.

Este terreno, para a sua viabilidade, requer cuidado frequente contra a vegetação selvagem. Este é, portanto, um trabalho contínuo, não apenas um projeto de execução, mas de empenho continuado.



Fig 81. (Cima) Charca a sul do terreno da Sarnada.

Fig 82. (Centro) Poço na zona do Prado no terreno da Sarnada.

Fig 83. (Baixo) Afluente da ribeira do Tapado no limite sul da Sarnada.

Futuro - Proposta de intervenção

Projeto

A água

“A “natureza” - não a natureza no seu estado selvagem, mas aquilo a que poderíamos chamar a natureza moldada pelo homem. Em oposição à natureza como desordem, esta é a natureza ordenada pelo ser humano, ou melhor, a abstração de uma ordem derivada da natureza: a luz abstrata, a água abstrata, o vento abstrato.”

Tadao Ando⁹⁶

O título “água” destaca a imensa importância da gestão deste recurso no projeto, nomeadamente no que diz respeito à sua drenagem, ao seu fluir e ao seu uso eficaz.

A Sarnada, como se descreveu no primeiro capítulo, teve sempre uma grande ligação com a água, sendo esta uma das suas características e valias mais destacadas. Porque num passado relativamente recente o terreno foi votado ao abandono, deixou de haver cursos de água definidos, surgiram pequenos lagos naturais e zonas pantanosas, bastantes árvores caíram por falta de solidez do solo e o mato e as silvas puderam crescer livremente e invadiram quase toda a propriedade, que em várias zonas se tornou impenetrável. No extremo sul da Sarnada houve inundações frequentes, sendo indispensável desenvolver uma estratégia de drenagem eficaz. Por um lado, a presença de numerosas fontes de água impõe a necessidade de mecanismos de controlo, e, por outro, a inclinação do terreno para sul representa uma via de escoamento natural. Contudo, a inclinação não é constante e criam-se zonas de estagnação.

96. Tadao Ando - “ Lieu - Géométrie - Nature” in NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l’architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999, p.249. Traduzido pela autora do francês. « La “nature” - non pas la nature à l’état sauvage, mais ce que l’on pourrait appeler une nature façonnée par l’homme. Face à la nature assimilée au désordre, c’est une nature ordonnée par l’être humain, ou plutôt l’abstraction d’un ordre issu de la nature: la lumière rendue abstraite, l’eau rendue abstraite, le vent rendu abstrait.»

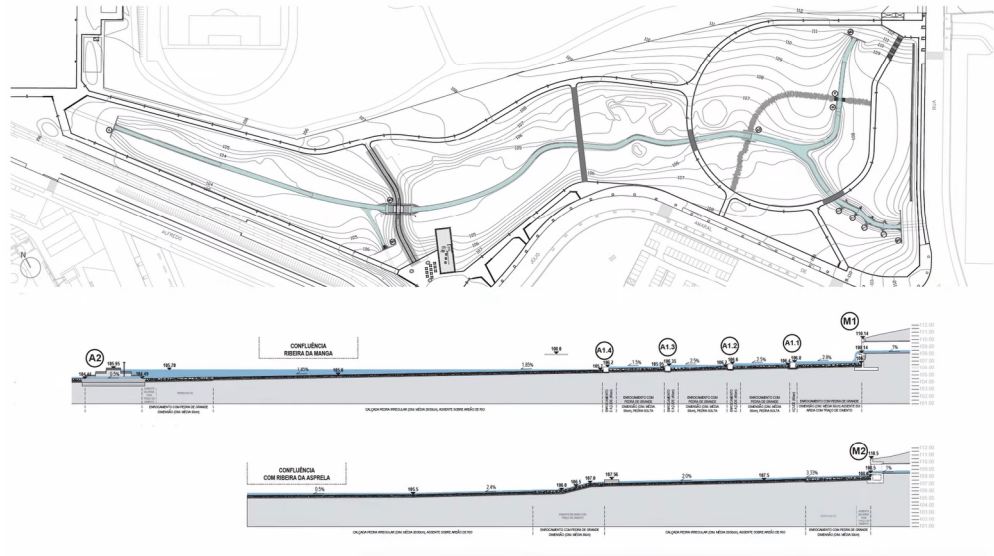


Fig 84. (Cima) Planta do parque da Asprela e Cortes longitudinais das Ribeiras.

Fig 85. (Centro) Linha de água no parque da Asprela.

Fig 86. (Baixo) Projeto para o parque da Asprela.

Usou-se o exemplo do Parque Central da Asprela⁹⁷, no Porto, como uma referência para a resolução da questão da água e, igualmente, para o tema anterior da organização do terreno. O dito parque localiza-se numa bacia hidrográfica, zona problemática do ponto de vista da quantidade de água, e é um exemplo ideal de boas soluções, que valorizam o espaço e a biodiversidade. Este parque é ideal para poder perceber como resolver esta situação de forma a valorizar o espaço e a sua biodiversidade.

Neste caso de estudo, adotou-se o método de soluções de base natural (Nature Based Solutions)⁹⁸, o que encaixa perfeitamente com o que se pretende para a Sarnada. Para isto, foram usados materiais já presentes no terreno e aplicaram-se estratégias naturais que visam o melhoramento do próprio solo. O projeto permitiu fazer da Asprela um parque muito aprazível e, ao mesmo tempo, um espaço de retenção de águas pluviais que faz com que estas se infiltrem no terreno até à bacia hidrográfica, restabelecendo-a, ou que corram pelas linhas de água naturais.

Na Sarnada, criaram-se itinerários para conduzir, e reconduzir, a água. O sistema de drenagem selecionado para a propriedade baseia-se nos métodos naturais, aproveitando os contornos dos três níveis e a inclinação do terreno para posicionar eficazmente as linhas de água, tendo sempre em conta a localização dos níveis freáticos. Ao implementar esta estratégia, não só os desafios técnicos são resolvidos, como também os benefícios ambientais são aumentados. O sistema assegura a manutenção do nível de humidade da floresta e ajuda na conservação dos recursos hídricos locais. Tal como no Parque da Asprela, os percursos de drenagem das águas são compostos por valas forradas por pedras, neste caso seixos rolados, um material típico da zona, como se referiu no primeiro capítulo, e, em partes, por canais subterrâneos, para permitir uma continuação fluida dos espaços verdes.

97. SILVA, Renata - Parque da Asprela: o “recém-nascido” da arquitetura paisagista da FCUP. Notícias Universidade do Porto. [Online] (2022).

98. Soluções inspiradas e apoiadas pela natureza, que são eficazes em termos de custos, proporcionam simultaneamente benefícios ambientais, sociais e económicos e ajudam a reforçar a resiliência. Essas soluções trazem mais e mais diversificada natureza e características e processos naturais para as cidades, paisagens e marinhas, através de intervenções sistémicas, adaptadas localmente e eficientes em termos de recursos. Traduzido pela autora. Definição original da Comissão Europeia disponível em https://research-and-innovation.ec.europa.eu/research-area/environment/nature-based-solutions_en

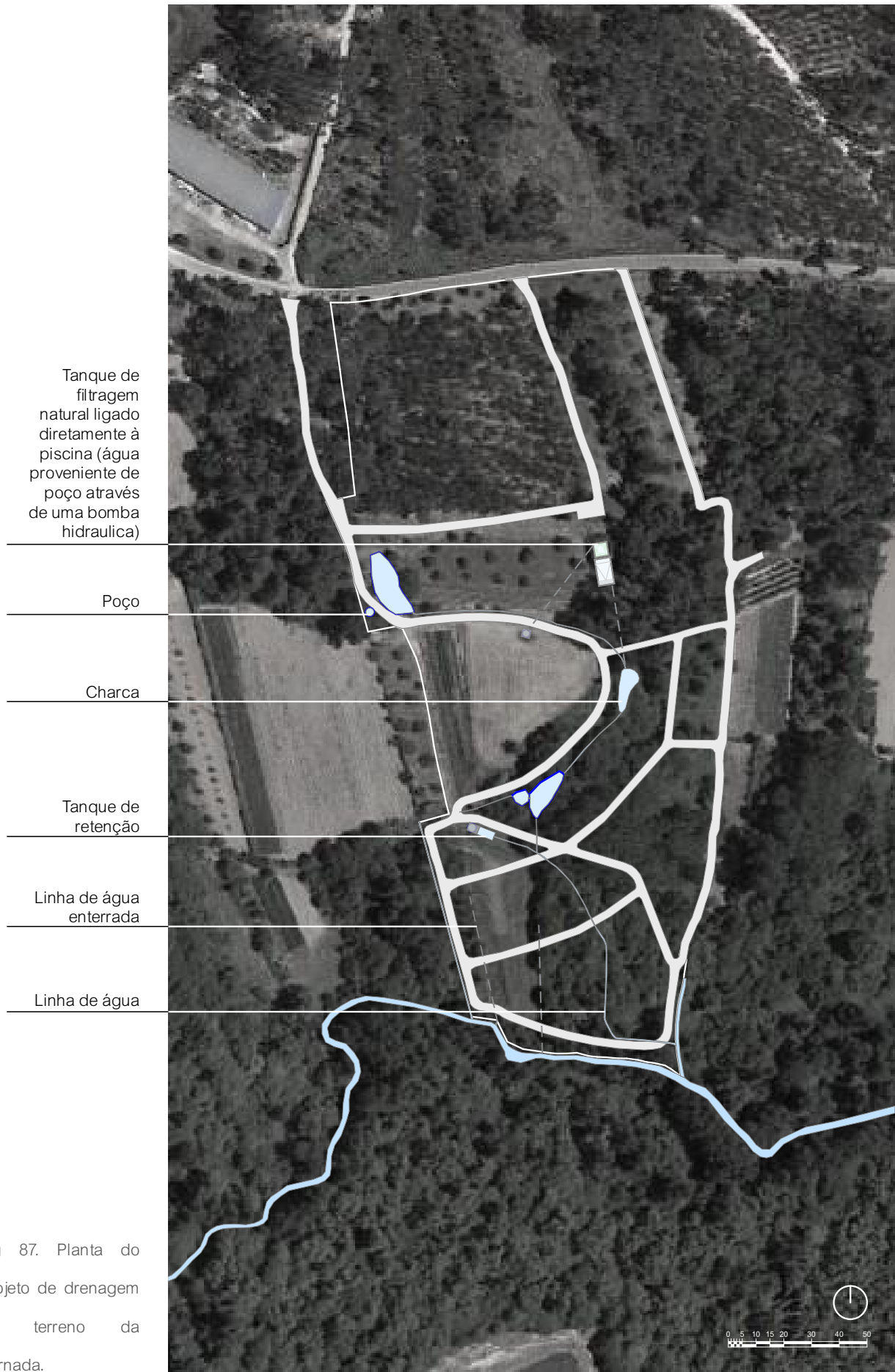


Fig 87. Planta do projeto de drenagem do terreno da Sarnada.

Na zona norte, é criada nos tempos das *Guerras da Sarnada* uma pequena vala bastante profunda que fazia com que esta zona tivesse acesso à água. Aquando da aquisição dos terrenos pelo atual proprietário, uma das primeiras iniciativas foi alargar esta vala para a transformar num pequeno lago, o que dá um valor diferente ao espaço, trazendo frescura e introduzindo uma pausa na continuidade visual do terreno. A mudança aportou diferenças à fauna local, visível através dos patos e garças que se tornaram visitantes habituais. Este pequeno lago comporta-se com um tanque de retenção que, tal como no Parque da Asprela, devolve a água à bacia hidrográfica criada pelos estratos de areia e argila, referidos no primeiro capítulo.

Graças a esta primeira experiência bem sucedida, percebeu-se que criar vários pequenos charcos ao longo do terreno, em pontos estratégicos, seria essencial e acertado, já que tornam possível o controlo da água, originam ambientes diferentes, enriquecendo visualmente a propriedade, e têm como consequência positiva o aumento da fauna instalada. Como tal, foram escavadas mais quatro charcas, em torno da zona do prado, que era, sem dúvida, causadora de inundações.

Também se prevê um tanque de retenção para gerir e controlar o fluxo de água no local específico diretamente abaixo do desnível entre o segundo e terceiro nível. Este tanque é necessário porque a água aflora naturalmente neste local devido à presença do lençol freático, o que faz com que existam várias nascentes concentradas nesta zona. O reservatório tem como objetivo consolidar o fluxo de águas superficiais nesse ponto. Se estas nascentes não fossem geridas, provocariam inundações frequentes devido ao seu grande volume de água. A instalação do tanque de retenção permite gerir eficazmente o caudal de água, reduzindo o risco de inundações na zona.



Fig 88. Afluente da ribeira do Tapado no limite sul do terreno da Sarnada.

A execução do projeto hidráulico já começou e este foi posto à prova no inverno de 2022, o que permitiu verificar os resultados das soluções adotadas e trouxe a oportunidade de introduzir algumas alterações, nomeadamente ao nível do percurso dos itinerários, para melhorar todo o sistema.

No projeto da Sarnada há uma piscina, que se localiza em apoio ao próximo capítulo e que foi pensada de modo a integrar o percurso da drenagem dos terrenos, usando o conceito de piscina de filtragem natural. Em vez de fazer a recirculação da água da piscina com apoio de bombas, a água passará na piscina como se esta fosse mais uma charca, sendo filtrada numa fase inicial através de um reservatório com a flora aquática apropriada, transbordada para a piscina já filtrada e devolvida ao percurso de forma natural.



Fig 89. Perspetiva do alçado sul da casa principal.

Fig 90. Perspetiva do alçado norte da casa principal.

Fig 91. Perspetiva da sala de jantar da casa principal.

Futuro - Proposta de intervenção

Projeto

O ninho

“A geometria projetada na natureza afirma o seu próprio carácter no contraste que cria com a natureza. Através do encontro com as linhas geométricas, a natureza evidencia a sua própria presença. E graças ao diálogo nascido do encontro entre estes dois elementos, o ambiente, suporte da vida quotidiana, encontra o seu lugar.”

Tadao Ando⁹⁹

O ninho é um símbolo de conforto, proteção e lar. Para o cerne construído, este título apresenta a ideia de um espaço central que será o coração e o núcleo do projeto, oferecendo abrigo e hospitalidade, e consagra, na perfeição, o conceito e a essência de uma unidade de acolhimento. Há um edifício primeiro, chamemos-lhe a casa principal, posicionado exatamente como um órgão motor, e as outras áreas – ou órgãos, em termos metafóricos – distribuem-se e funcionam através de um circuito, tal como o sangue flui num corpo. O projeto arquitetónico da casa principal centra-se na ideia da criação de um espaço que oferece benefícios funcionais e conforto emocional. “Ninho” enfatiza o papel íntimo, protetor e central da casa principal, dentro do projeto maior.

A casa principal ergue-se no nível norte do terreno, prestando homenagem ao passado ao manter a implantação da única construção que o terreno teve e envolvendo e acolhendo a ruína. O edifício é composto por três volumes, com funções distintas, e reflete a volumetria das construções típicas das aldeias da região, com plantas quadradas ou retangulares, com tamanho para incluir dois pisos e com

99. Tadao Ando - “Partir de la topographie” in NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l'architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999, p.249. Traduzido pela autora do francês. « La géométrie projetée au sein de la nature revendique son propre caractère dans le contraste qu'elle crée avec la nature. Par la rencontre avec les lignes géométriques, la nature met en relief sa propre présence. Et grâce au dialogue né de la rencontre entre ces deux éléments, l'environnement, support de la vie quotidienne, trouve sa place. »



Fig 92. (Cima) Tadao Ando, igreja da luz, Cidade de Ibaraki, província de Osaka, 1987-1989.

Fig 93. (Centro) Tadao Ando, Museu de Arte de Chichu, Cidade de Naoshima, província de Kagawa, 2000-2004.

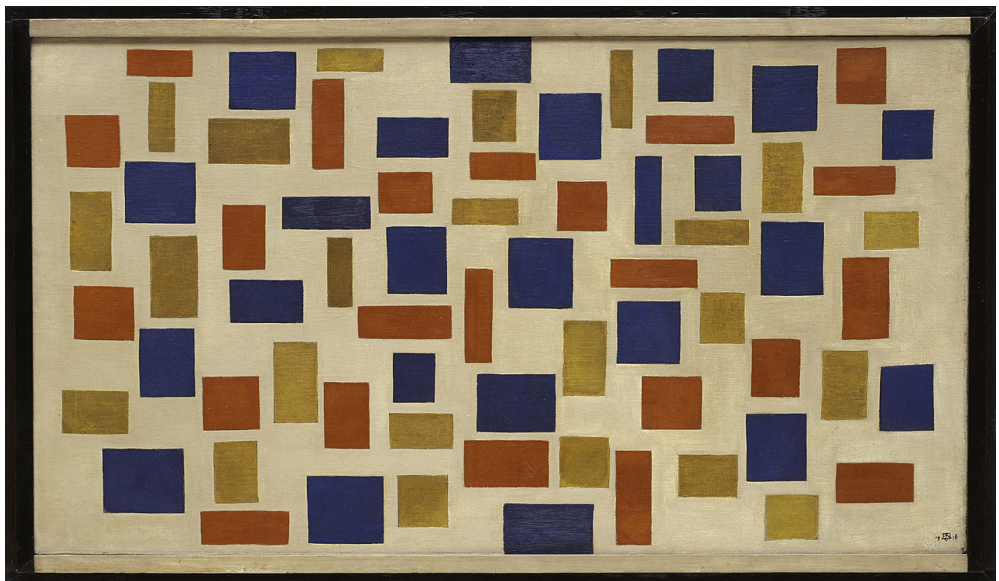


Fig 94. (Baixo) Theo Van Doesburg, *Kompositie XI*, 1918.

cobertura de duas águas. A ruína torna-se a base geométrica para os três volumes, como um módulo. No entanto, as alturas dos blocos são distintas, para conferir individualidade e também para espelhar a realidade do contexto.

Tadao Ando, uma figura de renome na arquitetura contemporânea, é célebre pela sua abordagem à geometria¹⁰⁰, profundamente enraizada tanto nos princípios clássicos da arquitetura ocidental como na estética tradicional japonesa. Os seus projetos caracterizam-se por linhas simples e formas geométricas básicas, criando espaços minimalistas, mas com um impacto profundo. Neste projeto, foi usado como inspiração a filosofia de Ando, particularmente na sua utilização hábil de formas geométricas para criar um diálogo harmonioso entre o ambiente construído e a sua envolvente natural. O trabalho de Ando, como a Igreja da Luz e o Museu de Arte Contemporânea de Naoshima, demonstra como a geometria pode ser utilizada não só como uma ferramenta de desenho, mas também como um meio de enquadrar e incorporar elementos da natureza, permitindo que a luz, o vento e a paisagem se tornem partes integrantes da experiência arquitetónica. Esta relação simbiótica entre a geometria e a natureza no trabalho de Ando orientou o processo de conceção do projeto das construções da Sarnada, levando a criar espaços ligados ao seu contexto ambiental. Ao integrar estes princípios, o projeto reflete as qualidades serenas e contemplativas inerentes à arquitetura de Ando, na qual a simplicidade das formas geométricas e a complexidade da natureza se fundem para criar espaços que são simultaneamente tranquilos e dinâmicos. No entanto, na Sarnada, foi procurado juntar a arquitetura portuguesa vernacular ao princípio da geometria de Ando. Assim, ao usar a dimensão da ruína como base para o desenho em planta, cria-se um jogo de quadrados, nos espaços exteriores e nos volumes, que pode ser comparado, de forma muito humilde, a um quadro de abstracionismo geométrico.

100. Tadao Ando - "Lieu - Géométrie - Nature" in NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l'architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999, p.219-220.

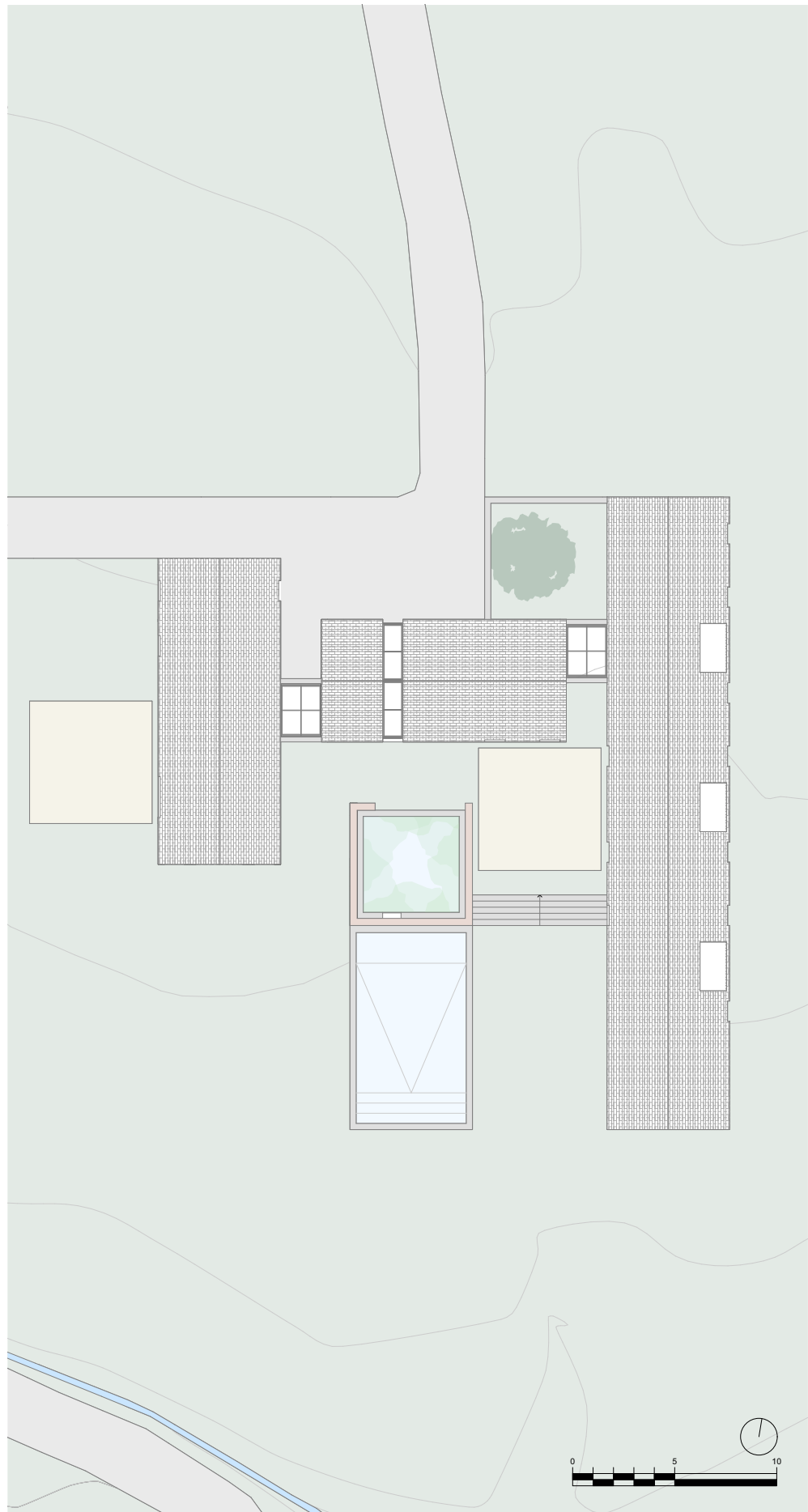


Fig 95. Planta de coberturas da casa principal, escala 1:300 (escala 1:150, ver anexos página 227).

Estes volumes, predispostos em volta da preexistência e ligados por pequenas galerias envidraçadas, criam o “espaço central” em que a ruína se comporta como monumento. Estes também criam, a norte, um espaço de receção através da disposição específica dos três volumes. Tal como no desenho estrutural das aldeias, foi procurado deixar espaços para os elementos distintos através do posicionamento dos volumes.

O volume a norte é concebido para acolher e receber os visitantes, usando o módulo da ruína duas vezes, lado a lado, criando de um lado a receção e espaço administrativo e do outro um espaço de repouso. Estas duas zonas são divididas por uma lareira, que dá a ambos os lados um ambiente acolhedor. Os dois espaços dão acesso ao “espaço central”. O volume em si é cortado a meio, alinhando a aproximação ao edifício com o que seria a entrada da ruína, o que oferece uma perspetiva inusitada a quem chega e é uma clara alusão ao passado.

O bloco a poente é dedicado às refeições e às experiências culinárias, mas também ao espaço de coworking, e finalmente, de acesso apenas exterior, os espaços de apoio à manutenção e funcionamento da Sarnada como unidade de agroturismo. Este volume é pensado para ser de uso comum, já numa fase posterior da receção, para máximo proveito dos visitantes. O mezzanine foi então desenhado como espaço de coworking, com a mesma dimensão do módulo ruína, mas dividido em dois, dando a futuros ocupantes a oportunidade de escolher entre uma área mais resguardada e silenciosa, ou uma área mais aberta e social. Este espaço é essencial para atingir o objetivo nesta dissertação, respondendo às exigências evolutivas do mundo contemporâneo referidas no segundo capítulo. Por baixo deste, com um pé direito mais baixo para maior conforto e resguardo, encontra-se a cozinha, com uma divisória amovível para criar diferentes ambientes em

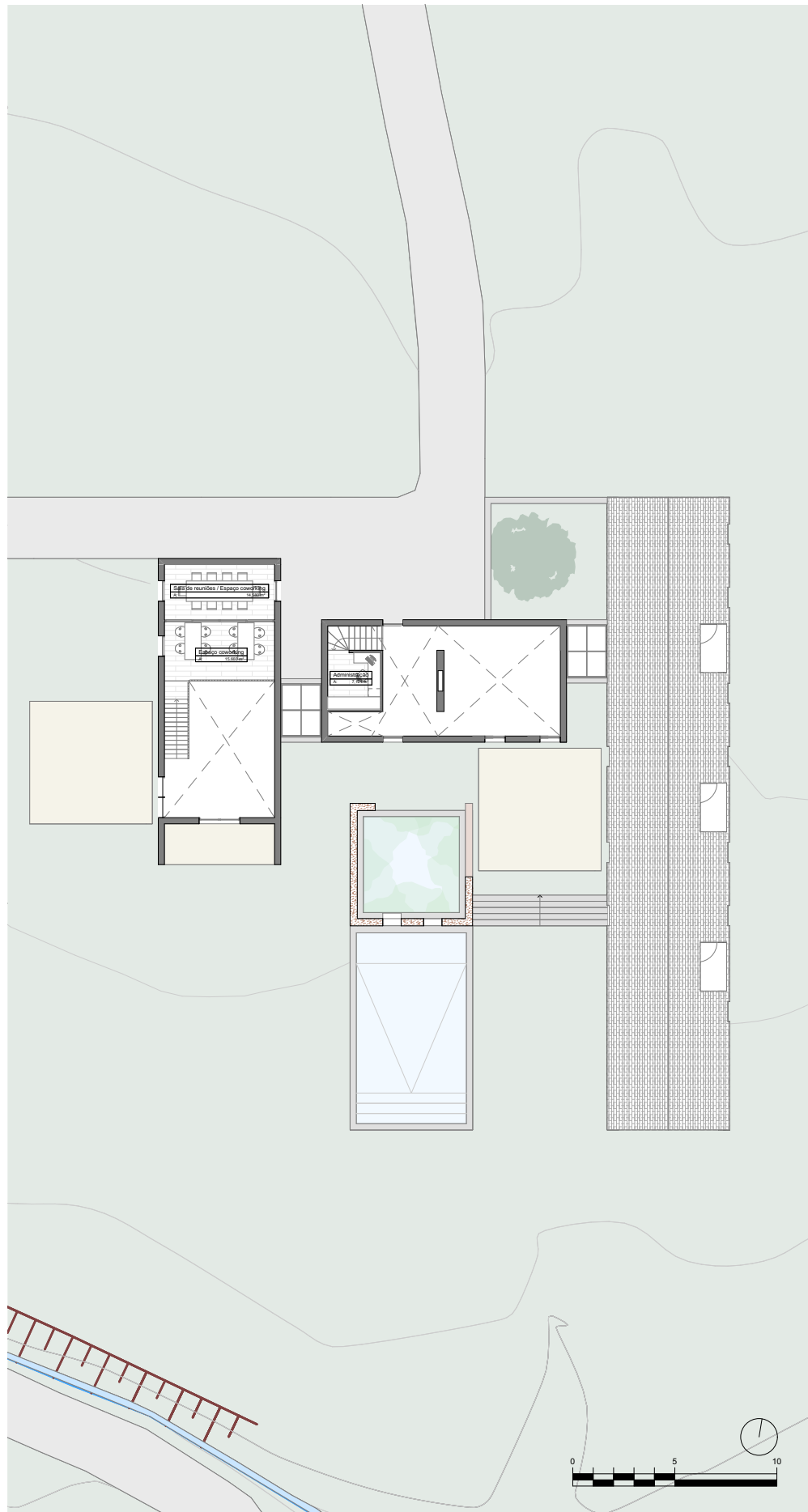


Fig 96. Planta de mezzanines da casa principal, escala 1:300 (escala 1:150, ver anexos página 229).

função de cada ocasião. A sala de jantar, com o pé-direito total, torna-se mais imponente, com um espaço exterior resguardado no topo do volume e outro do lado poente, com a mesma dimensão modular da ruína utilizada para os volumes, para que possam organizar-se eventos no exterior.

O terceiro volume, mais alongado, assegura a privacidade dos quartos. Quatro suites são dispostas ao longo deste bloco e três dispõem de um pátio, que serve igualmente de chuveiro exterior. O último quarto, no topo sul, usufrui da sua localização através de uma varanda. Num nível inferior de acesso exterior, cria-se espaços de apoio ao espaço de piscina.

No projeto respeitou-se a tradição dos dois andares nas habitações, ainda que de uma forma mais fluída, já que se mantiveram os dois pisos através da criação de mezzanines que deixam o espaço mais aberto. Dito de outra forma, a economia de recursos não foi tão levada ao extremo, porque se conceberam ambientes amplos. Quanto às escadas, em vez das tradicionais escadas de pedra no exterior da construção das casas beirãs, usaram-se escadas de madeira no interior, tal como na ruína.

As aberturas foram pensadas como rasgões verticais, com um ritmo próprio que tenta fugir à simetria pura, remetendo para as janelas típicas da região. A escolha de criar aberturas significativas mas mantendo uma escala humana no topo sul deveu-se às tradicionais varandas da zona Beirã, normalmente viradas para sul ou poente, para maximizar o número de horas de luz solar. No projeto aplica-se o mesmo princípio de retenção de energia através da orientação das aberturas, ainda que de forma contemporânea.

Inspirada na área envolvente, a casa principal utiliza materiais da região - ardósia, madeira e pedra calcária. Esta escolha foi principalmente influenciada pela arquitetura vernacular, e, ao mesmo tempo, expressa uma sensibilidade



Fig 97. Planta de rés-do-chão da casa principal, escala 1:300 (escala 1:150, ver anexos página 231).

para com a necessidade de redução da pegada ecológica, tentando evitar o transporte de materiais vindos de longas distâncias. Uma das abordagens à revitalização rural é a concepção de casas sustentáveis e ecológicas, privilegiando materiais de origem local e soluções energeticamente eficientes, o que não só beneficia o ambiente, como promove a autossuficiência e a independência das comunidades. Usa-se, portanto, as soluções de base natural, referidas no subcapítulo anterior, também na casa principal.

Os topos sul dos volumes serão forrados a madeira na vertical, enquanto a ardósia é usada como envolvente, para salientar a forma simples de inspiração vernacular, que se abre a sul e mostra o seu interior de material orgânico em contraste com o exterior duro negro. As peças em ardósia não só oferecem uma textura pixelizada única, como também reagem dinamicamente às condições meteorológicas, refletindo a luz solar e escurecendo quando molhadas. Nos espaços exteriores é usado lajes de pedra calcária. Esta distribuição de materiais é uma representação simbólica da localização dos materiais na região, pois, como se abordou no primeiro capítulo, a ardósia encontra-se nas serras e o calcário nas zonas mais planas. Assim, retrata-se a realidade natural através da volumetria, usando a ardósia para o relevo e a pedra calcária para os planos horizontais.

O espaço central exterior é então dedicado à ruína, onde, no seu interior, se encontra o tanque de filtragem natural que se comporta como espelho de água, refletindo esta antiga construção. A integração de um espelho de água no interior da ruína apresenta uma justaposição do passado e do presente, a decadência e a renovação. Esta intervenção arquitetónica transforma o espaço, preenchendo a totalidade do interior da ruína com uma superfície refletora que capta e joga com as texturas e formas das paredes em ruína e dos vestígios de uma época passada, realçando a beleza da decadência e da passagem do tempo. Este espelho de



Fig 98. Planta da cave da casa principal, escala 1:300 (escala 1:150, ver anexos página 233).

água funciona como uma tela, refletindo o céu e a mudança de luz, conferindo uma qualidade dinâmica e efêmera à decadência estática. Cria um diálogo entre a narrativa histórica da ruína e a natureza transitória do presente, convidando à contemplação e à introspeção. Esta fusão de água e ruína esbate as fronteiras entre o interior e o exterior. É uma expressão poética de renascimento e resiliência: o antigo ganha nova vida e significado através da tranquilidade reflexiva da água. A piscina, posicionada imediatamente à frente da fachada principal da ruína, reflete-a, mas trata-se de algo distinto do tanque, dá-lhe individualidade e cria duas vivências distintas.



Fig 99. (Cima)
 Fachada Sul da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 235).



Fig 100. (Centro cima)
 Fachada Nascente da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 235).

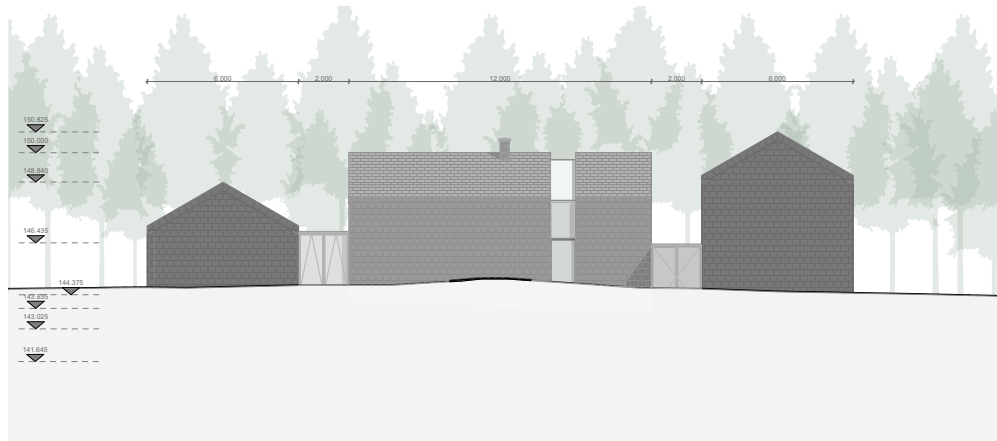


Fig 101. (Centro baixo)
 Fachada Norte da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 237).



Fig 102. (Baixo)
 Fachada Poente da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 237).

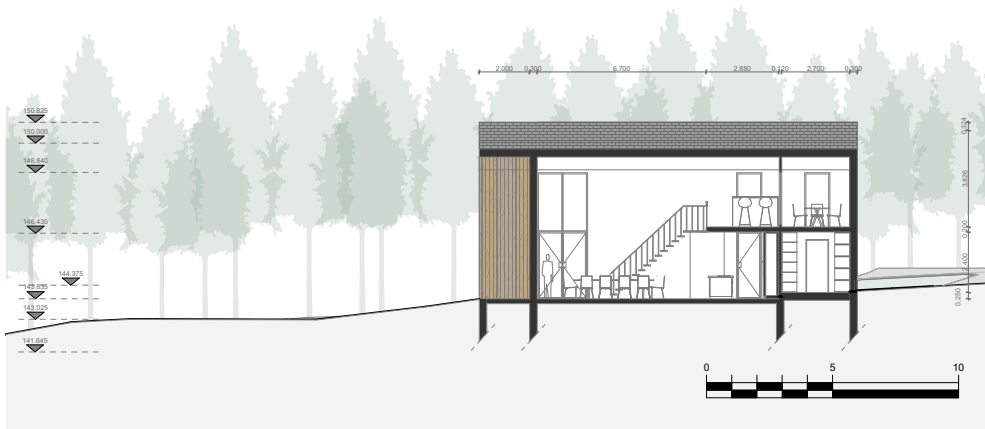
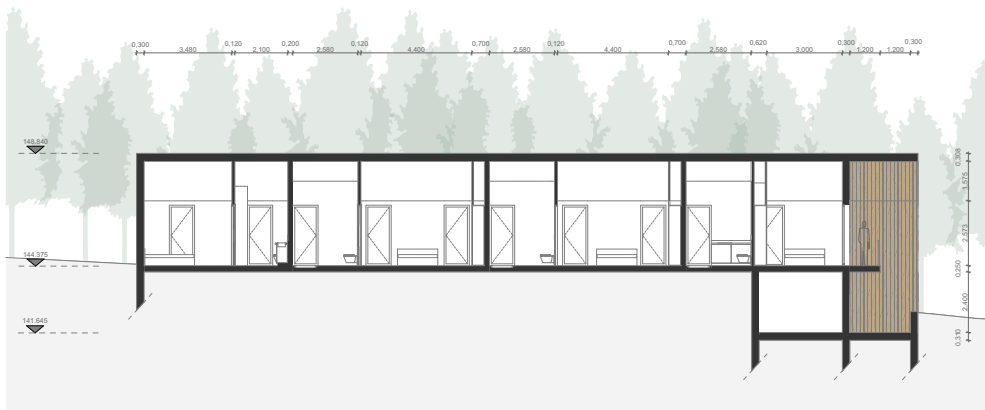
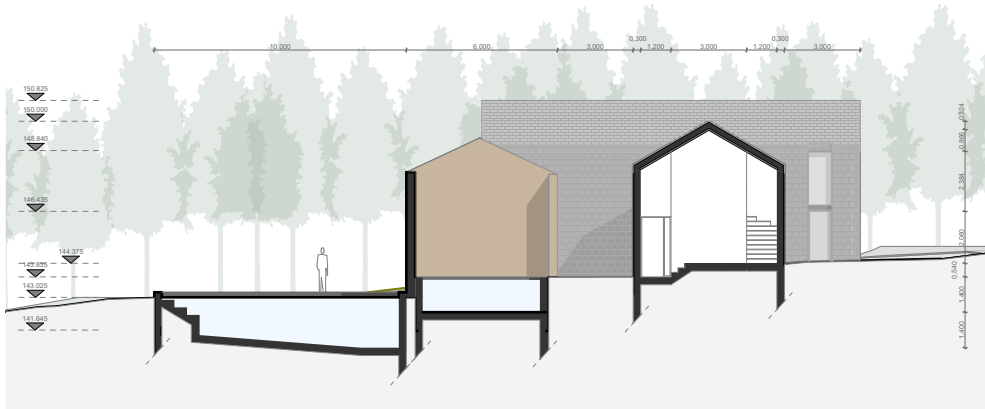


Fig 103. (Cima) Corte AA' da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 239).

Fig 104. (Centro cima) Corte BB' da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 239).

Fig 105. (Centro baixo) Corte CC' da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 241).

Fig 106. (Baixo) Corte DD' da casa principal, escala 1:300 (escala 1:100, ver anexos página 241).



Fig 107. Perspetiva do lado sul da unidade habitacional.

Fig 108. Perspetiva da entrada da unidade habitacional.

Fig 109. Perspetiva interior da unidade habitacional.

Futuro - Proposta de intervenção

Projeto

O refúgio

“A ideia é que nós atuamos na paisagem (isto é fácil de conceber), mas que a paisagem age também em nós de alguma forma (e isto é mais difícil de conceber)”

Augustin Berque¹⁰¹

O termo “Refúgio” sugere um lugar de fuga, consolo e tranquilidade. Para as unidades habitacionais, este título é adequado, uma vez que cada unidade foi concebida para ser um retiro privado no meio de uma paisagem mais vasta. Quer se trate de uma pausa da azáfama da vida quotidiana ou de um espaço para se ligar profundamente à natureza, cada unidade oferece a sua sensação única de paz e isolamento.

Ao escolher a designação “Refúgio”, realça-se a individualidade e a serenidade destas habitações mais pequenas no âmbito do projeto global. Com “refúgio” referir-se-á a cada uma das pequenas construções que estarão espalhadas pelo terreno, camufladas entre a vegetação, entre as árvores, havendo o propósito declarado de criar o maior conforto no menor espaço possível e de usar elementos com vincada influência local.

No nível sul, no meio da floresta densa, encontram-se estas sete unidades habitacionais, cuidadosamente concebidas para coexistir com as árvores sem causar perturbações. O posicionamento destas unidades no terreno reflete a curvatura do nível do prado, simulando uma órbita em torno de uma entidade central. Inspiradas na arquitetura vernacular, tal como na casa principal, estas construções

101. NUSSAUME, Yann [et al.] – Milieu et Architecture. 1^ª edição. Paris: Hermann Éditeurs, 2021, p.14. Traduzido do francês pela autora. « L'idée, c'est que nous agissons sur le paysage (cela, c'est facile à concevoir), mais que le paysage aussi agit sur nous de quelque manière (et cela, c'est plus difficile à concevoir).»

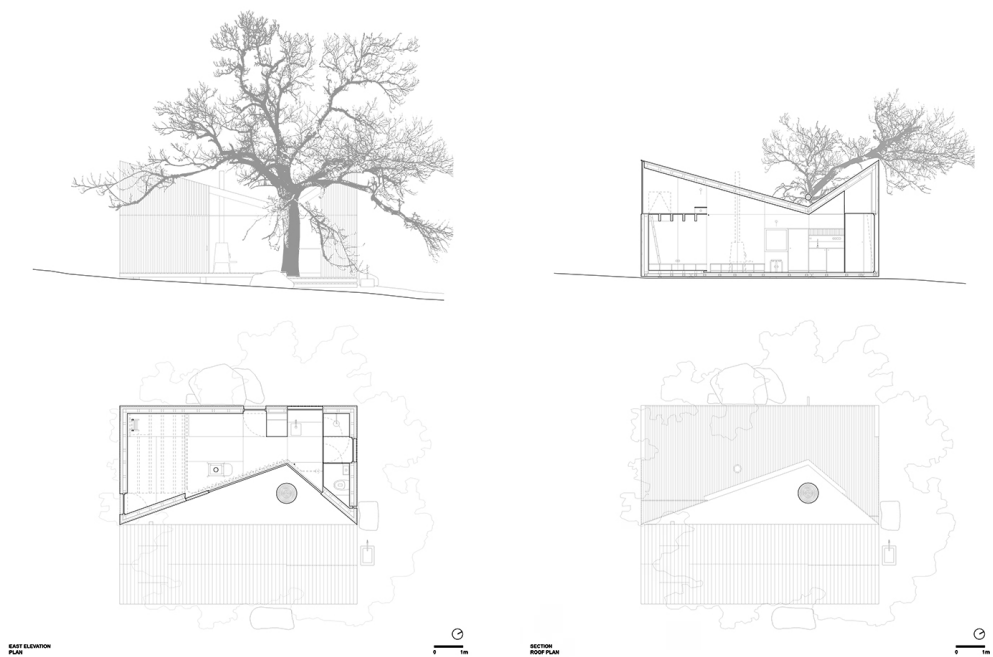


Fig 110. (Cima)
 Fachada, corte e
 plantas da casa do
 castanheiro.

Fig 111. (Baixo) Casa
 do castanheiro.



começam por ser pensadas como uma volumetria típica. No entanto, o volume é repensado, como que estendido nas suas faces laterais e prolongado, para criar um volume mais invulgar, mas mantendo a harmonia.

Nesta parte do projeto serviram de referência duas grandes obras: a Casa do Castanheiro e as Eco Houses, do Parque das Pedras Salgadas.

A Casa do Castanheiro, desenhada pelo arquiteto João Mendes Ribeiro, está inserida numa zona rural densamente povoada por castanheiros e carvalhos, numa encosta orientada a nascente-sul, na Serra da Marofa¹⁰². A casa foi concebida como um abrigo sob um castanheiro, motivo central para o desenvolvimento deste projeto. A intervenção procurou manter o carácter original do terreno praticamente intocado e sem afetar a árvore de abrigo em torno da qual a casa se implanta, o que obrigou, inclusive, a fazer cortes no alçado, já no decurso do projeto, para não sacrificar nenhum ramo¹⁰³. A casa é uma cabana moderna, uma estrutura modular, elevada do solo, constituída por uma estrutura leve e sobrelevada cuja volumetria e materialidade se relacionam com o terreno da forma mais harmoniosa possível, sem afetar as raízes do castanheiro. Toda a estrutura é em madeira de pinho, revestida com painéis de OSB e cortiça com características térmicas e acústicas. As fachadas exteriores, a cobertura e o deck são revestidos com madeira de pinho termo-modificada, num tom escuro, evidente intenção de inserção do projeto no terreno, através da materialidade e dos seus tons.

O projeto Eco Houses, da autoria do arquiteto Luís Rebelo de Andrade, é um exemplo de procura de integração da arquitetura com a natureza. Inserido no Parque Natural e Termal de Pedras Salgadas, este projeto de turismo hoteleiro é composto por dezasseis cabanas florestais distintas¹⁰⁴. O princípio, ou ponto de partida, foi o de respeitar e valorizar o parque¹⁰⁵. A constatação de que a construção de um único

102. Site oficial da casa do Castanheiro.

103. FERREIRA, Ana – Casa no Castanheiro. The Collection [Online] (2021).

104. Site oficial de Pedras Salgadas spa & nature park.

105. Site oficial dos arquitetos Rebelo de Andrade Architecture & Design.

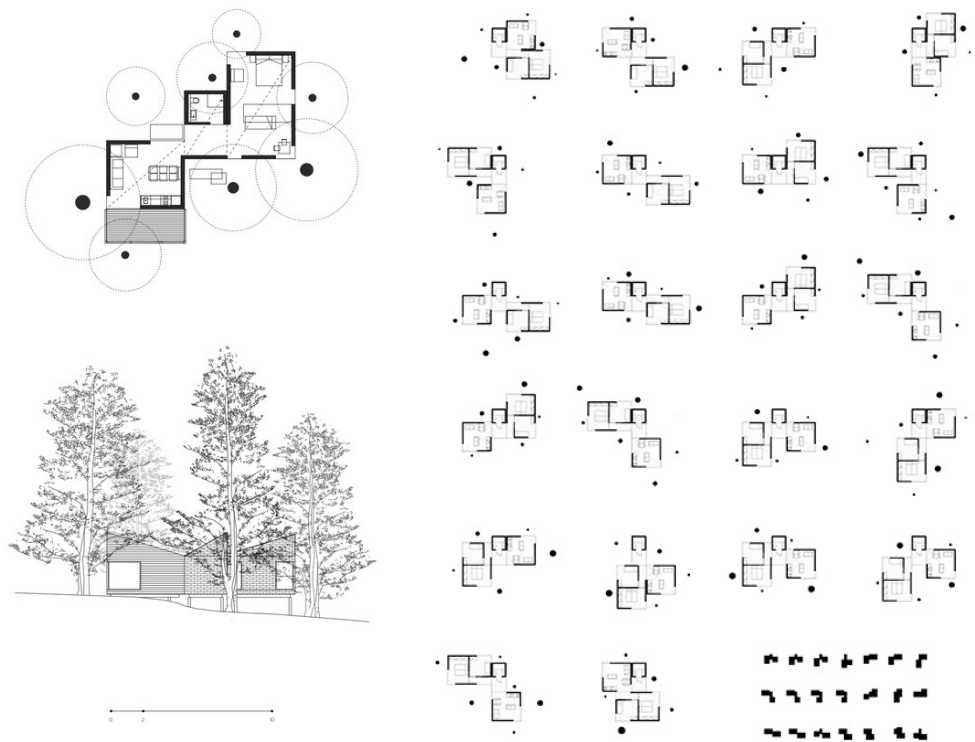


Fig 112. (Cima)
Plantas e fachadas
das Eco Houses.

Fig 113. (Baixo) Eco
House.



bloco que agregasse o programa não seria adequado abriu caminho para o segundo princípio: o espírito orgânico do próprio parque, que apelava à criação de alojamentos mais pequenos, como cabanas. As dezasseis cabanas assentam no conceito do desenho modular, que não só oferece flexibilidade, como também transforma continuamente a experiência do habitante. Cada unidade modular, composta por entrada, casa de banho, sala de estar e quarto, oferece uma multiplicidade de configurações. Os arquitetos utilizaram um sistema de pré-fabricação, que permitiu a adaptabilidade a locais específicos dentro do parque, sem o danificar, sem ser necessário o corte de árvores. O exterior das casas é revestido com placas de ardósia e madeira. Cada uma das cabanas é elevada sobre estacas, uma escolha projetual que aborda o terreno irregular e minimiza o impacto no solo.

Estes dois casos de estudo permitiram concluir que uma estratégia eficaz para a Sarnada será montar as unidades por espaços modulares, sendo cada divisão uma peça, cada uma delas construída através de uma grelha ortogonal de um metro de afastamento. A abordagem modular assegura que as unidades se entrelaçarão perfeitamente no meio das árvores, não exigindo a remoção da vegetação, antes ocupando o seu espaço negativo. Concebeu-se, portanto, um “puzzle” que ocupa o espaço negativo natural que resulta das árvores existentes.

A partir da ideia tradicional da zona Beirã de que casas são tipicamente constituídas por uma única divisão, na qual se cozinhava e também se dormia, foi proposto uma escolha mais contemporânea em que junta cozinha e sala, dois espaços intrinsecamente ligados através do uso comum e tipicamente usados em convívio. Assim, este espaço comum é uma das peças modulares, que, mais quartos e casa de banho como restantes peças, se dispõem à volta de uma pequena área de distribuição.

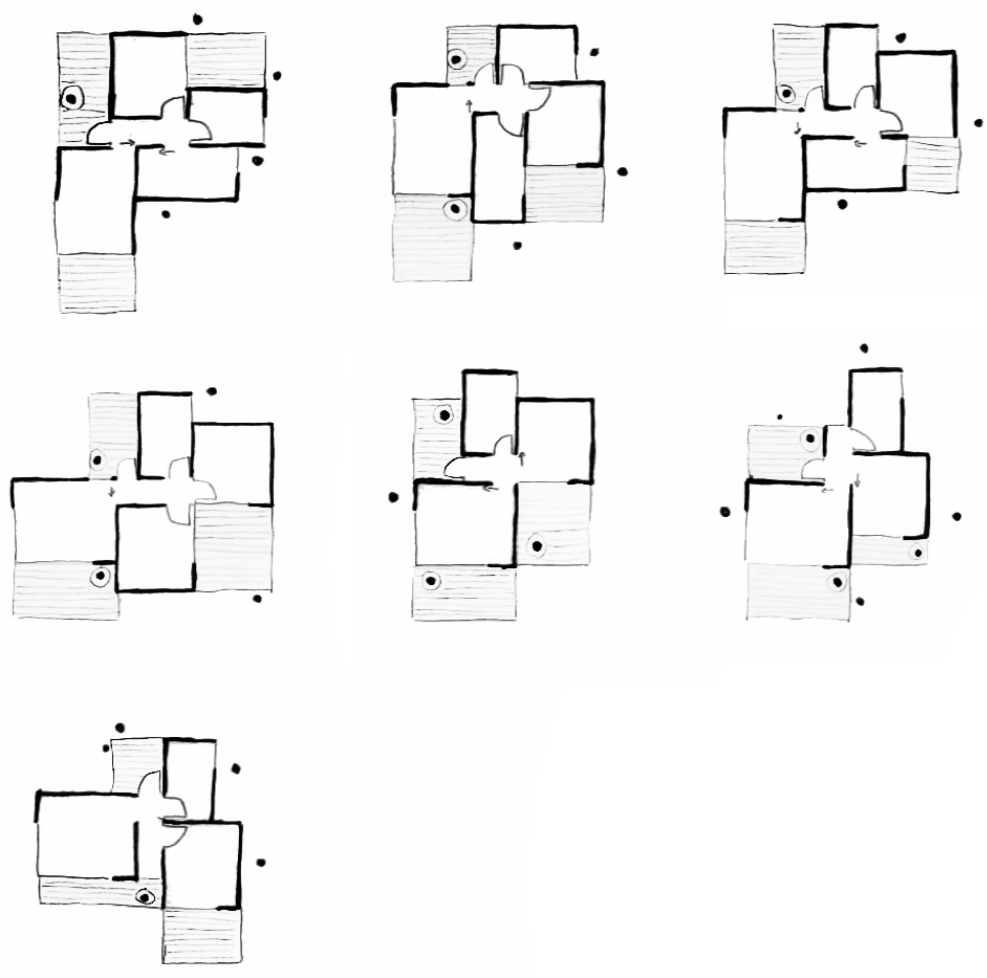
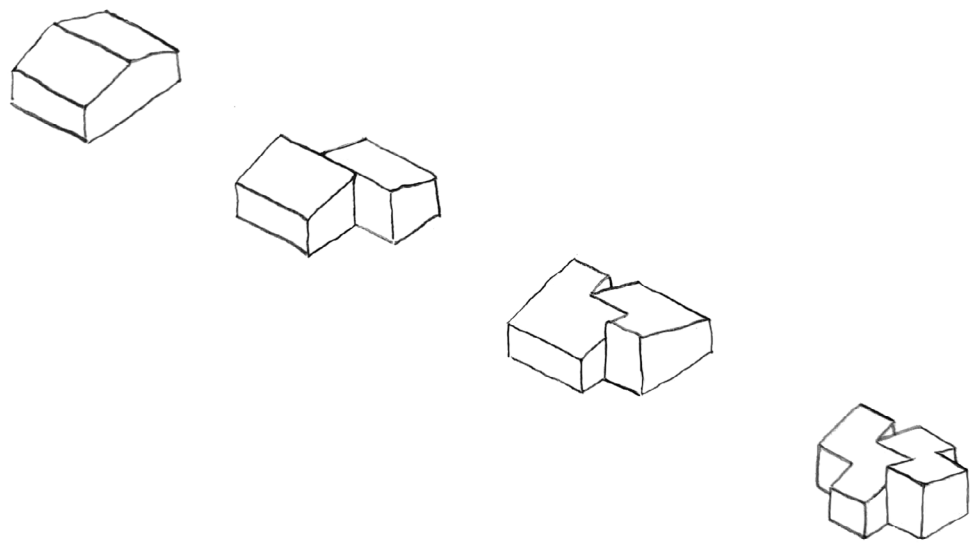


Fig 114. (Cima) Esquema da volumetria das unidades habitacionais projetadas para a Sarnada.

Fig 115. (Baixo) Planas das unidades habitacionais.

Traçando paralelos com a casa principal no que à utilização de materiais diz respeito, a volumetria é representada pela ardósia e a base, que se prolonga para criar as varandas, sempre viradas o mais possível para sul, por madeira. Os interiores exibem um tema de madeira dominante. Estes materiais criam uma continuidade com o exterior, fundindo a obra com a paisagem. Com estas soluções, a procura de isolamento e o conceito de respeitar o espaço são ainda mais reforçados. Os materiais evocam também uma sensação de intemporalidade e de continuidade orgânica com o terreno. As escolhas de material não só se harmonizam com a envolvente natural, como procuram proporcionar uma ligação tátil e visual com a expressão arquitetónica tradicional da região.

Assim, todos estes volumes diferentes são resultado do espaço em que se encontram, invocando o conceito de *genius loci*¹⁰⁶ ou “espírito do lugar”, conceito este convocado para estas páginas através das referências de Christian Norberg-Schulz, Tadao Ando e Austin Breque, afirmando indiretamente a presença deste ao longo da conceção do projeto.

106. NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture. 1ª edição. Nova Iorque: Rizzoli, 1980.

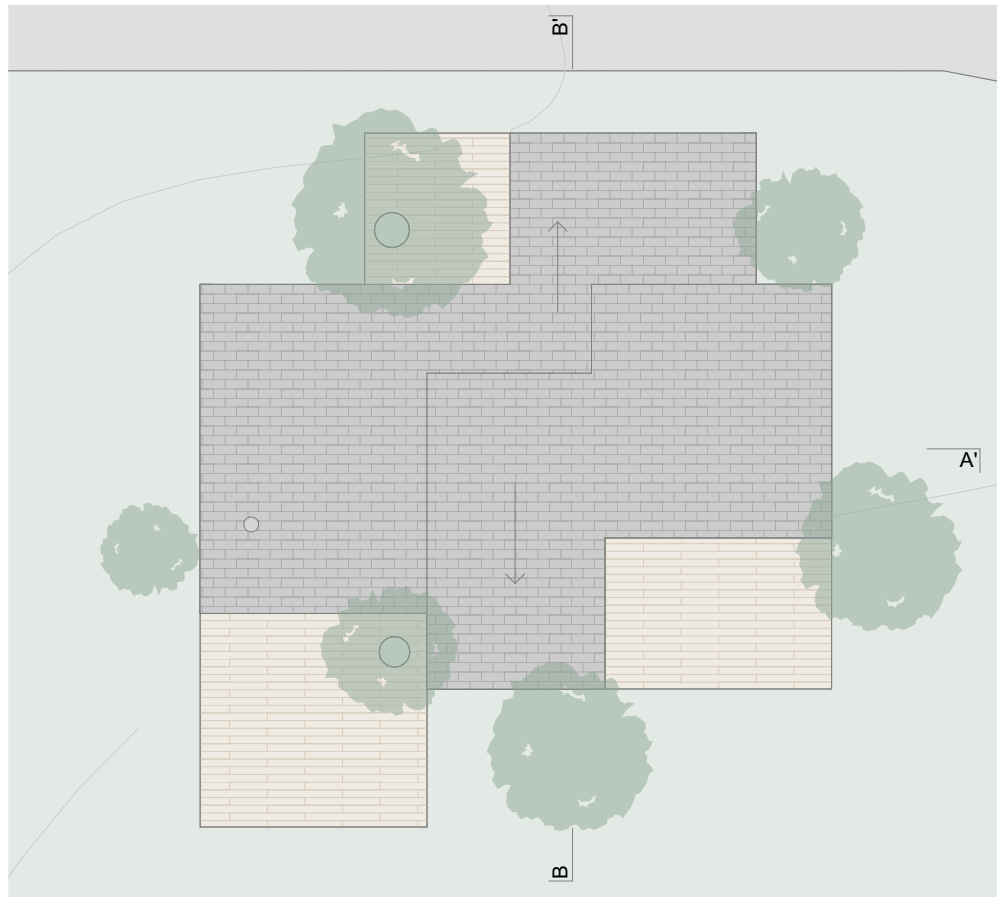


Fig 116. (Cima) Planta de cobertura da unidade habitacional, escala 1:100.

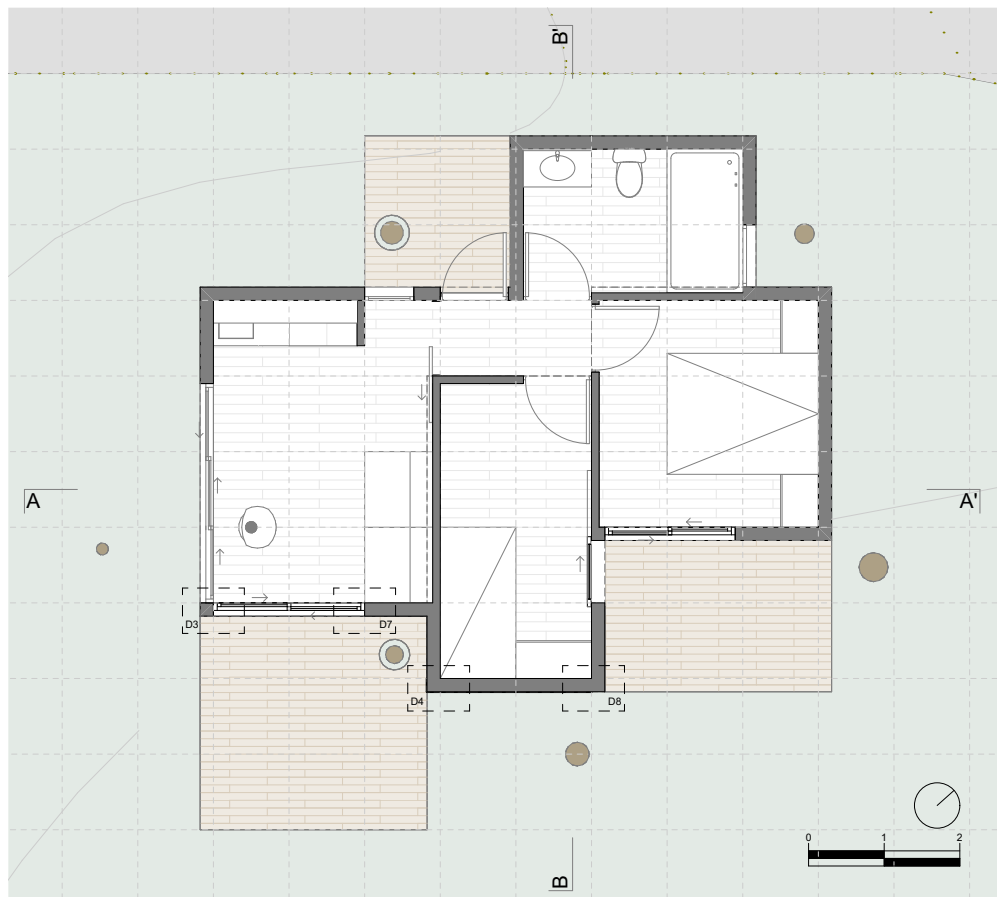


Fig 117. (Baixo) Planta de interiores da unidade habitacional, escala 1:100.

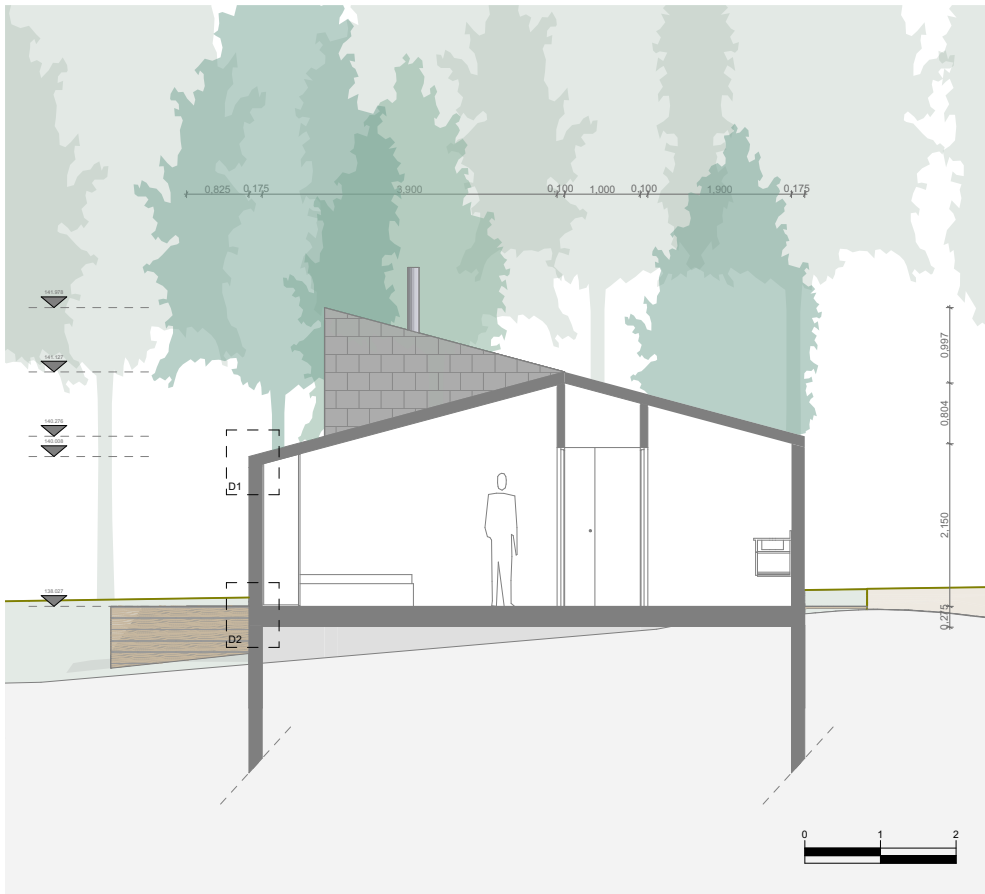
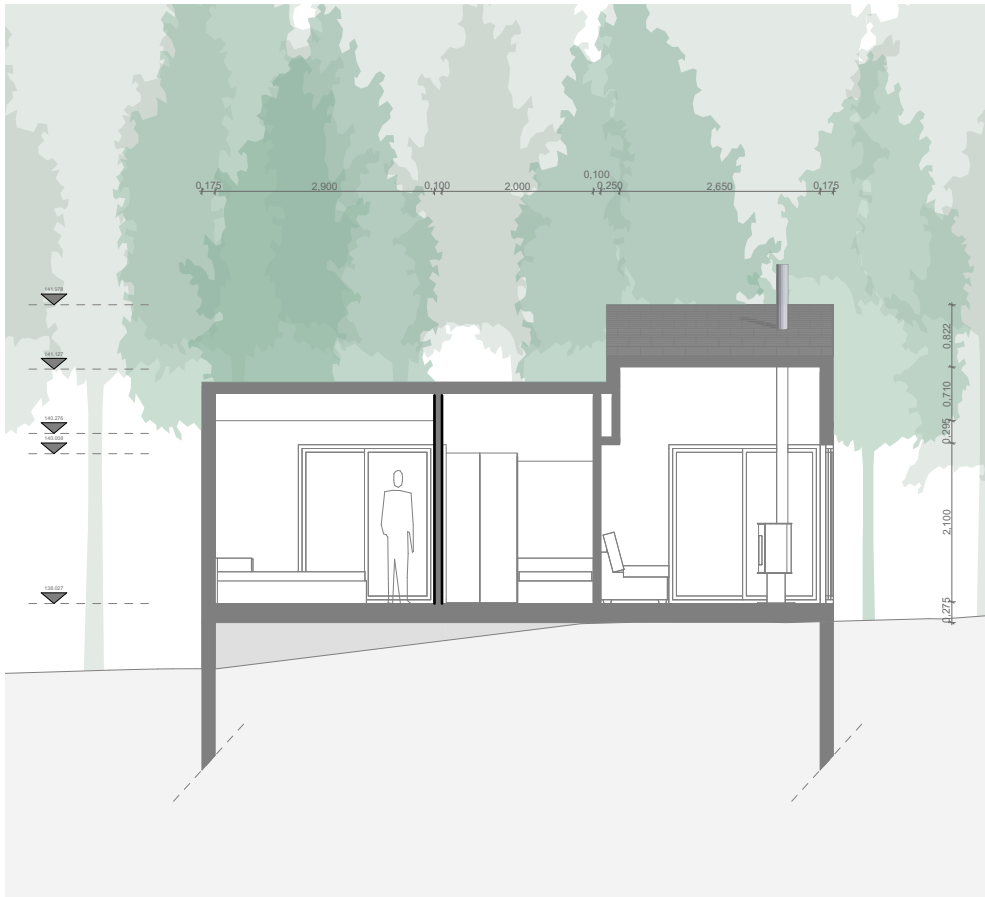


Fig 118. (Cima) Corte AA' da unidade habitacional, escala 1:100.

Fig 119. (Baixo) Corte BB' da unidade habitacional, escala 1:100.

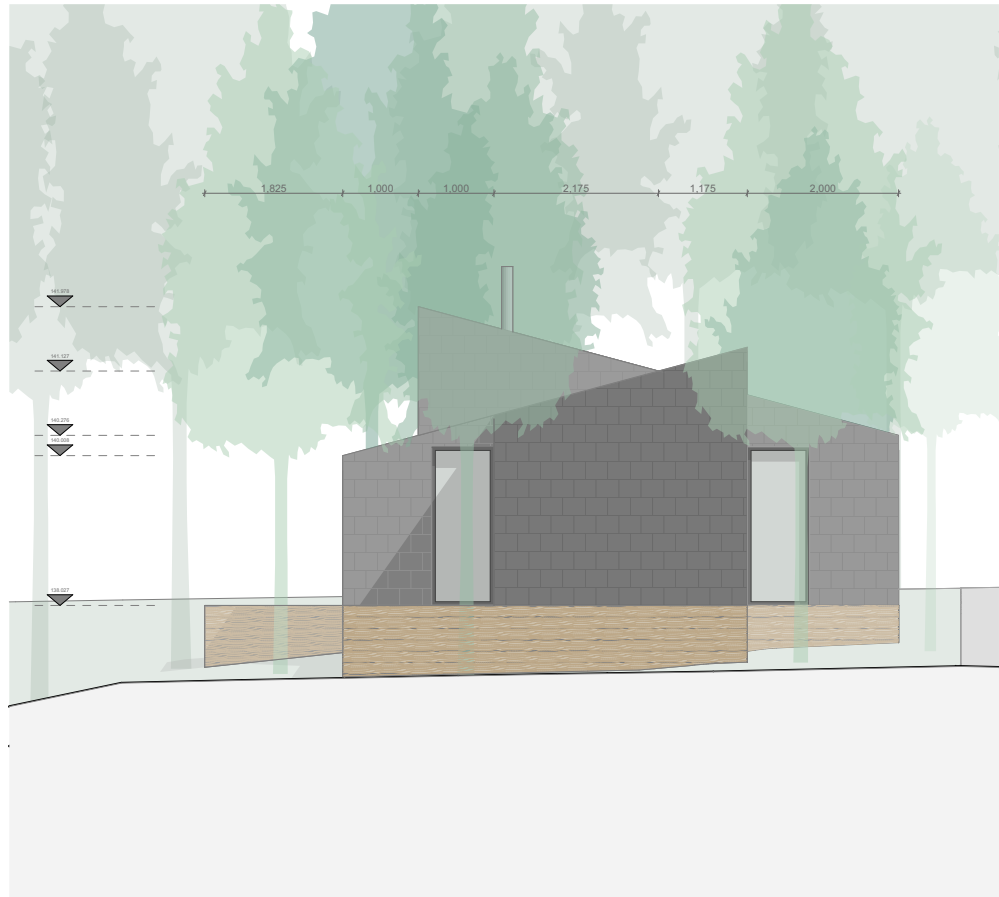


Fig 120. (Cima)
 Fachada Nordeste da
 unidade habitacional,
 escala 1:100.

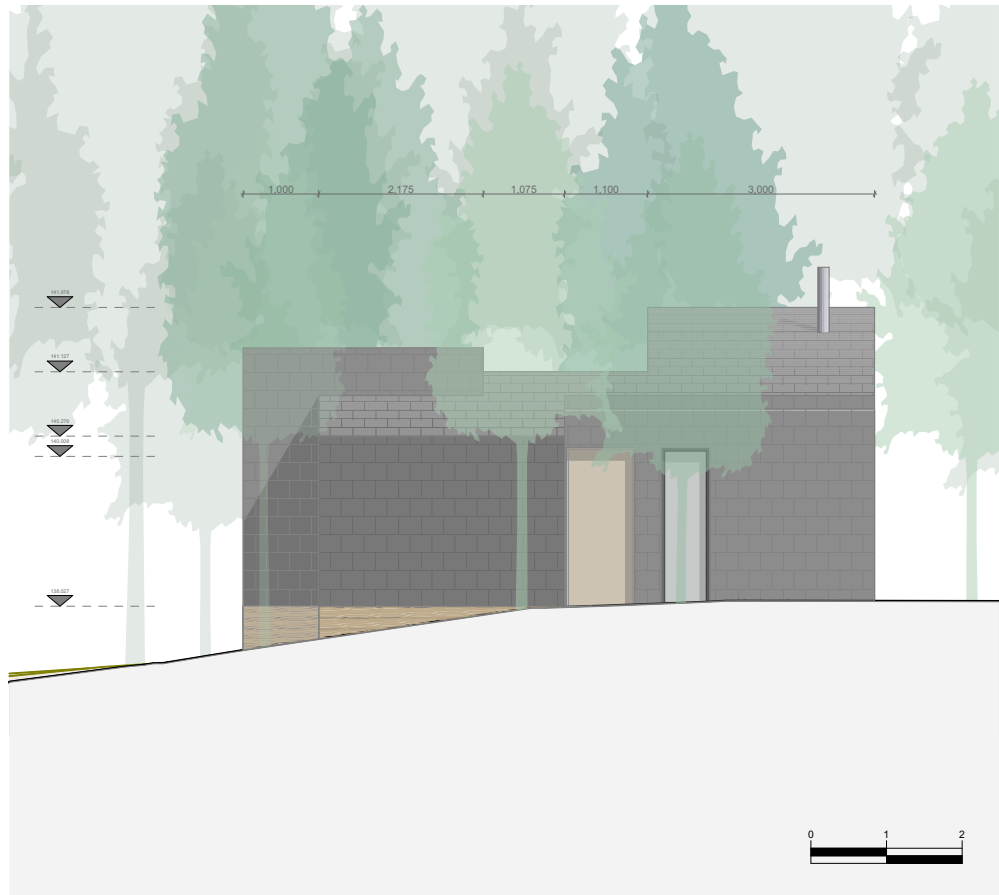


Fig 121. (Baixo)
 Fachada Noroeste da
 unidade habitacional,
 escala 1:100.



Fig 122. Fachada Sudeste da unidade habitacional, escala 1:100.

Fig 123. Fachada Sudoeste da unidade habitacional, escala 1:100.

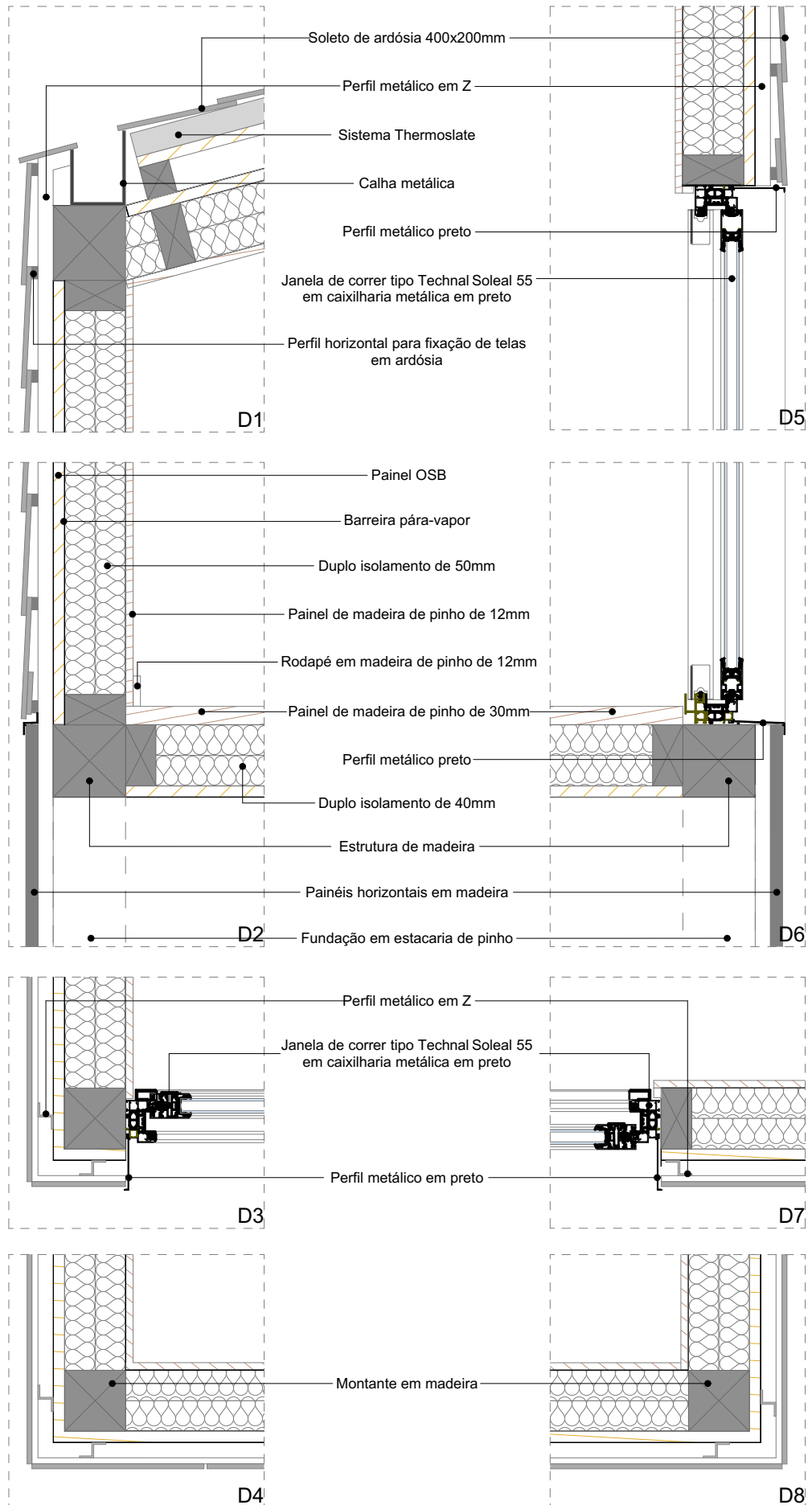


Fig 124. Detalhes construtivos das unidades habitacionais, escala 1:10.



Fig 125. Recriação da
ruína da Samada.

Considerações finais

No culminar deste estudo sobre o potencial transformador da arquitetura em ambientes rurais, torna-se cada vez mais claro que o papel da arquitetura se estende muito para além da paisagem urbana. O campo, frequentemente ignorado no discurso arquitetónico, apresenta e representa um terreno fértil para a inovação e o crescimento orientado para a comunidade. Ao analisar as tendências do passado, as condições atuais e as possibilidades futuras, é apresentada uma visão desejavelmente holística e temporalmente contextualizada das problemáticas em questão. Tendo em conta a condição de estudante de Arquitetura da autora, considera-se que presente projeto constitui, cumulativamente, um desafio estimulante e uma oportunidade para preencher uma lacuna sentida na formação académica da autora.

A arquitetura tem o potencial de participar na revitalização das zonas rurais de uma forma simultaneamente harmoniosa e orientada para a comunidade. Através de uma conceção e planeamento meticolosos dos espaços construídos - seja para habitação, agricultura, turismo ou mesmo indústria - os arquitetos podem contribuir para um crescimento equilibrado que integre preocupações tanto com a viabilidade económica bem como com as tradições locais. A chave aqui é integrar a inovação sem perturbar a essência dos lugares. Não se trata apenas de construir edifícios; trata-se de construir comunidades.

A revitalização das zonas rurais não é uma tarefa simples, antes complexa e multifacetada, exigindo uma



Fig 126. Ruína da
Sarnada.

abordagem holística. Tal como no meio urbano, a arquitetura no campo deve ter em conta e pretender dar resposta às necessidades sociais, económicas, ambientais e culturais. O campo é um espaço de projeto repleto de materialidades que são únicas na sua paisagem. Estas materialidades, tal como na construção, apresentam problemas e influenciam soluções. É adequada uma comparação com a agricultura: tal como os agricultores compreendem o solo, o clima e os recursos para poderem cultivar, os arquitetos precisam de compreender os lugares e as suas atmosferas para que desenvolvam projetos adequados.

Ao longo das décadas, a perspetiva da arquitetura tem-se focado quase exclusivamente nas cidades¹⁰⁷. A noção atual de que os arquitetos se devem concentrar apenas nos ambientes urbanos revela uma perspetiva limitada. O campo não é apenas um pano de fundo para a vida urbana; é um espaço de projeto por direito próprio. Exige estudo e compreensão, não como uma extensão da cidade, mas como a entidade própria e distinta que é. A abordagem não deve ser intrusiva como em todos os lugares, deve ter como objetivo manter ou mesmo melhorar e exponenciar as qualidades naturais do campo.

Dar ênfase à arquitetura rural potenciará oportunidades de criar espaços experimentais, que apresentem diferentes possibilidades e formas de vida. Ao fazê-lo, não estamos apenas a oferecer soluções diferentes de habitação ou modelos originais de comunidade; estamos a expandir a própria noção do espaço disponível para os seres humanos e a revelar hipóteses de vidas distintas, fora dos centros urbanos congestionados.

Numa nota pessoal, mergulhar profundamente nas complexidades da arquitetura rural permitiu-nos identificar e preencher uma lacuna na formação académica. A maioria da formação de arquitetura parece estar mais atenta ao planeamento e conceção em cidades, em desfavor das

107. CARLOW, Vanessa [et al.] - Ruralism: The Future of Villages and Small Towns in an Urbanizing World. Berlim: JOMIS Verlag GmbH, 2016, p.6.



Fig 127. Projeto e
ruína da Samada.

ricas possibilidades que os ambientes rurais oferecem. Este projeto proporcionou um enriquecimento acadêmico, incitando à defesa de um ensino de arquitetura mais abrangente e inclusivo. Através deste trabalho, chegámos a uma conclusão de definição própria de "lugar". Antes de começar, a percepção que se tinha era de que "o lugar" é o sítio que o ser ocupa, em que vive e interage. No final deste trabalho sentimos necessidade de incluir também nesta definição o espírito do lugar, as características próprias do espaço em questão que é tao importante quanto a forma de o usar.

Um dos aspetos mais transformadores do presente projeto foi a passagem da conceção teórica para a construção real. Embora os exercícios académicos permitam habitualmente uma ampla exploração de ideias sem os constrangimentos da implementação no mundo real, este projeto foi diferente. Não se tratou apenas de um esforço concetual; destina-se a ser construído, a servir comunidades concretas e a resolver problemas reais. Esta opção trouxe um novo nível de complexidade e responsabilidade. Cada opção de projeto, cada material selecionado e cada atividade de envolvimento da comunidade tem implicações tangíveis. Já não se trata apenas do que pode ser feito, mas sim do que deve ser feito. As teorias e os modelos foram postos à prova, aperfeiçoados e, por vezes, até descartados face aos desafios práticos e ao impacto na comunidade. O processo foi estimulante, sendo um lembrete vívido de que a arquitetura, na sua essência, não se limita a criar espaços bonitos, mas também serve para melhorar a qualidade de vida das pessoas.

Vivendo em Paris, um epicentro global da inovação arquitetónica e da vida urbana, foi proporcionada uma perspetiva única através da qual se pôde ver este projeto. Apesar de estarmos no interior da agitada paisagem urbana e dos ritmos acelerados da capital francesa, este trabalho tem sido uma viagem pungente que permitiu permanecer

em profunda ligação ao nosso país. O contraste entre a complexidade urbana de Paris e a simplicidade serena das zonas rurais de Portugal tem sido esclarecedor e enraizante. Ofereceu-nos uma perspetiva dupla: ao mesmo tempo que pudemos aplicar os conhecimentos sobre as problemáticas arquitetónicas pelas quais Paris é conhecida, tal como a sobrepopulação das grandes cidades, também mantivemos uma ligação emocional e intelectual às paisagens e comunidades que nos moldaram. Esta dualidade enriqueceu a nossa abordagem, permitindo-nos trazer padrões internacionais para contextos locais, sem perder a essência do que torna cada comunidade rural única. De certa forma, o projeto tem sido uma ponte entre a vida atual em Paris e as raízes, tornando-se um empreendimento incrivelmente gratificante, tanto a nível profissional como pessoal.

Em conclusão, o campo oferece uma infinidade de oportunidades para a inovação arquitetónica, o desenvolvimento comunitário e a vida sustentável. Enquanto arquitetos, temos a responsabilidade e o privilégio de moldar não apenas edifícios, mas futuros. Ao voltarmos a nossa atenção e os nossos conhecimentos para o globo terrestre como uma grande tela única, podemos desempenhar um papel crucial na criação de um mundo mais equitativo e sustentável. “Como atingir este fim?” é a grande questão, que varia dependendo da perspetiva. Mas o interesse está posto na tentativa. Esta não é apenas uma oportunidade profissional; é um imperativo moral.

“Tradicionalmente, no Ocidente, a ideia de arquitetura tem servido como metáfora da razão humana. Além disso, o objetivo da razão ocidental tem sido a domesticação e a conquista da natureza. Mas não será agora necessário, em todo o mundo, descobrir uma relação diferente entre o homem e a natureza?”

108. Tadao Ando - carta a Peter Eisenman em 11 de abril de 1989 in NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l'architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999, p.221. Traduzido pela autora do francês. « Traditionnellement, en Occident, l'idée d'architecture a tenu lieu de métaphore de la raison humaine. En outre, l'objectif de la raison occidentale a été la domestication et la conquête de la nature. Cependant, à l'heure actuelle, n'est-il pas nécessaire pour nous tous à travers le monde de découvrir une relation différente entre l'homme et la nature ? »

L'architecture installe la vie qui porte son propre sens

Elle établit idéalement la vie en son propre sens

Tache bien assez difficile

L'architecture n'a pas à afficher la vie

Elle n'a pas à la figurer

Elle n'a pas à la représenter

Qui d'ailleurs connaît le sens de la vie ?

La pensée la philosophie et la science

Échouent sur ce point

L'architecture ne comprend pas davantage

Le sens de la vie

Mais

Elle détient complice

Le secret de son installation

Philippe Madec¹⁰⁹

A arquitetura instala a vida que carrega o seu próprio significado

Conforma idealmente a vida da sua própria maneira

Uma tarefa bastante difícil

A arquitetura não tem que mostrar a vida

Não tem de a descobrir

Não tem de a representar

Quem, aliás, conhece o sentido da vida?

Pensamento, filosofia e ciência

Falham neste ponto

A arquitetura não entende mais que estes

Sobre o sentido da vida

Mas

Guarda cumplicemente

O segredo da sua instalação

Philippe Madec¹⁰⁹

109. NUSSAUME, Yann [et al.] – Milieu et Architecture. 1^a edição. Paris: Hermann Éditeurs, 2021, p.311.

Bibliografia

Livros

- AMO & KOOLHAAS, Rem - Countryside: a report. 1ª Edição. Colónia: Taschen, 2020.

- CARLOW, Vanessa [et al.] - Ruralism: The Future of Villages and Small Towns in an Urbanizing World. Berlim: JOVIS Verlag GmbH, 2016.

- DOMINGUES, Álvaro - Vida no campo. 1ª edição. Porto: Dafne Editora, 2011.

- FAO - The State of Food and Agriculture 2018: Migration, agriculture, and rural development. Roma: FAO, 2018. Disponível em <https://www.fao.org/3/19549EN/i9549en.pdf>

- TÁVORA, Fernando – Da Organização do Espaço. (1962) 9ª edição. Porto: Faup Publicações, 2015.

- GUERREIRO, Filipa de Castro - Colónias Agrícolas: A arquitetura entre o doméstico e o território, 1936-1960. 1ª edição. Porto: Dafne Editora, 2022.

- HISTCAPE - Cultural Heritage, Landscape & Rural Development Good Practice, Methodology, Policy Recommendations & Guidelines for Rural Communities. 2014. Disponível em <http://www.historic-towns.org/wp-content/uploads/2018/09/Cultural-Heritage-Landscape-and-Rural-Development.pdf>

- LEJEUNE, Jean-Franco - Rural Architecture & Water Urbanism: The Modern Village in Franco's Spain. Berlim: DOM Publishers, 2021.

- NORBERG-SCHULZ, Christian - Genius Loci: Towards a phenomenology of architecture. 1ª edição. Nova Iorque: Rizzoli, 1980.

- NUSSAUME, Yann [et al.] – Milieu et Architecture. 1^a edição. Paris : Hermann Éditeurs, 2021.

- NUSSAUME, Yann – Tadao Andô et la question du milieu : réflexions sur l'architecture et le paysage. Paris : Le moniteur, 1999.

- Ordem dos Arquitetos - Arquitetura popular em Portugal. Vol. 1, 4a Edição, 2004. Lisboa: edição da ordem dos arquitectos, 1961.

- ROSSI, Aldo - A Arquitetura da cidade (1966). Lisboa: Edições Cosmos, 2001.

Bibliografia

Artigos, Revistas e Publicações periódicas

- CHAMBERS, Robert; CONWAY, Gordon - Sustainable rural livelihoods: practical concepts for the 21st century. IDS Discussion Paper [Online]. N°296 (1991). Consultado em 10 de dezembro 2022. Disponível em <https://opendocs.ids.ac.uk/opendocs/bitstream/handle/20.500.12413/775/Dp296.pdf?sequence=1>

- CORTEZ, Nuno; ABREU, Maria – Solo: Recurso natural a preservar. Planeta Terra: Ciências da Terra para a Sociedade. GeoFCUL [Online] (2008). Consultado em 17 de maio de 2023. Disponível em https://ciencias.ulisboa.pt/sites/default/files/fcul/dep/dgeo/doc/09_solo.pdf

- FERRÃO, João - Despovoamento em áreas rurais: Entre a inevitabilidade e a capacidade de transformação. Cultivar - Cadernos de Análise e Prospecção. N°11 (2018), p.13-19. Consultado em 18 de dezembro 2022. Disponível em https://www.gpp.pt/images/GPP/O_que_disponibilizamos/Publicacoes/CULTIVAR_11/revista-CULTIVAR-11.pdf

- FERREIRA, Ana – Casa no Castanheiro. The Collection [Online] (2021). Consultado em 14 de abril de 2023. Disponível em <https://thecollection.pt/en/casa-no-castanheiro/>

- IBRAHIM, Naser - Paradinha - 11 Cabins in the Woods by SUMMARY (entrevista). Amazing architecture [Online] (2022). Consultado em 28 de março de 2023. Disponível em <https://amazingarchitecture.com/cabin/paradinha-11-cabins-in-the-woods-by-summary>

- ICNF - 6º Inventário Florestal Nacional: Relatório Final. ICNF [Online] (2015). Consultado em 20 de dezembro

2023. Disponível em <https://www.icnf.pt/api/file/doc/c8c-c40b3b7ec8541>

- ICNF - Portugal: Perfil Florestal. ICNF [Online] (2021). Consultado em 20 de dezembro 2023. Disponível em <https://www.icnf.pt/api/file/doc/1f924a3c0e4f7372>

- INE – Censos 2021. Portal do INE [Online] (2023). Consultado em 26 de maio 2023. Disponível em https://www.ine.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=605742110&att_display=n&att_download=y

- SANTOS, José Manuel dos, Ed. Lit. - Cidade/Campo. Electra, Volume 18. (2022), p.6-130.

- SHAW, Matt - Rem Koolhaas sets a global non-urban agenda with Countryside at the Guggenheim. The Architect's Newspaper. [Online] (2020). Consultado em 10 nov. 2022. Disponível em <https://www.archpaper.com/2020/02/rem-koolhaas-countryside-at-the-guggenheim-review/>

- SILVA, Renata - Parque da Asprela: o “recém-nascido” da arquitetura paisagista da FCUP. Notícias Universidade do Porto. [Online] (2022). Consultado em 19 de maio 2023. Disponível em <https://noticias.up.pt/parque-da-asprela-o-recem-nascido-da-arquitetura-paisagista-da-fcup/>

- United Nations, Department of Economic and Social Affairs, Population Division - World Urbanization Prospects: The 2018 Revision. New York: United Nations. [Online] (2019). Consultado em 26 de janeiro 2023. Disponível em <https://population.un.org/wup/publications/Files/WUP2018-Report.pdf>

Bibliografia

Legislação referida

- Lei n.º 11-A/2013, de 28 de janeiro: Reorganização administrativa do território das freguesias. Diário da República, 1.ª Série, n.º 19, Suplemento, de 28/01/2013. Disponível em <https://files.dre.pt/gratuitos/1s/2013/01/01901.pdf>

- Regulamento de Segurança de Linhas Elétricas de Alta Tensão, CAPÍTULO III - Condutores e cabos de guarda para linhas aéreas, SECÇÃO IV - Proteção contra contactos acidentais, Artigo 28.º - Distância dos condutores às árvores. Diário da República n.º 41/1992, Série I-B de 18/02/1992. Disponível em <https://files.diariodarepublica.pt/1s/1992/02/041b00/09600984.pdf>

Entrevistas, Documentários e séries

- Kaijima, Momoyo - Architectural Ethnography (2021). Consultado em 21 nov. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=Ew2dZ77YVCU>

- Kaijima, Momoyo - Architectural Ethnography (2022). Consultado em 21 nov. 2022. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=-WgpFSIj43M>

- Centre Pompidou – Entretien avec Tadao Ando (2018). Consultado em 8 set. 2023. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=yEeknEOQ2_o

Bibliografia

Websites

- Plataforma de centro de conhecimento sobre os ecossistemas florestais portugueses, iniciativa da The Navigator Company sob coordenação técnico científica do Raiz – Instituto de Investigação da Floresta e Papel, e o apoio da comunidade científica nacional e de várias instituições e iniciativas com ligação à floresta. Consultado em 24 de março de 2023. Disponível em https://florestas.pt/tag/especies_florestais/

- Base de dados da flora do Jardim Gulbenkian. Consultado em 24 de março de 2023. Disponível em <https://gulbenkian.pt/jardim/garden-flora/>

- Base de dados da biodiversidade do jardim botânico da universidade do Porto. Consultado em 24 de março de 2023. Disponível em <https://jardimbotanico.up.pt/biodiversidade.php>

- Base de dados de árvores da Herdade da Mitra da universidade de Évora. Consultado em 24 de março de 2023. Disponível em <http://www.mitra-nature.uevora.pt/Especies-e-habitats/Plantas/Lenhosas/Arvores>

- Base de dados da flora do Jardim Botânico da UTAD. Consultado em 25 de março de 2023. Disponível em <https://jb.utad.pt/flora>

- Base de dados de espécies e habitats de Portugal sob gestão da The Navigator Company. Consultado em 25 de março de 2023. Disponível em <https://biodiversidade.com.pt/biogaleria/>

- Site oficial da casa do Castanheiro. Consultado em

14 de abril de 2023. Disponível em <https://www.casanocastanheiro.pt/>

- Site oficial dos arquitetos SUMMARY. Consultado em 28 de março de 2023. Disponível em <https://summary.pt/>

- Site oficial dos arquitetos Rebelo de Andrade Architecture & Design. Consultado em 6 de agosto de 2023. Disponível em <https://www.rebelodeandrade.com/>

- Site oficial de Pedras Salgadas spa & nature park. Consultado em 6 de agosto de 2023. Disponível em <https://www.pedrassalgadaspark.com/pt/>

- Site oficial do município de Miranda do Corvo. Consultado em 15 de dezembro de 2022. Disponível em <https://cm-mirandadocorvo.pt/>

- Site oficial da união de freguesias de Semide e Rio Vide. Consultado em 15 de dezembro de 2022. Disponível em <https://uf-semideriovide.pt/>

- Site oficial da Comissão europeia, especificamente no tema Nature Based Solutions. Consultado em 11 de Setembro de 2023. Disponível em https://research-and-innovation.ec.europa.eu/research-area/environment/nature-based-solutions_en

- Site oficial do Parlamento Europeu, especificamente no tema A União Europeia e as Florestas. Consultado em 2 de junho de 2023. Disponível em <https://www.europarl.europa.eu/factsheets/pt/sheet/105/a-uniao-europeia-e-as-florestas>

- Site oficial da Quinta da Dona Iria. Consultado em 10 de dezembro de 2022. Disponível em <https://www.quintadonairia.com/pt>

- Base de dados dos Censos de 2021. Consultado em 26 de setembro de 2023. Disponível em https://censos.ine.pt/xportal/xmain?xpgid=censos21_populacao&xpid=-CENSOS21

Créditos iconográficos

Fig 01. Imagem do filme “Sound of Music”, 1965, in: https://www.imdb.com/title/tt0059742/mediaviewer/rm645373441?ref_=tt_ov_mi_sm (21/01/2024).

Fig 02. Claude Monet, Waterloo Bridge, 1903, in: <https://hermitagemuseum.org/wps/portal/hermitage/digital-collection/01.+paintings/28490> (21/01/2024).

Fig 03. Claude Monet, Coquelicots, 1873, in: <https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/coquelicots-1010> (21/01/2024).

Fig 04. Jean-Francois Millet, Des Glaneuses, 1857, in: <https://www.musee-orsay.fr/en/artworks/des-glaneuses-342> (21/01/2024).

Fig 05. Dorothea Lange, Migrant Mother, Nipomo, California, 1936, in: <https://www.moma.org/collection/works/56478> (21/01/2024).

Fig 06. Fotografia pela autora, 22 de janeiro de 2024.

Fig 07. Capa da Revista Electra Vol. 18, in: <https://www.monadebooks.com/products/electra18> (21/01/2024).

Fig 08. Fotografia pela autora, 24 de janeiro de 2024.

Fig 09. Vincent Van Gogh, Women Picking Olives, 1889, in: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/436536> (26/01/2024).

Fig 10. Fotografia de autor desconhecido, 1930, facultada pelo Sr. Professor Eduardo Aroso.

Fig 11. Gráfico da proporção da população em área rural e urbana entre 1950 e 2050 em Portugal, in: <https://population.un.org/wup/country-profiles/> (21/01/2024).

Fig 12. Fotografia pela autora, 25 de janeiro de 2023, editada pela autora.

Fig 13. Fotografia pela autora, 26 de janeiro de 2023, editada pela autora.

Fig 14. Fotografia pela autora, 26 de janeiro de 2023, editada pela autora.

Fig 15. Desenho pela autora.

Fig 16. Desenho pela autora.

Fig 17. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 18. Fotografia de Serafim Gama, 2018.

Fig 19. Desenhos pela autora.

Fig 20. Fotografia pela autora, 09 de junho de 2023.

Fig 21. Fotografia pela autora, 25 de janeiro de 2024.

Fig 22. Fotografia de autor desconhecido, 1930, facultada por José Manuel Nogueira.

Fig 23. Fotografia de autor desconhecido, 1960, facultada por José Manuel Nogueira.

Fig 24. Fotografia pela autora, 09 de dezembro de 2023.

Fig 24. Fotografia pela autora, 25 de janeiro de 2024.

Fig 25. Fotografia de autor desconhecido, 1953, facultada por Rui Simões.

Fig 26. Fotografia pela autora, 09 de janeiro de 2023.

Fig 27. Fotografia pela autora, 09 de junho de 2023.

Fig 28. Quinta da Dona iria, Rio de Vide, in: <https://www.quintadonairia.com/> (25/01/2024).

Fig 29. Fotografia de autor desconhecido, 1940, facultada pelo Sr. Professor Eduardo Aroso.

Fig 30. Desenho pela autora e imagem do google

earth adaptada pela autora.

Fig 31. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 32. Fotografia de autor desconhecido, 1920, facultada por Pedro Reis Ferreira.

Fig 33. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 34. Fotografia pela autora, 10 de fevereiro de 2022.

Fig 35. Fotografia pela autora, 17 de janeiro de 2024.

Fig 36. Fotografia pela autora, 05 de julho de 2021.

Fig 37. Desenho pela autora.

Fig 38. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 39. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 40. Desenho pela autora.

Fig 41. Fotografia pela autora, 17 de setembro de 2019.

Fig 42. Fotografia pela autora, 09 de dezembro de 2023.

Fig 43. Fotografia pela autora, 09 de dezembro de 2023.

Fig 44. Fotografia pela autora, 09 de junho de 2023.

Fig 45. Fotografia pela autora, 25 de janeiro de 2024.

Fig 46. Joan Miró, La Masía, 1921-1922, in: <https://masmiro.com/es/la-masia-2/> (26/01/2024)

Fig 47. Fotografia pela autora, 01 de Setembro de 2023.

Fig 48. Vincent Van Gogh, Chaumes de Cordeville à

Auvers-sur-Oise, 1890, in: <https://www.musee-orsay.fr/fr/oeuvres/chaumes-de-cordeville-auvers-sur-oise-754> (22/01/2024)

Fig 49. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 50. Desenhos pela autora.

Fig 51. Desenho pela autora.

Fig 52. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 53. Paul Cezanne, La montagne Sainte-Victoire vue du chemin de Valcros, 1878-1879, in: <https://www.cezanne-en-provence.com/galerie/la-montagne-sainte-victoire/> (23/01/2024).

Fig 54. Fotografia pela autora, 04 de outubro de 2023.

Fig 55. Desenho pela autora.

Fig 56. Fotografia pela autora, 04 de outubro de 2023.

Fig 57. Camille Pissarro, Paysage à Eragny, 1897, in: <https://www.musee-orsay.fr/fr/oeuvres/paysage-eragny-1294> (24/01/2024).

Fig 58. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 59. Jules Breton, Les Sarcleuses, 1868, in: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/435773> (27/01/2024).

Fig 60. Fotografia pela autora, 04 de outubro de 2023.

Fig 61. Vincent Van Gogh, Wheat Field with Cypresses, 1889, in: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/436535> (24/01/2024).

Fig 62. Monet, Le Chêne de Bodmer: La Route de Chailly, 1865, in: <https://www.metmuseum.org/art/collection/search/437131> (21/01/2024).

Fig 63. Fotografia pela autora, 09 de junho de 2023.

Fig 64. Desenho pela autora.

Fig 65. Imagens de texturas:

- Vegetação, in: <https://stock.adobe.com> (26/01/2024).
- Calcário, in: <https://www.cupastone.pt/produtos/calcario-cotton/#> (26/01/2024).
- Madeira, in: <https://stock.adobe.com/> (26/01/2024).
- Telhas, fotografia pela autora (05/07/2021).
- Ardósia, in: <https://www.cupastone.pt/produtos/ardosia-graffiti/#> (26/01/2024).
- Adobe, fotografia pela autora (05/07/2021).

Fig 66. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 67. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 68. Desenho pela autora.

Fig 69. SUMMARY, Paradinha - 11 Habitáculos na Floresta, in: <https://amazingarchitecture.com/cabin/paradinha-11-cabins-in-the-woods-by-summary> (24/01/2024).

Fig 70. SUMMARY, Paradinha - 11 Habitáculos na Floresta, in: <https://amazingarchitecture.com/cabin/paradinha-11-cabins-in-the-woods-by-summary> (24/01/2024).

Fig 71. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 72. Fotomontagem pela autora.

Fig 73. Fotografia pela autora, 25 de janeiro de 2024.

Fig 74. Fotografia pela autora, 05 de julho de 2021.

Fig 75. Fotografia pela autora, 25 de janeiro de 2024.

Fig 76. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 77. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 78. Imagens de <https://stock.adobe.com/> (30/01/2024).

Fig 79. Imagens de <https://stock.adobe.com/> (30/01/2024).

Fig 80. Imagens de <https://stock.adobe.com/> (30/01/2024).

Fig 81. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 82. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 83. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 84. Parque da Asprela, in: https://portoinnovatio-nhub.pt/fora_portas/parque-asprela/ (24/01/2024).

Fig 85. Parque da Asprela, in: <https://www.porto.pt/pt/noticia/parque-central-da-asprela-abre-se-a-cidade-com-mais-seis-hectares-de-espaco-verde> (24/01/2024).

Fig 86. Parque da Asprela, in: <https://noticias.up.pt/polo-da-asprela-vai-ter-novo-pulmao-verde-e-azul/> (24/01/2024).

Fig 87. Desenho pela autora e imagem do google earth adaptada pela autora.

Fig 88. Fotografia pela autora, 01 de setembro de 2023.

Fig 89. Fotomontagem pela autora.

Fig 90. Fotomontagem pela autora.

Fig 91. Fotomontagem pela autora-

Fig 92. Tadao Ando, igreja da luz, Cidade de Ibaraki, província de Osaka, 1987-1989, in: <https://www.tadao-ando.com/projects/> (22/01/2024).

Fig 93. Tadao Ando, Museu de Arte de Chichu, Ci-

dade de Naoshima, província de Kagawa, 2000-2004, in: <https://www.tadao-ando.com/projects/> (22/01/2024).

Fig 94. Theo Van Doesburg, Kompositie XI, 1918, in: <https://www.guggenheim.org/artwork/1078> (21/01/2024).

Fig 95. Desenho pela autora.

Fig 96. Desenho pela autora.

Fig 97. Desenho pela autora.

Fig 98. Desenho pela autora.

Fig 99. Desenho pela autora.

Fig 100. Desenho pela autora.

Fig 101. Desenho pela autora.

Fig 102. Desenho pela autora.

Fig 103. Desenho pela autora.

Fig 104. Desenho pela autora.

Fig 105. Desenho pela autora.

Fig 106. Desenho pela autora.

Fig 107. Fotomontagem pela autora.

Fig 108. Fotomontagem pela autora.

Fig 109. Fotomontagem pela autora.

Fig 110. Casa do castanheiro, in: <https://miesarch.com/work/4761> (23/01/2024).

Fig 111. Casa do castanheiro, in: <https://miesarch.com/work/4761> (23/01/2024).

Fig 112. Eco Houses, in: https://www.rebelodeandrade.com/projects/eco-houses_19 (23/01/2024).

Fig 113. Eco Houses, in: https://www.rebelodeandrade.com/projects/eco-houses_19 (23/01/2024).

Fig 114. Desenho pela autora.

Fig 115. Desenho pela autora.

Fig 116. Desenho pela autora.

Fig 117. Desenho pela autora.

Fig 118. Desenho pela autora.

Fig 119. Desenho pela autora.

Fig 120. Desenho pela autora.

Fig 121. Desenho pela autora.

Fig 122. Desenho pela autora.

Fig 123. Desenho pela autora.

Fig 124. Desenho pela autora.

Fig 125. Fotomontagem pela autora.

Fig 126. Fotografia pela autora, 05 de julho de 2021.

Fig 127. Fotomontagem pela autora.

Anexos

Excertos das entrevistas

Entrevista 1 – 25 de janeiro de 2023

JA: Eu sou José António Martins Simões (JA) de Vale Marelo, Semide, Miranda do Corvo. Agricultor.

(...)

Tem alguma história da Sarnada que lhe venha agora à cabeça?

JA: Oh a Sarnada. A Sarnada tem muitas histórias andámos lá a trabalhar e muita coisa que se lá passou. Roubaram tudo. Roubaram regas de pressão. Roubaram aquilo tudo. Depois levaram para um sítio que o seu pai sabe onde é que ela estava. (ri-se) atrás do cemitério... e muita coisa, muita coisa lá foi passada. Era couves, roubavam as couves. A gente punha, outros roubavam-nas. (ri-se) e gente, olha...

E quando é que foi isso?

JA: Ah isso foi há uns cinco anos, seis (2016/2017). Plantei a terra toda que o seu pai comprou lá de cima, aquela que era do tio Abílio, que está agora... A zona debaixo dos pinheiros, pinheiros mansos. Estava cheia de couves e eles chegaram lá e levaram aquilo. E eu tinha aqui umas porcas a parir, tinha seis porcas a parir aqui, tinha de ter comer para lhes dar. E eles chegaram e apanharam, foram mais rápidos que eu. (...) A trabalhar para os outros. Mas houve uma vez que cheguei lá e estava lá o artista a apanhar. (...) A gente andava sempre a trabalhar para o boneco. É como agora. Então no outro dia andava lá a enxertar e eu andava lá sozinho, uma cabra veio “meh” (onomatopeia), atirei um salto (ri-se), a chamar um cabrito, quando eu vou a ver andava aí aos pinotes pelo caminho. Mas era brava. Era uma corça (é

comum chamar aos veados de cabras na zona de Miranda do Corvo). Não era das nossas não. E o cabrito atrás dela aos pulos pelo ribeiro até me assustei (ri-se). (...) E noutro dia foi um javali, na banda da parte de baixo. Olha estava em cima do poço do que estava lá em baixo que era da tia Alice. E vou a ver o porco a fuçar. Eram onze horas. Ao pé de mim mesmo daqui a ali. Eu nem estava a olhar para lá nem o vi. Quando olho está aqui, olha. Era assim (gesto de tamanho aparentemente grande). Aquilo há lá muitas histórias.

Acerca da casa da Sarnada. Tem ideia de alguém ter morado lá?

JA: Não. aquilo era do tio Zé Papa, onde ele deixava os bois, que era quando ele ia lavrar as terras. Ia lá ao milho, à erva, ao feijão e assim ele deitava os bois dentro da casa que havia lá uma manjedoura, não sei se ainda lá há, se não, por baixo deve ter uma manjedoura. Até tem um pau a frente, que era onde ele os prendia. E ele deitava lá o comer e andava lá na terra e depois a noite levava-os para casa outra vez ou ao meio-dia, quando tinha a carrada feita, ia embora. Não tinha lá mais nada que fazer. Nunca lá vi ninguém a morar. Aquilo tinha dois andares, mas o de cima era para pôr palha. Por baixo os bois, e por cima servia de palheiro. Lá nunca morou ninguém. Que eu me lembre não. nunca me ouvi dizer que lá morasse ninguém. Quem é que ia para ali viver. Para um sítio daqueles. Digo eu. Agora não sei.

Como era o terreno antigamente?

JA: Aquilo era tudo amanhado (bem tratado), tudo por aí abaixo até ribeiro todo. Ali até ao casal da Cortes era tudo amanhado. Cheio d'erva d'agua, milho, feijão, girassol. Tudo por aí abaixo era tudo. Era videiras, morangueiros, havia corrimões de videiras e morangueiros e tudo ali. Cada um tinha um corrimão. Agora é só silvas, e salgueiros. Não está lá mais nada. Aquilo era tudo amanhado. E a gente deixava os bois presos ao cimo da quinta do tio Abílio dos Canteiros, àquela oliveira que tem lá que é ao cimo daquilo do tio An-180

tónio Ferreira, à esquerda. E a gente passava a pontezita do ribeiro para o outro lado para a gente não ir pelo Casal das Cortes, à volta com os bois. Passava-se pelo ribeiro abaixo e por cima daquelas terras todas por ali fora. Quando era inverno não se passava pelo ribeiro. Os bois tinham de passar mesmo pelo ribeiro. (no inverno a quantidade de água na ribeira torna impossível a passagem dos animais através da água) A estrada (caminho) não é como está agora. A estrada era por dentro do ribeiro.

(...)

Aquilo de noite, se vocês lá forem aquilo mete medo. Aquilo levanta-se lá bandos de galhofas, corujas, ih uh ah (onomatopeia). A terra da tia Alice, aquilo era uma salgueirada que lá estava, havia la salgueiros maiores que isto (gesto de tamanho aparentemente grande). Eu é que os arranquei. Eu não, foi o João Carlos da ribeira que lá foi com a máquina. Arranquei aquilo tudo e eu é que a abri aquelas valas todas em volta que lá estão, que aquilo não estava nada assim. Aquilo estava tudo, era como está agora para dentro. A do tio Abílio dos Canteiros, as outras a seguir, a do tio Augusto, que é no canto pegado com a Maria ali, que tem a serventia ao cimo, que era o Augusto Barbeiro, que era o polícia em Lisboa, também a amanhãmos. E estava como você vê. Que a gente deixou de a amanhar e pronto.

(...)

Há quantos anos trabalha na Sarnada?

JA: Eu trabalho aí há uns dez anos nessa terra. Desde pequeno que trabalho por aqui, mas nessas terras que não eram nossas há uns dez anos.

O que pode dizer sobre rio de Vide de antigamente?

JA: Antigamente era muito mais evoluído do que agora. Do que está. Aqui é uma miséria que está tudo. Está tudo a ficar uma miséria. Eles hão de querer comer qualquer

dia e hão de arrancar as silvas e os salgueiros que estão por lá abaixo se quiserem comer.

Havia mais gente?

JA: Aqui gente que foi embora, foi pouca, só os mais novos. O lugar está deserto simplesmente porque os velhos estão a morrer todos. E o mais novo é o meu filho.

(...)

Não havia miséria. Quer dizer a miséria houve sempre para quem não queria trabalhar. A gente nunca passou fome. Não havia o que há hoje. O meu pai matava lá dois porcos por ano para a gente. Eramos cinco filhos, mas eramos todos a trabalhar para a casa. Uns era a amanho o milho, outros a semear batatas, outros a... pronto o que fosse preciso.

A nova geração ainda toma conta dos terrenos?

JA: Eles nem agarrar numa enxada sabem quanto mais. Eles antes querem uma mão inchada que uma enxada na mão. Os pais não lhes dizem nada, não ensinam nada. Os pais também já não dão nada para isso.

O que acha que a Sarnada precisa?

JA: Precisava de amanho aquilo tudo para tirar aquele gado bravo que lá anda que estraga aquilo tudo. Andam para lá, mas o estado não paga nada a ninguém. Só dá prejuízo aos que estão. Isto é que convinha tirar cá para fora o que cá meteram dentro. Ou senão pagar os estragos que elas fazem.

E o que acha que a aldeia precisa?

JA: A aldeia não precisa de nada. Então a aldeia o que é que ela precisa. A aldeia é mantê-la. E gente nova. Está metades das casas por aí a cima, metade delas estão no chão, metade estão vazias. As casas novas estão habitadas. Tao ali duas, não está lá ninguém. É, precisava de gente nova e que comprasse ao menos as velhas, pelo menos res-

taurá-las e que viessem para aí. Se quisessem. Mas também para vir gente que não presta então mais vale estar assim.

Anexos

Excertos das entrevistas

Entrevista 2 – 26 de janeiro de 2023

MLF: Sou Maria Lúcia Ferreira (MLF) e este senhor é o Manuel Silva Lopes (MSL), meu marido, e já estamos casados há 61 anos. Ainda não divorciámos porque ainda não calhou. (ri-se) Não calhou nem vai calhar. O meu Manel é o mais velho do lugar. 88 anos. E eu tenho 81.

Têm alguma história da Sarnada que queiram contar?

MLF: Então vais desenhar aqui o desenho da Sarnada para eu explicar onde é que era a terra do Manel que era a terra dos de cima que é para eu explicar o que era a guerra. (bloco de notas em cima da mesa). Porque a guerra também é preciso saber. Havia de acabar. (desenho feito) Então a água desta vala era só para estes terrenos daqui de cima (vala seria na zona atualmente denominada de prado. A zona “de cima” seria a zona do prado). Esta água era só dali. Mas a terra debaixo (zona sul), do Manel, chamava-se a terra da vala. Que aquilo era tudo do meu avô e por aí fora. Depois eles ralhavam porque não queriam que a água fosse para debaixo (para sul). Que era só da de cima. Ela nascia lá. Quando chegava cá a tia da Póvoa (Maria Adelina), para regar, não havia água para regar porque os debaixo tiravam. Lá vinha a guerra. Porque ela coitada ainda vinha de longe, e já eram velhos também. E depois juntavam-se os que tinham tirado a água e começaram a ralhar. A tia Conceição, ela era irmã do meu pai. Eles eram três irmãos e quatro irmãs. Depois juntava-se aquela gente, eles eram famílias e davam-se bem, mas era aquela guerra da água que chegavam lá para regar e não havia água. E houve um dia a minha

tia, que eu era pequena, mas nunca me esquece, puxou a camisa do meu pai, não lhe bateu nem nada, mas puxou a camisa e ouvi rasgar a camisa. (ri-se) Isto aqui está mau. E a minha tia era solteira, nunca se casou também. E então puxou a camisa ao meu pai e rasgou-lhe a camisa. Mas pronto. Era assim. A minha tia da Póvoa estava lá casada, mas não tinha filhos. Quando ela veio com ele aqui à festa em janeiro, que é agora, vinha mais o marido à festa a pé porque não havia carro. Depois estavam na festa, ele decerto já bebeu mais que um copito porque estava chateado com aquilo da vala. Quando se foi embora para casa caiu naquela estrada que vai para a póvoa para baixo, e morreu.

MSL: Foi pela ribanceira abaixo.

MLF: Foi pela ribanceira abaixo e morreu mesmo, então a minha tia ficou sozinha. Já não tinha filhos nem nada. Mas depois de um tempo deu lhe uma... trombose ou lá o que era. Ficou sem falar, ficou pronto. Passaram-na lá para uma casita que ela tinha, saiu da casa dela. E o meu tio, aqui do pai do Augusto, eram amigos, e queriam-na ir buscar para casa deles, para herdar os bens.

MSL: Para lhe ficarem com os bens todos.

MLF: Porque os bens eram pegados também a ele, sabes. A minha mãe era uma pessoa que talvez não fosse muito esperta, mas lá nisso foi logo dizer à tia da Granja que era a mulher do tio António Papa. O meu pai era Papa (algunha da família). Depois foi lá dizer à comadre à granja que iam a buscar com o carro de bois. Porque não havia carros automóveis nem nada. E a minha mãe não deixou. Não, a gente vem cá tratá-la que temos também obrigação para a tratar. Porque o tio da Cova não herdou lá nada é quem tinha feito os bens à mulher. Estas a compreender? Fez-lhe os bens em medida que era vivo que ele o último que morresse é que ficava com os bens.

(...)

Só não lá ia visitá-la a tia do João, a mãe da Lurdes, não ia lá porque era as tais guerras da Sarnada. Estás a perceber? Por causa da água. Depois herdou na mesma como aos outros. E pronto, essa história está acabada.

A quem pertencia a Sarnada?

MLF: A Sarnada era do meu avô (Manuel Marques Ferreira), que depois é que dividiu pelos filhos todos. Pois aquela parte calhou à irmã. E aquela calhou-lhe a ele. E ele depois morreu e foi para a filha, para a Silvina. Ela também já faleceu. E depois o Manel (MSL) comprou-o à Silvina. E o marido da Silvina queria lá fazer um poço para puxar a água da vala. (ri-se) Esse é que era espertalhão porque já andava essa coisa da água andava sempre a notar nas cabeças das pessoas. Queriam a água para aquele terreno. Estás a perceber? E não para o de cima. O de cima era preciso tirar com uma cegonha. Não era com motor nem nada. Depois já começou a haver. E dava trabalho, mas eles tiravam-na para regar não sei o quê. O Valente lembro-me de o ver lá, mas nunca semeou nada. Mas foi fazer um poço ao cimo.

MSL: Foi fazer um poço para tirar a água da vala. Saía lá e não saía-nos de cima. Maldade. (ri-se)

MLF: Depois ele então fez o poço e nunca o vi a tirar nada depois alagou outra vez. (...) ele tinha na cabeça dele que a água vinha depois... porque a água estava na vala e ele queria um cano para ela vir para aqui. (ri-se)

De onde vem o nome Papa?

MLF: O meu pai era papa e o teu avô era papa e eu era papa, mas estes estão a acabar. Porque agora vão-se esquecendo e vem outros nomes e outras maluqueiras.

MSL: Na Granja é que há muito papa.

MLF: Na Granja eles não acabam. São sete filhos que o António tem, são todos homens. Papas. Dá jeito chamar-se papa. O meu avô era do Casal das Cortes. Porque

tinha sido avô da Natália também e daquela gente que eles também são nossos parentes.

MSL: Porque é que lhe chamam os papas?

MLF: Espera. E o meu avo tinha dois filhos padres. Um disse - quem me contou esta história foi a tia Conceição, a tia que morreu que não tinha filhos, que era solteirona – e tinha dois filhos padres, o meu avô. Um disse missa em Casal de Ermio, eu se se fosse e ao meu Manel ainda lá ia observar os livros se lá havia o nome, que há de haver, se calhar naqueles livros... e o outro em Lamego ou não sei o quê, foi para longe um do outro. Lamego, acho que era Lamego. E depois como havia o papa naquela altura acharam que o meu avô, e os filhos, que eram parecidos com o papa, que estava em Roma nessa altura. Que era o papa piedoso ou qualquer coisa... Acharam que o meu avô era parecido, que devia ir também para papa. Os outros eram padres, e eles eram os papas. E ficaram papas para toda a vida. O meu pai não se importava nada de ser papa.

MSL: Os Ferreiras ficaram papas.

E a casa da Sarnada?

MLF: A casa, devia ser, que a gente sabe, porque já com a casa do meu tio também houve problemas. A casa devia de ter sido feita pelo meu tio Manel Bento, pai do Augusto. Não foi o Zé Papa que a fez. Porque eu quando nasci já ela lá estava. Quando eu comecei a ir para a Sarnada para onde os meus pais regavam ou qualquer coisa, a casa já lá estava era um sobral por cima para pôr a palha, e os bois em baixo. Não houve lá nenhuma cozinha nem lá morou ninguém.

MSL: Era de arrumos.

MLF: Mas também lá houveram guerras. (ri-se) Também lá houveram guerras por causa daquela terra que estava lá no canto que era do tio Joaquim Pintor, depois foi para o Aníbal.

MSL: Não mas tens de começar em primeiro de par-tilhas da casa.

MLF: Essa calhou ao tio Zé Papa.

MSL: Não, aquilo era do Zé Caseiro. A leira onde está a casa. E o tio Zé Papa precisou muito da casa que até tinha lá bois e isso tudo e arranjou maneira de comprar a casa e não a terra. Comprou a casa e depois não tinha serventia para ir para lá. Porque dantes, a serventia era pela estrada. (...) pois não tinha do lado do pinhal nem do lado da terra. Da terra ele não podia passar aquilo por aí fora. (...) De maneira que depois houve então uma justiça lá. Eles foram para tribunal por causa da serventia e até que chegaram ao ponto de ter o juiz, não teve mais outra oportunidade, foi lá. Resolveu o problema. Lá vieram aqueles todos, aquela gente toda do tribunal. E depois como é que eles resolveram então o tribunal: resolveram que o melhor era o tio Zé Papa comprar a leira de pinhal, que era do mesmo comprimento. Comprou a leira resolveu-se o problema. Resolveu-se o problema e eu ficou a servir-se pela leira.

E a leira foi então vendida de livre vontade?

MLF: Não havia de ficar muito contente o Zé Caseiro, mas as vezes o juiz fazia assim. Para resolver os problemas.

MSL: Ele não ficou contente. Ninguém ficou contente, mas tiveram que aceitar. Foi como lá em baixo. Também foi assim. A justiça também foi assim. Quer dizer acabou... lá em baixo serviam-se com a serventia d'água por aquela estrada (caminho) e serviam-se aí para taparem a água para depois ao cesto regarem que não havia os motores, molhavam-se todos.

MLF: Mas depois quando já tinham o motor, faziam o rego ao cimo que a água não ia, não subia, não é. Que em baixo havia o rego. Havia um rego que atravessava a estrada para la para baixo. E a minha era nervosa e tudo, chegava lá, via o rego aqui, vai o rego acolá, outro rego acolá. "Isto

não pode ser assim". Foi para tribunal. Veio lá o juiz. Também teve de vender a terra depois. Para resolver o problema.

MSL: Quer dizer, a tia Rosa ficou sem a terra à mesma, porque nem a terra chegou o dinheiro para a justiça.

MLF: Para o advogado.

MSL: De que é que adianta andar com justiça.

A Casa servia então só para apoio agrícola?

MLF: Ele também dormia lá umas sextas, deitado na palha. E a tia Maria. Lá fazer a sesta os dois. (ri-se) então e agora fazes lá alguma coisa no sítio da casa?

É o objetivo sim! E o que acha que deveria ser feito lá?

MLF: Aí gostava de ver lá um restaurante até. Sim. Era bonito.

Porquê um restaurante?

MLF: Então porque o Ermindo fez ali nem tem onde estacione nem nada tão bem como lá (Quinta da Dona Iria e restaurante Safra). E era bom não era.

MSL: É preciso ser um sítio que tenha corrente, que tenha movimento.

MLF: Aí ganhavam-no. Para comer aparece sempre. É. E se o comer for bom então melhor. Ali tinha espaço para fazer uma coisa bonita.

MSL: Ainda querias ir para lá para cozinheira (ri-se)

MLF: Ia lançar uma chanfanada. (ri-se)

Como era Rio de Vide antigamente?

MLF: Havia muita gente, mas agora não há. Morreram. Os novos foram para a cidade.

MSL: Esta estrada que a gente aqui tem... já fui eu que a comecei. Eu comecei quer dizer, comecei a dar mo-

vimento para ela, para passar uma camionete. Nem uma camionete passava. Quando eu fiz aquelas obras tive que alargar, para falar a pessoal, para alargar a estrada para vir uma camionete cá abaixo trazer o material.

O que acha que Rio de Vide precisa?

MLF: Precisa? Precisa de muita coisa. Porque há cá gente pobre, que não há gente muito rica. Agora o Mindo fez aquilo (Quinta da Dona Iria) mas não sei... se aquilo vale, se não. Também para ajudar os pobres, não ajuda.... Aqui passava tanta gente...

MSL: Isto está a ficar meio morto, porque as pessoas veem de fora à inda para cá. Umas fazem a casa outras fazem... olha esta vizinha fez a casa de propósito para ela. Acabou por não poder ir para lá e pagar a casa, ficou sem ela. Veio de Coimbra para cá e foi outra vez para Coimbra ou outro lado. E várias pessoas acontece isso. Não seguram, não têm garra ao sítio não sei porquê.

E a nova geração de Rio de Vide?

MLF: Então há alguma terra amanhada, vêes aí alguma coisa posta? Ninguém quer fazer nada já. Pararam.

(...)

Mas não digo que só um restaurante é que é bom. Há muita coisa boa.

MSL: Uma casa recreativa.

MLF: Alguma coisa que desse emprego.

Anexos

Excertos das entrevistas

Entrevista 3 – 26 de janeiro de 2023

APF: Eu sou Alice de Paiva Ferreira. Nasci no Vidual. Aos 22 anos casei-me, vim para Rio de Vide e estou cá já há sessenta e tal anos. Tenho feito cá a minha vida já sou mais de Rio de Vide que do vidual, e gosto de cá estar. Gosto de viver aqui em Rio de Vide no meio da minha comunidade, como eu chamo, porque eu vou ao café falo tanto com homens, como mulheres, como crianças, como adultos, adolescentes que tenho muita confiança nos adolescentes e eles também confiança comigo. Dou catequese há vinte e cinco anos ou mais ou menos, que comecei a dar catequese com sessenta e tal anos.

(...)

O teu avô era primo carnal do meu marido. E o meu sogro era irmão do teu bisavô. Eram os dos quatro irmãos. Daquela fotografia deles todos no Brasil. O meu sogro tinha um bigode. (ri-se) Mas eu não o conheci. Eu quando me casei, o meu sogro... ele morreu ainda eu era nova. Porque eu tinha diferença do meu marido de oito anos. Estou certa de dizerem “olha morreu o Daniel Papa de repente”. Isso é certo, mas era garota. E no vidual não tinha convivência com as pessoas daqui de Rio de Vide. As pessoas aqui de Rio de Vide são simpáticas. Mas são diferentes das do Vidual. Não sei. Não te sei explicar. Queres que te explique? As pessoas de Rio de Vide tinham a mania de ser mais do que aos outros. Quando eu vim do Vidual isso para mim custou. Mas fui em frente. E soube encarar as coisas. E soube-me impor. Nunca deixei fazer troça de mim.

Tem alguma história da Sarnada que queira contar?

APF: Conto. Olha, andava a regar, tínhamos semeado batatas. E o Alberto tinha feito o dia, e eu tinha de regar as batatas na outra parte da manhã que ele estava em casa. Para ir procurar a água. E eu fui procurar a água, tinha a água a regar as batatas. O nosso Zé Papa tinha saído da junta porque o Alberto tinha entrado para a junta. E ele muito mau do Alberto ter entrado para a junta, ficou de trombas ou de mau, de... pronto, ficou sem falar para a gente. Como era eu que andava a regar as batatas, e como era do Alberto, o que é que ele pensou: ele tinha ido para o Porto para casa do Augusto. E o que é que ele pensou: ai sim, é ela que anda a regar então vou cortar a água para cortar as batatas. Para regar as batatas dele. Ora aqui é costume quando um anda a regar, o outro vai saber se já regou se não regou, se falta muito, se falta pouco, e depois é que rega a seguir. Mas ele não quis. Como estava lá em cima era ele o senhor e mandador. E o Alberto foi, ele tinha cortado a água, queria trazer a água para baixo e ele não deixou. O Alberto veio para baixo, “olha, é o Zé Papa, ele não deixa trazer a água, diz que vem do Porto e que as batatas dele têm sede, que a gente já regámos uma vez e que ele não regou nenhuma vez”. Eu vou por aí acima, com a enxada na mão, e chego ao tornador, tapo a água para baixo e ele vem “sou eu que vou regar!” e eu disse “você só tinha de ir saber quem é que andava a regar, e depois de eu regar é que você regava! Mas depois de você ainda há fulano e há fulano que estavam à espera.” “eu vou cortar a água” “olhe ande para cá”. E eu assim (põe-se de pé a imitar uma posição de imposição) “Ande para cá! Vá, ande para cá!” “Porra que tu és ruim” “Pois sou!”. Reguei as batatas todas no sossego.

(...)

A sarnada já era dos nossos avós. Depois aquilo foi dividido em partes, não é. Então tem a parte da Conceição,

tinha a parte do Zé Caseiro, que era de quem? Ele comprou a alguém agora não sei a quem foi. E era a parte do Zé Papa e era a parte do Laranja, o Diamantino... agora não sei... pronto. E depois foi dividido quando o velhote morreu foi dividido em partes que ficou na família. E eu calhou-me uma leirinha ao meu marido. Houve uma vez, o meu marido, fez uma latada em cada lado. Mas aquelas videiras que nós chamamos americanas que é aquela uva que é um vinho muito fraco, não é mas no antigamente era bom para os homens. (ri-se) Diz que era bom para doenças do reumatismo. (ri-se) Quer-se dizer que fomos lá buscar uma carrada com bois, uma carroça de um boi. Fomos buscar uma carrada dessas uvas, e viemos almoçar. E eu tinha lá um canteiro de feijão e deixei-o ficar no meio do canteiro do feijão uma enxada. Almoçámos, fomos para baixo, quando eu chego lá a enxada já lá não estava. Tinha havido alguma mão que passou por lá no fim da gente sair para apanhar feijão. Eu achava que os meus feijões davam sempre pouco, mas não sabia o resultado. Naquele dia soube. Soube o resultado que me tinham roubado os feijões. Comiam os feijões a parte comigo. (ri-se) Assim como a outra leira que era da Conceição também iam roubar a água, para regar... A água ia ter ao ribeiro, que tem uma vala, não é, ia ter ao ribeiro, e então punham-lhe a poça abaixo e a água ia ter ao ribeiro e depois iam regar lá para baixo, para aquelas terras que há para baixo, que era a mãe do Colaço. Que uma vez eu vi. (ri-se) ficámos a saber quem roubava.

(...)

Como era Rio de Vide antigamente?

APF: Isto aqui era tudo amanhadinho, mas depois deixou de ser amanhado. Porque são terras que dão muito trabalho. Agora nem tanto elas dão trabalho porque a minha leira, nos temos lá o canteiro dos feijões, semeávamos milho e quando era o tempo tínhamos sempre as couves do São Mateus, nós púnhamos ali um cerco de couves que elas

criavam-se muito bem, que ela é boa para criar. E como tinha água e cá para cima não havia água, as pessoas semeavam aí mais para baixo. E depois começaram os empregos, as pessoas já começavam a ir trabalhar para outros lados, é mesmo assim. Os mais novos a estudar, depois já se punham em empregos, já saíam. Por exemplo, os nossos papas, as leirinhas dos nossos papas, eram couves que eram um luxo. Onde é que na nossa vida se fazia comer para sete rapazes, não é?

O que é que fazia da Sarnada um terreno especial?

APF: A água! Era por causa da água! E havia outra coisa, as pessoas tinham animais, e quando era na parte do inverno, semeava-se a erva d'água. Aquilo que nós chamamos a erva d'água. E depois aquelas terras eram todas semeadas em maio, princípio junho que depois só estavam as coisas boas para comer em setembro, o milho e o feijão, isso é tudo em setembro. Quer-se dizer, era mais por causa da água que eles usavam ali e cá para cima não havia.

E porque é que a Sarnada ficou abandonada?

APF: Pois porque a mocidade deixou a agricultura, não é? Foi! A mocidade nova arranjam empregos e depois começou já a haver os cursos da mocidade nova. Porque no antigamente qual era a pessoa que se formava? Os que tinham curso foram para outros sítios.

(...)

E porque é que isso aconteceu?

APF: Porque o meio de transporte era caro. Então se alugassem um quarto em Coimbra ou onde têm um emprego já era mais fácil. Não achas?

Como está Rio de Vide atualmente?

APF: Está melhor. As pessoas estão mais civilizadas

O que podia melhorar?

APF: O nosso caminho está quase completo. As casas estão quase... felizmente temos aqui o hotel (Quinta da Dona Iria) que há aqui um grande... percurso a fazer. Um percurso muito bom aqui. E mais... tudo da mocidade, deus queira que não acabe a escola, que graças a deus ainda tem muitos miúdos.

Então agora vive-se melhor?

APF: Isso sem comparação nenhuma! Mas perdeu-se outras coisas. Perdeu-se os costumes, perdeu-se toda a gente conhecia toda a gente. Embora andassem alguns de candeias às avessas havia respeito. Mas sabes, é preciso é ter espírito aberto. Se nós tivermos o espírito aberto, nos conhecemos todo muito. Mas se tivermos o espírito fechado, se eu passar por ti e fizer de conta que não te conheço... (faz sinal de tanto faz). Agora se passar por ti e disser bom dia, boa tarde, é diferente.

E de que forma é que os habitantes de rio de vide estão aptos a mudança?

APF: Nem todos têm mentalidade disso, e nem todos são abertos como a tia Alice! (ri-se) Se as pessoas forem abertas. Agora nem todos os que veem são abertos. Já houve aqui uma mudança com o Hotel. Uma mudança, quer-se dizer, vamos a ver, é uma mudança de valor para aqui para Rio de Vide, não é? Mas não é agora que se diga assim, temos contacto com as pessoas que lá vão? Não.

O que acha que se deveria fazer na Sarnada?

APF: Isso eu não sei. Alguma coisa bonita, não é? Mas isso não sei dizer. Se calhar um campo de golfe que dava jeito. (ri-se) Porque tem os montes, tem os vales que eles costumam ter, tem o ribeiro a passar, quer dizer tem todas as felicidades. Fazia-se aqui alguma coisa de luxo. É para ser uma coisa de luxo.

Anexos

Características das árvores

	Folha	Copa	Altura em fase adulta	Cota	Longevidade	Fruto
Pinheiro Bravo (Pinus Pinaster)	Perene	Alta e densa	20-25 m podendo chegar aos 30 m	Até 1400 m mas preferivelmente a baixo dos 400 m	80-100 anos podendo chegar aos 200	-
Pinheiro Manso Pinus Pinea)	Perene	Arredondada e densa	15-20 m podendo chegar aos 25 m	Até 1000 m	150-200 anos	Pinhão
Carvalho Alvarinho (Quercus Robur)	Caduca	Conica, bastante ramificada, ampla mas não muito densa	30-35 m podendo chegar aos 40 m	Até 1000 m	500-600 anos	Bolota
Sobreiro (Quercus Suber)	Perene	Irregular, larga e baixa	10-15 m podendo chegar aos 25 m	Até 1000 m	120-150 anos podendo chegar aos 300	Bolota
Oliveira (Olea Europea)	Perene	Irregular arredondada	5-15 m	Até 600 m	100-2000 anos	Azeitona
Choupo Branco (Populus Alba)	Caduca	Alta e estreita	25 m	Até 2000 m mas preferivelmente abaixo dos 1200 m	150 anos	-
Salgueiro (salix Alba)	Perene	Irregular, larga, pouco densa	15-20 m podendo chegar aos 25 m	Até 1500 m	100 anos	-
Eucalipto (Eucalyptus globulus)	Perene	Ampla e alta	20-50 m podendo chegar aos 90 m	Até 400 m	200 anos	-
Macieira (Malus Domestica)	Caduca	Arredondada e densa	3-10 m	Até 1000 m	50-80 anos	Maçã
Pereira (Pyrus Comunis)	Caduca	Arredondada e densa	4-10 m	Até 2400 m	30-40 anos	Pera
Nespereira (Eriobotrya Japonica)	Caduca	Arredondada e densa	5 - 10 m	Até 2400 m	20-30 anos	Nespera

Característica do solo	Características específicas	Porcentagem de Ocupação
Muito pouco existente em tipo de solo. Adaptam-se a terrenos pobres e ácidos.	Árvore de grande porte. Pouco exigente em termos de água. Exigente em termos de sol, prefere terrenos dispostos a sul. Ótimo em temperaturas elevadas.	1,00%
Adaptam-se a terrenos pobres e ácidos	Flor em abril. Pouco exigente em termos de água. Ótimo em temperaturas elevadas. Interesse no fruto.	18,00%
Vive mal em climas áridos, tolera bem encharcamento	Árvore nativa da beira e norte litorais. Providencia habitat a numerosos animais. Flor entre abril e maio. Boa qualidade e madeira.	15,00%
Solos pouto férteis e intolerante a inundações	Árvore nativa de Portugal. Produção de cortiça, material impermeável e elastico. Descortiçamento de nove em nove anos, na época de maio a agosto.	12,00%
Qualquer tipo de solo, embora prefira bem drenados. Dá-se em solos moderadamente ácidos a ligeiramente alcalinos.	Tolera fácilmente o calor. Época de flor de maio a junho. Interesse no fruto.	8,00%
Terrenos húmidos	Tronco branco com pequenas fissuras castanhas. Flor no início da primavera. Durante a primavera larga tufo branco que se assemelham a uma neve de algodão. Deve-se plantar através de espaçamentos de 5 a 6 m. Árvore esteticamente apasível.	12,00%
Zonas húmidas ou encharcadas. Adapta-se a terrenos ácidos.	Boa qualidade e madeira. Árvore esteticamente apasível.	10,00%
facil adaptação a terrenos pouco férteis e poucos profundos com tendência acidificar o solo	Produção de pasta de papel. Raízes pouco profundas que atuam como prevenção de encharcamento de terreno. A sua popularidade cresceu devido à sua fácil adaptação aos terrenos e ao clima e cultivo, rápida regeneração após o corte, crescimento e rendimento. Mas a sua má gestão, desordenamento, falta de proteção de linhas de água e limpeza do mato pode deixar o solo infértil	18,00%
Solos bem drenados	Interesse no fruto.	2,00%
Solos húmidos, bem drenados e profundos	Interesse no fruto.	2,00%
solos bem drenados.	Interesse no fruto.	2,00%

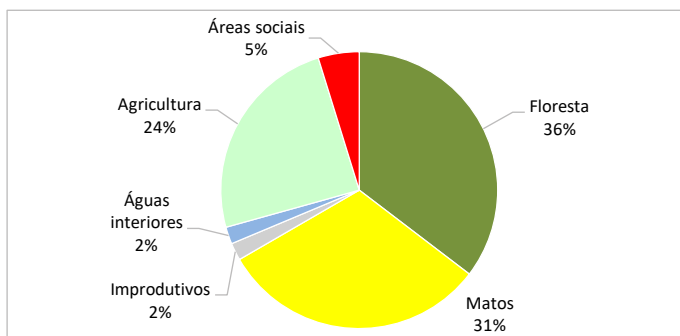
Anexos

Estadísticas silvícolas

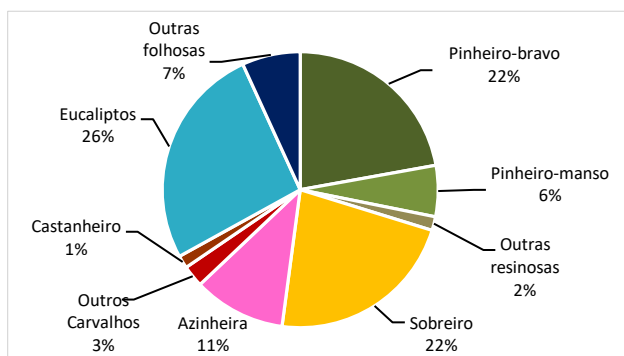
1. A terra e os recursos

a. USO ATUAL DO SOLO

Uso do solo	Continente	Madeira	Açores	PORTUGAL
Floresta	3 224 200	32 300	48 500	3 305 000
Matos	2 766 200	28 900	23 000	2 818 100
Improdutivos	191 700	3 500	3 200	198 400
Águas interiores	192 800	200	1 100	194 100
Agricultura	2 092 900	9 400	138 600	2 240 900
Áreas sociais	442 400	5 800	17 900	466 100
Totais (ha)	8 910 000	80 100	232 300	9 222 500



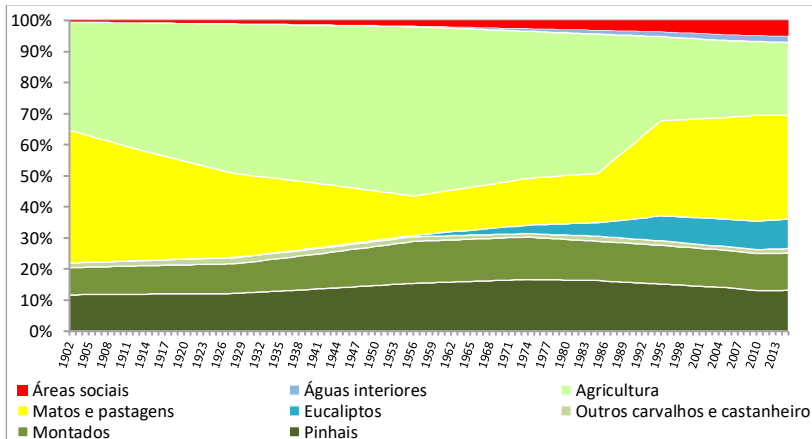
A floresta é o principal uso do solo no território português e, no seu conjunto, os espaços silvestres abrangem cerca de 70% do país. Fontes: ICNF (6.º IFN-2015), IFCN (2.º IFRAM-2015) e DRRF (IF RAA-rev 2007).



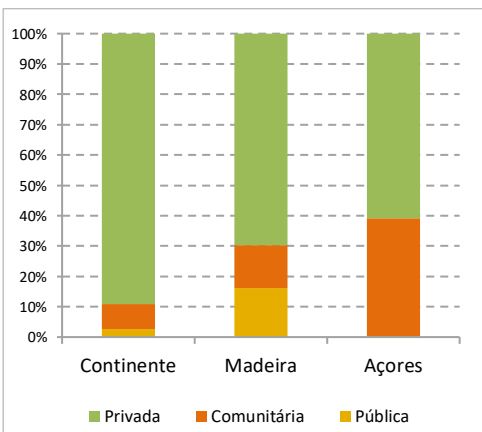
A floresta do **Continente** é dominada por espécies autóctones, salientando-se os carvalhos (incluindo sobreiro e azinheira, cerca de 36% do total) e os pinheiros (cerca de 30%). Os eucaliptais ocupam 26% da superfície florestal e a restante área é distribuída por espécies de menor expressão (incluindo castanheiros, alfarrobeira, acácias, medronheiro, choupos, espécies ribeirinhas e outras resinosas). Nos **Açores** predominam o incenso (24 kha), as formações de laurissilva e cedro (22 kha), a criptoméria (12 kha), a acácia-austrália (4,3 kha), o eucalipto-comum (3,6 kha) e a faia-das-ilhas (2,4 kha). Na **Madeira** a laurissilva ocupa 15 kha, seguida do eucalipto-comum (7,3 kha), do pinheiro-bravo (4,1 kha) e das acácias (2,4 kha).

b. EVOLUÇÃO DO USO DO SOLO

No último século ocorreram mutações significativas nos usos do solo e na ocupação florestal do território continental. Se na primeira metade do século XX se assistiu a um crescimento significativo das áreas afectas aos usos agrícola e florestal, à custa da área de matos e pastagens espontâneas (“inultos”), a partir da década de 1950 a área agricultada contrai de forma substancial e na década de 1990 a área florestal decresce ligeiramente. No uso florestal, ao apogeu na década de 1980, sucedeu a sua sensível diminuição, salientando-se igualmente o rápido aumento do eucaliptal já na década de 1960.



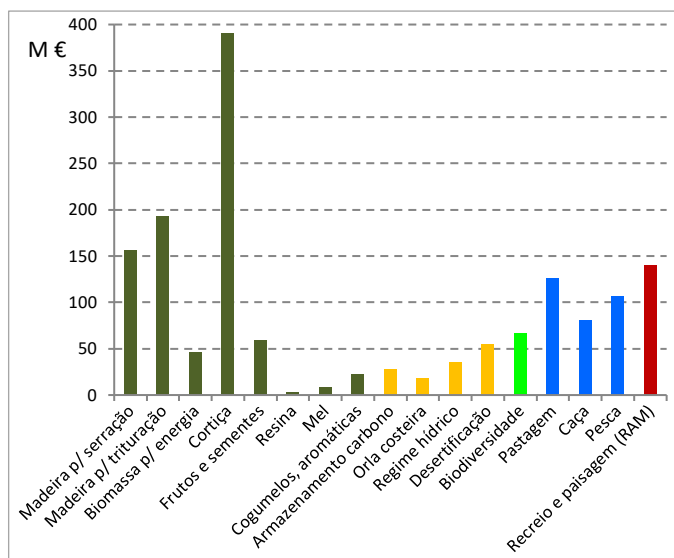
c. REGIME DE PROPRIEDADE, GESTÃO PÚBLICA E CADASTRO



Apenas cerca de 3% dos terrenos florestais são detidos por entidades públicas (Estado e outros entes públicos), sendo o remanescente detido por **comunidades locais** (configurando os terrenos que são designados por “baldios”, cerca de 6%, em grande parte submetidos ao regime florestal parcial obrigatório) e por **proprietários privados (91%**, cujo número ascende a várias centenas de milhar), sendo 4% geridos por empresas industriais. Ao ICNF compete gerir 62 551 ha de terrenos do Estado e assegurar a cogestão a mais de 300 000 ha de terrenos comunitários submetidos ao regime florestal. São **11,7 milhões os prédios rústicos** inscritos na matriz (portanto com uso agro-florestal) e **1172 unidades de baldio**, sendo que **apenas 46% dos espaços florestais possuem cadastro predial**, estando em execução para os concelhos sem cadastro um regime experimental de **sistema de informação cadastral simplificada**. Estima-se que mais de **20% do território não possui dono ou este é desconhecido**.

2. A importância e organização do setor florestal

a. CONTRIBUTO PARA A ECONOMIA NACIONAL



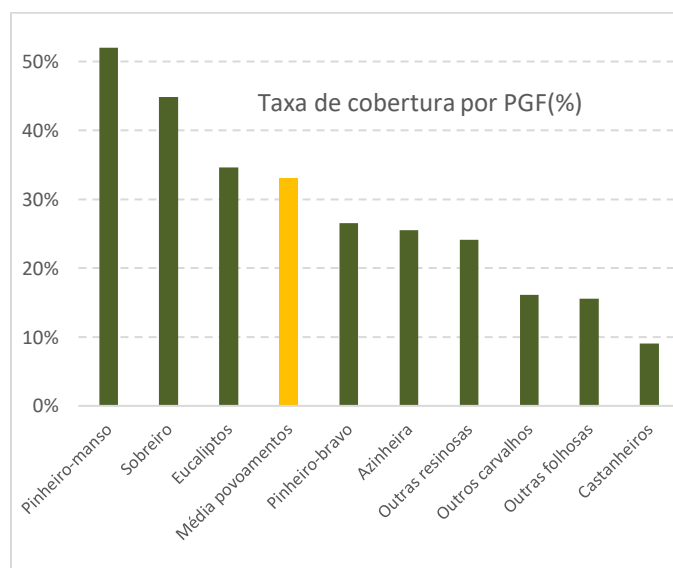
Segundo os valores apurados pela **Estratégia Nacional para as Florestas (EFN, 2006)**, a floresta e os espaços associados **contribuem anualmente para a economia com 982 milhões de euros**, sem ser aqui contabilizado o valor relativo ao recreio e valorização da paisagem (é contudo indicado no gráfico o valor apurado mais recentemente para **recreio e paisagem**, só para a RA da Madeira).

À função de **produção** estão associados 876 M€ (correspondente a 63% do valor bruto), à função de **protecção** 136 M€ (10%), à função de **conservação** 66 M€ (5%) e à função de suporte da **silvospatoricia, caça e pesca nas águas interiores** 312 M€ (22%). Aos custos dos incêndios florestais, pragas e espécies invasoras exóticas está igualmente associado um valor, negativo, de **-394 milhões de euros anuais**.

As fileiras florestais tradicionais (silvicultura, caça, pesca e silvoindústrias) são responsáveis por cerca de **93 000 empregos**, sobretudo em regiões deprimidas do ponto de vista económico.

b. POLÍTICA E PLANEAMENTO FLORESTAL

O setor florestal português está subordinado aos instrumentos de administração política previstos na Constituição de 1976 e ao estabelecido pela **Lei de Bases da Política Florestal (1996)** e demais legislação específica. A evolução global do setor é definida pelos programas dos governos e pela **Estratégia Nacional para as Florestas** (aprovada em 2006 e atualizada em 2015), a qual é traduzida territorialmente por **22 PROF (planos regionais de ordenamento florestal)**, dos quais 21 cobrem o território do Continente (serão 7 após a revisão em curso) e 1 abrange a RA da Madeira. As matas públicas e comunitárias, as propriedades privadas acima de determinada dimensão e as ZIF (zonas de intervenção florestal) devem possuir um **PGF (plano de gestão florestal)**. No Continente, os **PGF aprovados** (incluindo planos de utilização de baldios), cobrem **2 Mha** e abrangem **35%** dos povoamentos florestais. Os povoamentos de pinheiro-manso, de sobreiro e de eucalipto exibem uma taxa de cobertura por PGF superior à média nacional.



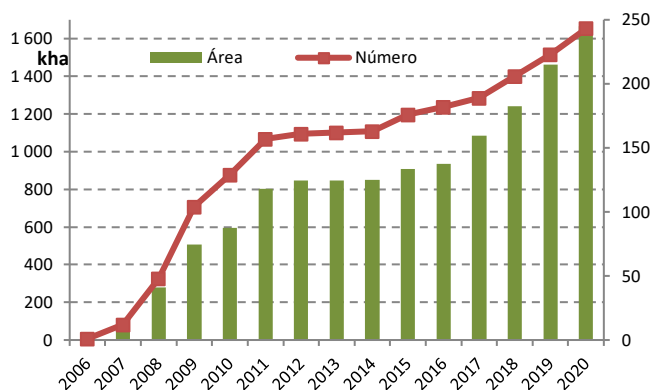
c. AGENTES

A definição e execução da política florestal cabe ao **Ministério do Ambiente e da Ação Climática** e, nas regiões autónomas, às **secretarias regionais da Agricultura e Desenvolvimento Rural (Açores)** e do **Ambiente, Recursos Naturais e Alterações Climáticas (Madeira)**. O **ICNF** desempenha as funções de **autoridade florestal nacional** e, também, as de **autoridade nacional para a conservação da natureza e biodiversidade**. Na matriz seguinte estão representados os principais agentes, segundo a área de atuação.

Área de atuação	ICNF	DGAV	INIAV	AGIF	GPP	AGPDR, AGPOSEUR e AG regionais	DGADR	IFAP	DRAP	APA	DGT	DGAE	DGEG	CCDR	ANEPC	GNR, PSP e PJ	ANQEP, DGE e IEFPP	Forças Armadas	Instituições de ensino superior	Administrações regionais	Autarquias locais	Ordens profissionais	OPF e EGZIF	Órgãos de gestão dos baldios	Org. de produtores pecuários	Org. de produtores aquícolas	Organizações da caça	Organizações da pesca	Org. de prestadores serviços	Org. de empresas industriais	Org. de empresas comerciais	Org. de empresas turísticas	Org. interprofissionais de fileira	Organizações sindicais	Assoc. científicas e profissionais	ONGA	AH de bombeiros voluntários	
Planeamento e política																																						
Gestão e infraestruturas																																						
Protecção florestal																																						
Fileiras silvoindustriais																																						
Apoio ao investimento																																						
Fiscalização e polícia																																						
Formação profissional																																						
Ensino e investigação																																						

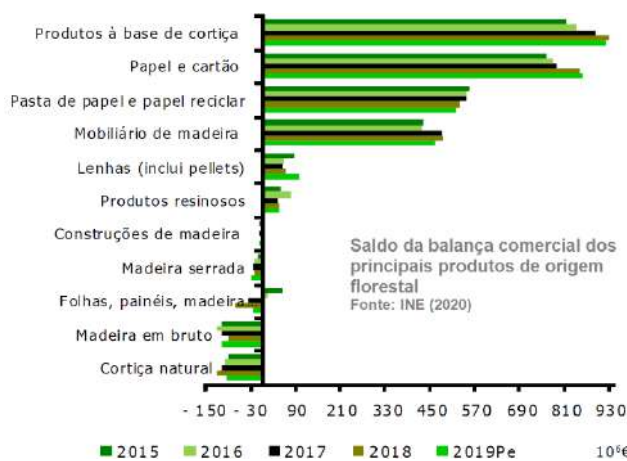
d. ASSOCIATIVISMO E ZIF

A promoção do associativismo dos proprietários e gestores dos recursos silvestres (inc. caça e pesca) tem sido, desde há algumas décadas, um dos principais objetivos de política. Atualmente estão registadas no ICNF **150 organizações de produtores florestais (OPF)**, nas quais se incluem associações de proprietários, cooperativas florestais ou com secção florestal, e suas federações, sendo **77% de nível municipal**, a que acrescem **6 entidades de gestão florestal (EGF)** reconhecidas. Desde 2005 assistiu-se a uma grande expansão da gestão conjunta do território através das ZIF, que neste momento abrangem **1,7 Mha** e agregam mais de **23 000 proprietários aderentes voluntários** e **84 entidades gestoras** (entre associações, cooperativas e empresas).



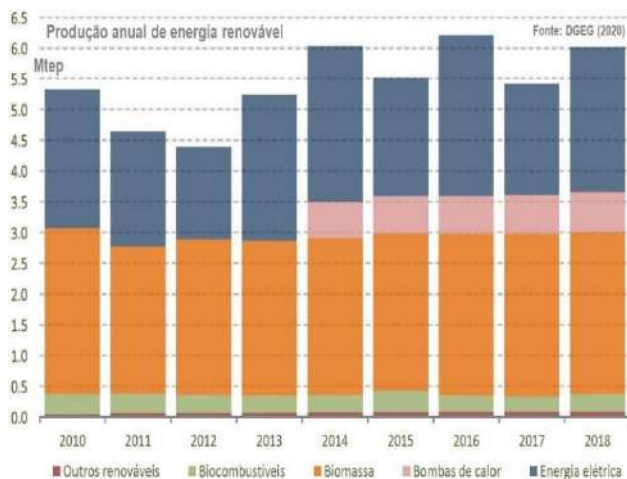
3. Função produtiva

a. PRODUÇÃO FLORESTAL E COMÉRCIO EXTERNO



As árvores na floresta portuguesa possuem um **volume total de 188 milhões de m³**, e em média produzem anualmente **11,5 milhões de m³ de madeira**, sobretudo toros e rolaria de eucalipto e pinheiro-bravo, e **100 kton de cortiça**, que representam 50% da produção mundial. São ainda relevantes as produções de **resina (8 kt)**, de **pinha (70 kt)** e de **castanha (25 kt)**, para além de inúmeros outros produtos silvestres, que abastecem diversas fileiras silvoindustriais. O VAB da **Silvicultura e Exploração Florestal é de 800 milhões de euros**; as principais fileiras representam **1,7% do VAB nacional (2018)**, enquanto no seu conjunto **o setor florestal vale 1,5% do PIB nacional**. Os produtos florestais garantem, em média, **9% das exportações** (em valor), com uma elevada taxa de incorporação de valor nacional (71%) e **cobrem quase todo o défice da balança comercial alimentar portuguesa**.

b. FLORESTAS E ENERGIA



A **biomassa florestal constitui uma das principais fontes de energia hoje utilizadas em Portugal** e é, dentre as renováveis, aquela mais facilmente utilizável em qualquer período do ano. Numa avaliação recente estimou-se em até **8,3 Mt/ano a disponibilidade potencial de biomassa** para produção de energia (origens floresta e indústria transformadora). Segundo a DGEG (2020), cerca de **41% da produção de energia renovável provém da biomassa da fileira florestal [2,48 ktep]**, a qual corresponde a **12% do total de consumo de energia final do país**. No que respeita ao sistema eletroprodutor, **a potência instalada é de 709 MW** (≈5% do total das renováveis), dos quais **242 MW sem cogeração (10 centrais dedicadas)**. São muito relevantes as **lenhas** e o **carvão vegetal** para consumo industrial e doméstico, sendo a **produção de carvão de 16,8 mil toneladas anuais** na última década. É, ainda, significativa a produção portuguesa de **peletes**, com **800 kton anuais**, da qual 80% para exportação.

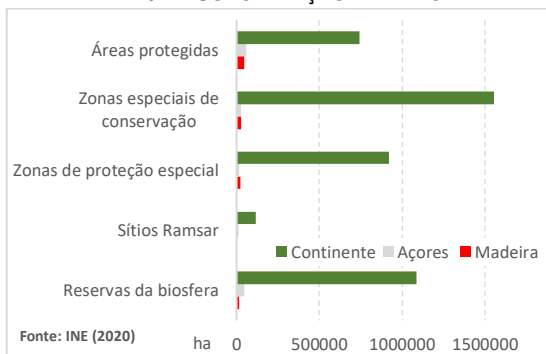
c. OS RECURSOS ASSOCIADOS À FLORESTA

Boa parte dos espaços florestais tem **utilização silvopastoril**, seja em subcoberto de arvoredo (em **30% dos povoamentos**, variando de 12% em eucaliptais a 71% em azinhais), seja em pastagens melhoradas (p.ex. nos perímetros florestais açoreanos), seja ainda nas áreas de matos e pastos espontâneos. As principais **raças autóctones**, incluindo o porco preto, os bovinos serranos, o garrano ou o gado bravo, vivem nos espaços florestais. Por outro lado, em 2020, cerca de **89% do território estava ordenado para a caça (5 102 zonas de caça)** e foram emitidas **117 436 licenças de caça**. Na pesca nas águas interiores eram **295 as zonas de pesca concessionada** (mais 23 zonas de gestão específica) e **115 103 as licenças de pesca emitidas**. Existiam **3 postos aquícolas do ICNF** (mais 5 outros públicos no país) e **41 unidades aquícolas autorizadas** em água doce, 23 das quais activas. Em 2018 produziram-se **697 t de peixe**, 95% trutas (INE).



4. Florestas e ambiente

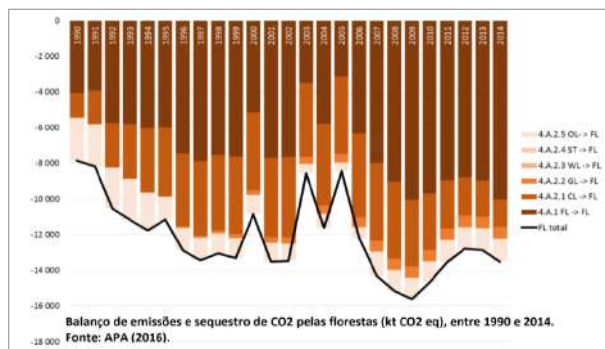
a. CONSERVAÇÃO DA NATUREZA E DA BIODIVERSIDADE



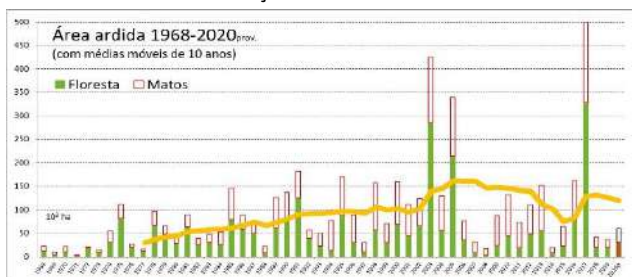
Nas **áreas protegidas**, que se estendem por **845 000 ha** e **9,1% do território nacional**, estão reunidos os mais valiosos espaços silvestres portugueses, do ponto de vista conservacionista e paisagístico. No Continente as florestas ocupam **22% da Rede Nacional de Áreas Protegidas (RNAP)**, territórios com um elevado valor científico, educativo e turístico. Segundo os dados do IFN, **20% dos povoamentos florestais** e **23% dos matos** são quadráveis na Diretiva Habitats; **73%** estão num estado de conservação médio ou bom. No **Sistema Nacional de Áreas Classificadas** sobressaem ainda os bens classificados como **Património Mundial** pela UNESCO (tais como a **Floresta Laurissilva da Madeira** e a **Paisagem Cultural de Sintra**) e a **Rede Natura 2000**, no âmbito da qual são protegidos **27 habitats** com dossel arbóreo.

b. POLÍTICAS CLIMÁTICAS E DE COMBATE À DESERTIFICAÇÃO

As florestas contribuem de forma significativa para o sequestro e armazenamento de carbono e Portugal foi dos poucos países que elegeu, para cumprimento do Protocolo de Quioto (2008-2012), as atividades florestais como forma de compensar as emissões de gases com efeito de estufa com origem noutros sectores - a **floresta nacional é um reservatório de 334 Mt CO₂eq [de carbono]** e **sequestra 8,7 Mt CO₂eq por ano, cerca do dobro das emissões da nossa indústria**. Por outro lado, o **combate à desertificação e degradação do solo** implica a adoção de uma estratégia especial para os **63% do território do Continente (mais parte da RA da Madeira)** classificados como **“susceptíveis”**, nos quais a **floresta regrediu 2% entre 1995 e 2010**.



c. PROTEÇÃO FLORESTAL

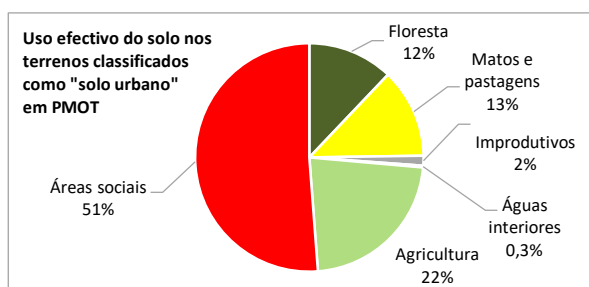


Os **incêndios florestais**, as **tempestades**, a **seca**, as **pragas** e as **espécies exóticas invasoras** constituem os principais fatores naturais de ameaça à sustentabilidade dos usos florestais. No Continente e na Madeira os **incêndios recorrentes** e as **pragas** (sobretudo em pinhal, eucaliptal e quercíneas) são responsáveis pelas maiores perdas de superfície arborizada e de produtividade, **com 63 000 ha de área ardida anualmente** no último decénio (média). Nos Açores, as **invasoras** e as **tempestades** são os principais fatores limitantes.

5. Recreio, turismo e valorização da paisagem

a. FLORESTAS URBANAS E PERI-URBANAS

É crescente a urbanização da população portuguesa: em 2011, **61% da população reside em aglomerados com mais de 2 000 habitantes**. Nos instrumentos de gestão territorial o “solo urbano” (incluindo quer o solo total ou parcialmente urbanizado, quer o solo afeto à estrutura ecológica necessária ao equilíbrio do sistema urbano) abrange cerca de **550 000 ha, dos quais 12% possuem floresta e 15% outros espaços silvestres**, assumindo as florestas urbanas e peri-urbanas cada vez maior importância na qualidade de vida dos cidadãos, como o demonstram o Parque Florestal de Monsanto (Lisboa), a Mata Nacional do Choupal (Coimbra) ou o Parque Florestal de Amarante, entre outros.



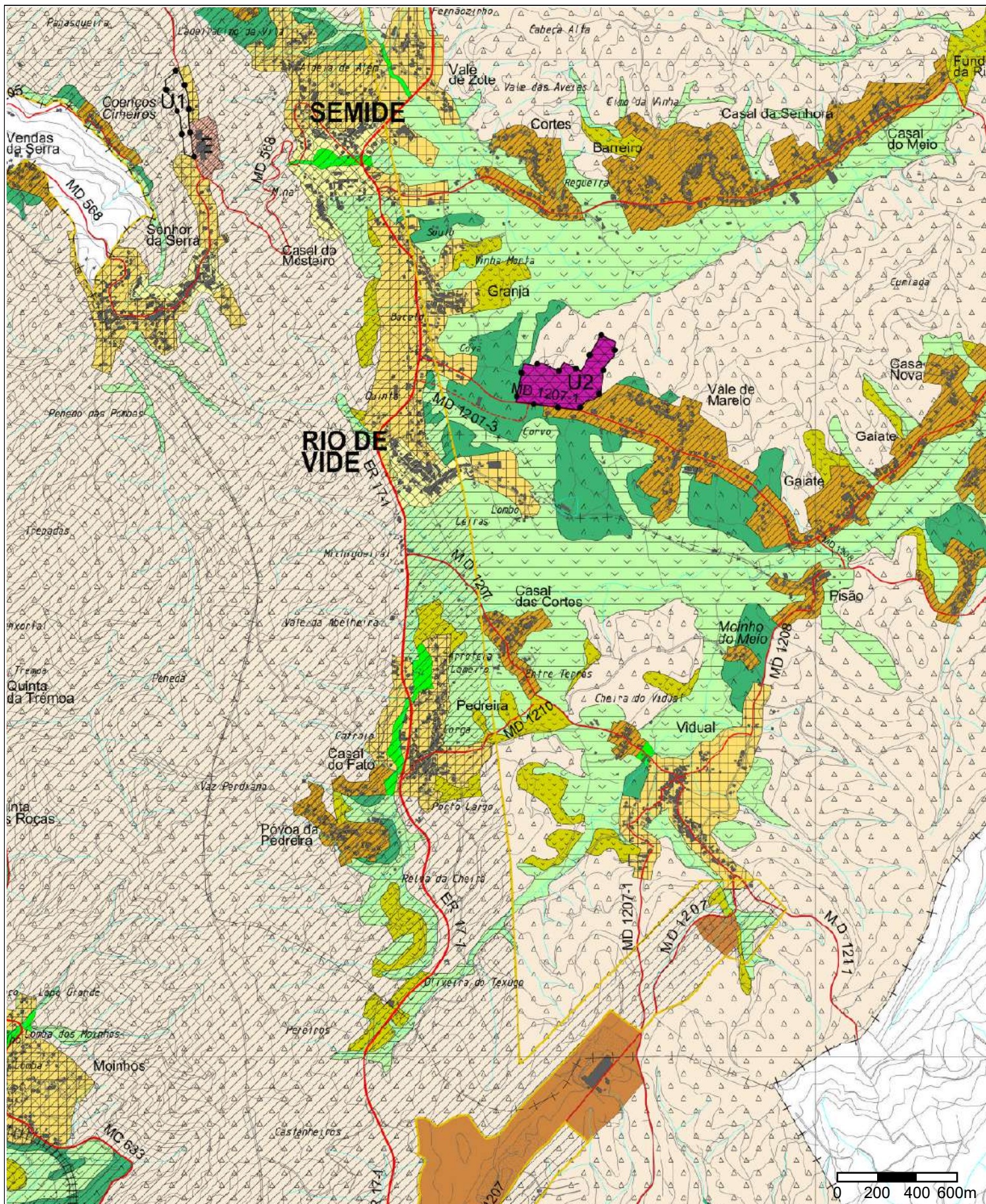
b. FLORESTA, RECREIO E TURISMO



As florestas estão entre os mais importantes recursos turísticos nacionais, por vezes associadas a monumentos construídos (eg. Mata Nacional do Buçaco ou o Parque da Pena). Alguns casos de estudo dão uma dimensão desse valor: a **Floresta Laurissilva da Madeira** possibilita uma oferta turística que vale mais de **140 M€ anuais** [Rego, 2012]; um estudo económico realizado para a **Mata Nacional de Leiria** avaliou em **4,1 M€ anuais** o valor associado às atividades de recreio na Mata pelos residentes dos concelhos vizinhos [Oliveira, 2012]. Nos Açores existe uma rede de **reservas florestais de recreio (26, com 375 ha)** e na Madeira uma rede de **parques florestais (7)** e de **áreas de recreio e lazer (23)**. No Continente, nas áreas submetidas ao regime florestal (perímetros florestais e matas nacionais) existem **231 equipamentos florestais de recreio**, para além de **14 parques florestais (peri)urbanos** na jurisdição do ICNF.

Anexos

Plantas regulamentares



O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



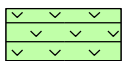
1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL
EXTRATO DA PLANTA DE ORDENAMENTO - Classificação e Qualificação do Solo - 1.1

Requerente:	Processo nº:	Data: 01/07/2023
Local:	Taxa paga guia nº:	
Freguesia:	Func.:	Escala: 1: 25.000



SOLO RURAL

ESPAÇOS AGRÍCOLAS



Área Agrícola de Produção Fundamental

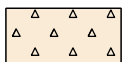


Área Agrícola de Produção Complementar



Área Agrícola de Conservação

ESPAÇOS FLORESTAIS

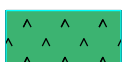


Área Florestal de Produção



Área Florestal de Conservação

ESPAÇOS DE USO MÚLTIPLO AGRÍCOLA E FLORESTAL



Área de Uso Múltiplo Agrícola e Florestal

ESPAÇOS DE RECURSOS GEOLÓGICOS



Área de Exploração Consolidada



Área de Exploração Potencial

ESPAÇOS NATURAIS



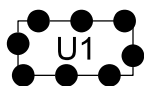
Espaço Natural

AGLOMERADOS RURAIS



Agglomerados Rurais

ÁREAS COM FUNÇÕES ESPECÍFICAS



Unidade Operativa de Planeamento e Gestão

O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL

EXTRATO DA PLANTA DE ORDENAMENTO - Classificação e Qualificação do Solo - 1.1

Requerente:

Processo n.º:

Local:

Taxa paga guia n.º:

Data:

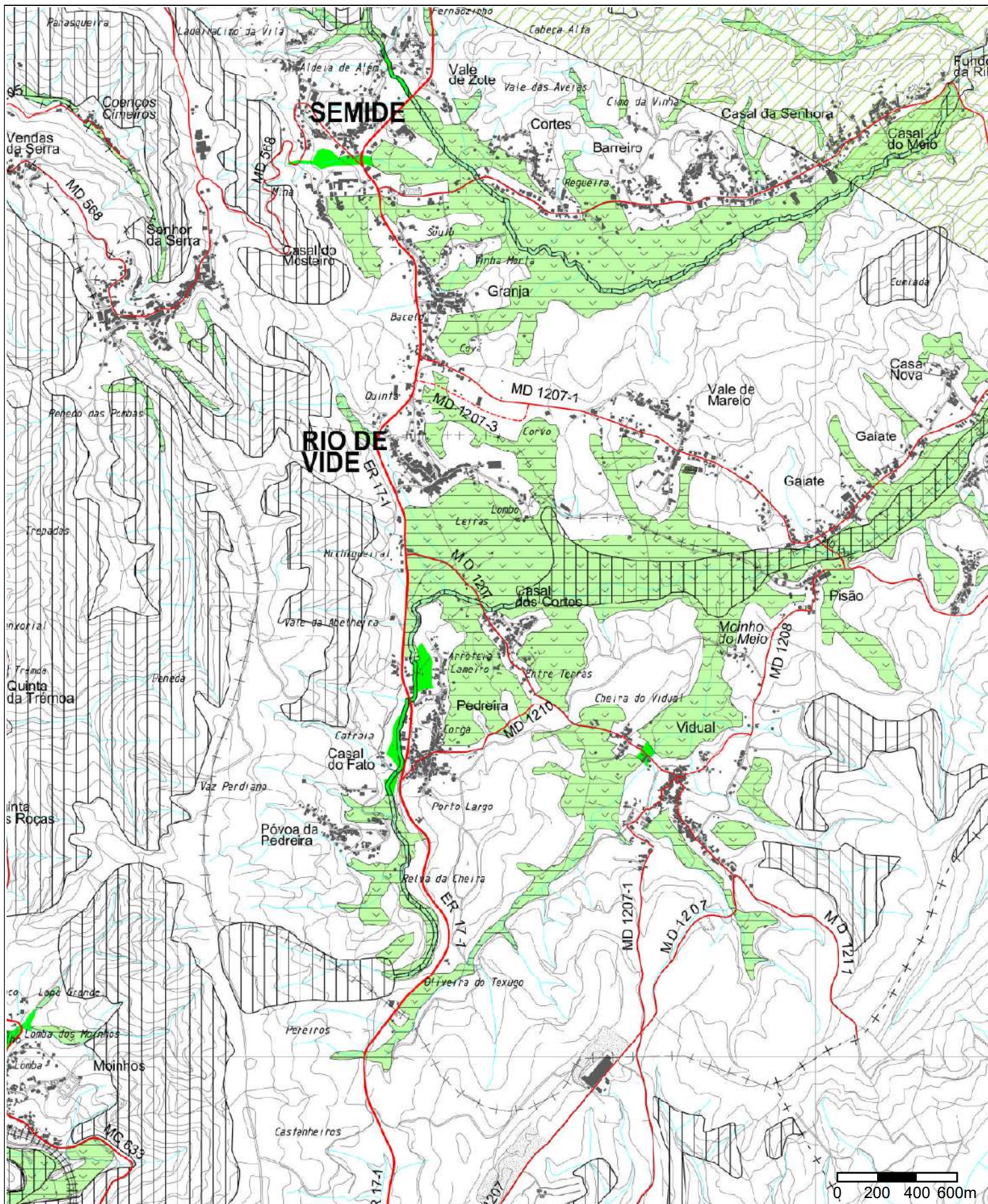
01/07/2023

Freguesia:

Func.:

Escala:





O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL
EXTRATO DA PLANTA DE ORDENAMENTO - Carta da Estrutura Ecológica Municipal - 1.2

Requerente:	Processo nº:	Data: 01/07/2023
Local:	Taxa paga guia nº:	
Freguesia:	Func.:	Escala: 1: 25.000



ESTRUTURA ECOLÓGICA EM SOLO URBANO



Área Verde de Enquadramento

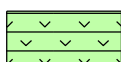


Área Verde de Utilização Coletiva

ESTRUTURA ECOLÓGICA EM SOLO RURAL



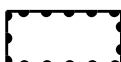
Reserva Ecológica Nacional (REN)



Reserva Agrícola Nacional (RAN)



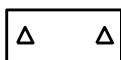
Espaço Natural



Rede Natura 2000 - Sítio Serra da Lousã
PTCON0060
(Resolução de Conselho de Ministros nº 76/2000, de 5 de Julho)



Corredor Ecológico do PROFPIN



Regime Florestal

REDE RODOVIÁRIA

Rede Rodoviária Nacional e Regional

Existente / Proposta



Itinerário Complementar (IC)



Estrada Nacional (EN)



Estrada Regional (ER)

Estradas e Caminhos Municipais

Existente / Proposta

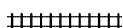


Estrada Municipal Colectora (MC)



Estrada Municipal Distribuidora (MD)

REDE FERROVIÁRIA



Sistema de Mobilidade do Mondego
(Metro Ligeiro de Superfície)



Limite de Concelho



Limite de Freguesia

(Carta Administrativa Oficial de Portugal
CAOP 2012.1)

O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA

1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL

EXTRATO DA PLANTA DE ORDENAMENTO - Carta da Estrutura Ecológica Municipal - 1.2

Requerente:

Processo n.º:

Local:

Taxa paga guia n.º:

Data:

01/07/2023

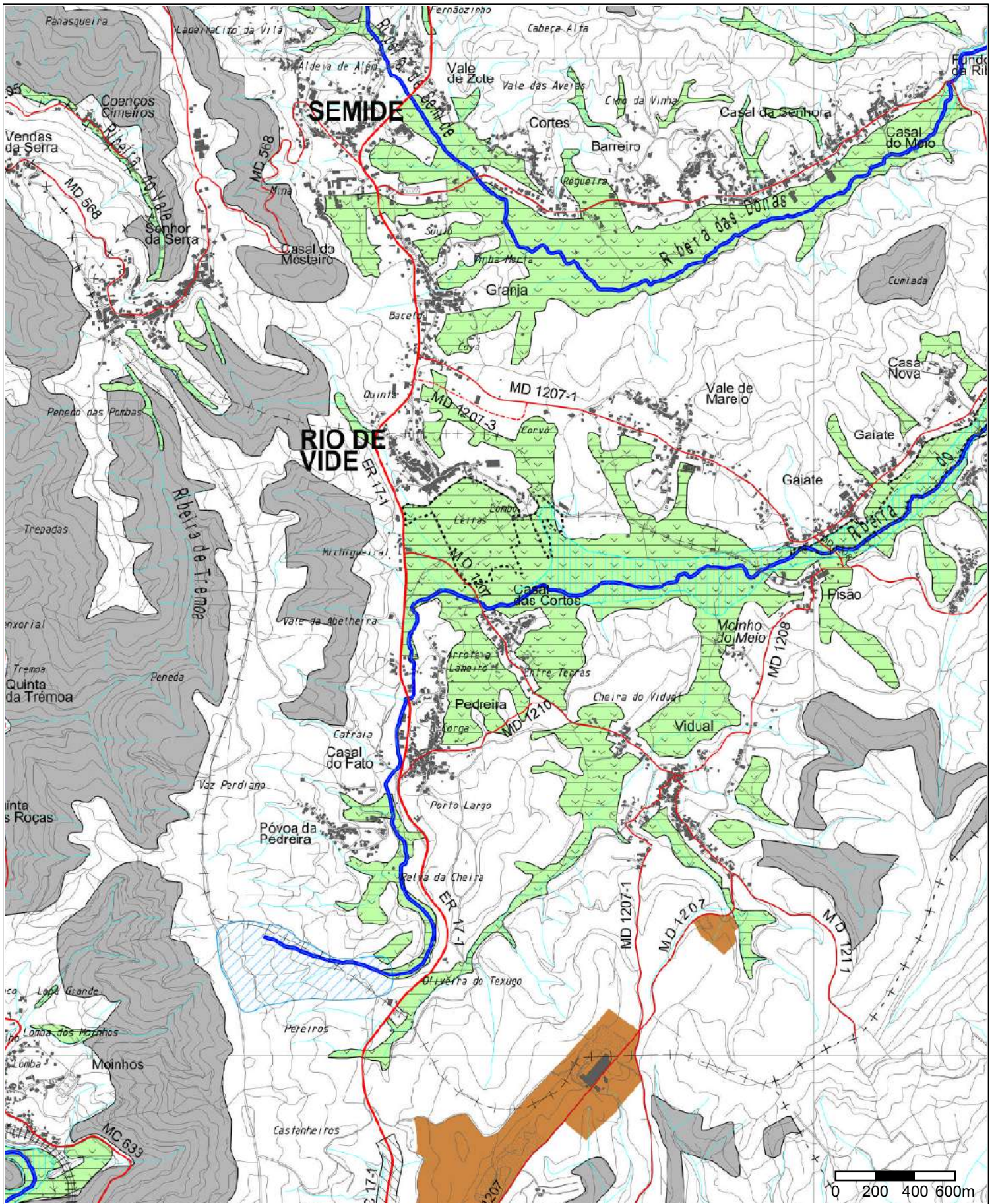
Freguesia:

Func.:

Escala:




MUNICÍPIO DE MIRANDA DO CORVO
Núcleo de Urbanismo e Projetos



O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA

1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL
EXTRATO DA PLANTA DE CONDICIONANTES - Património Natural - 2.1

Requerente:	Processo nº:	 Data: 01/07/2023
Local:	Taxa paga guia nº:	
Freguesia:	Func.:	Escala: 1: 25.000



MUNICIPIO DE MIRANDA DO CORVO
 Núcleo de Urbanismo e Projetos

RECURSOS NATURAIS

Recursos Hídricos



Recursos Geológicos



Recursos Ecológicos

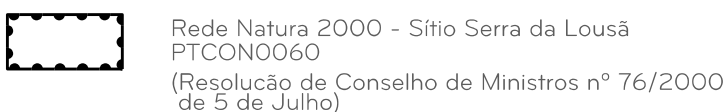


Reserva Ecológica Nacional (REN)

Recursos Agrícolas e Florestais



Conservação da Natureza



REDE RODOVIÁRIA

Rede Rodoviária Nacional e Regional

Existente / Proposta



Estradas e Caminhos Municipais

Existente / Proposta



REDE FERROVIÁRIA



REDE FERROVIÁRIA



(Carta Administrativa Oficial de Portugal
CAOP 2012.1)

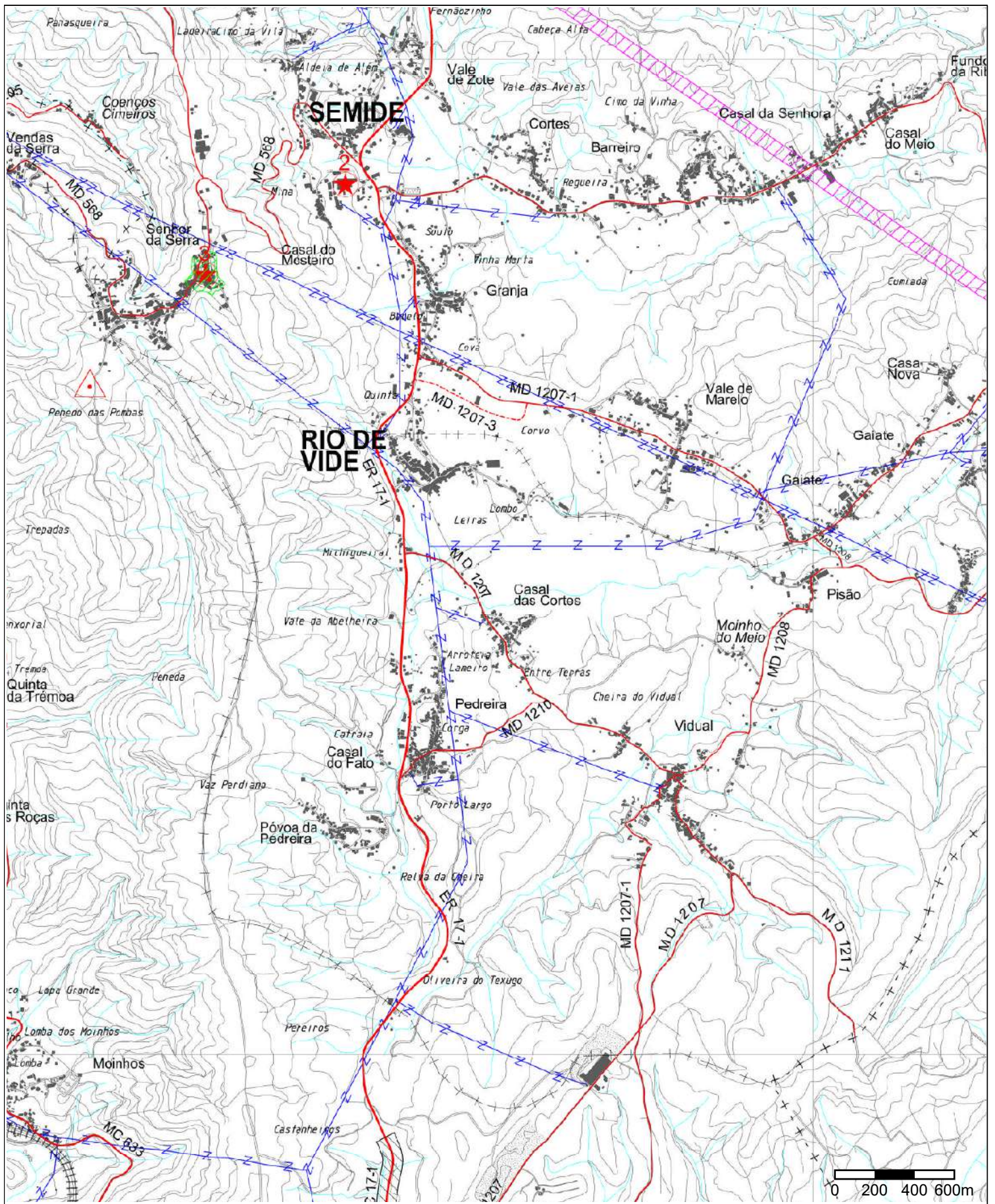
O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL

EXTRATO DA PLANTA DE CONDICIONANTES - Património Natural - 2.1

Requerente:	Processo nº:	
Local:	Taxa paga guia nº:	Data: 01/07/2023
Freguesia:	Func.:	Escala:



O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL
EXTRATO DA PLANTA DE CONDICIONANTES - Património Classificado e Infraest. - 2.2

Requerente:	Processo nº:
Local:	Taxa paga guia nº:
Freguesia:	Func.:

N

Data:
01/07/2023

Escala:
1: 25.000

PATRIMÓNIO CLASSIFICADO



Património classificado

Imóveis de Interesse Público

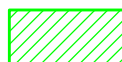
Classificados

- 1 - Pelourinho de Miranda do Corvo
(Decreto nº 23122 de 11/10/1933, zona proteção de 50m)
- 2 - Convento de Santa Maria de Semide
(Decreto nº 45/93 de 30/11/1993, zona proteção de 50m)
- 3 - Santuário do Senhor da Serra
(Portaria nº 270/2013 de 13/05/2013)

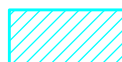
EDIFÍCIOS PÚBLICOS



Centro de Saúde de Miranda do Corvo
(Portaria nº 891/84, de 5 de dezembro,
publicada no Diário da República nº 281, I série)



Faixa de proteção do património classificado



Faixa de proteção do Centro de Saúde

REDE RODOVIÁRIA

Rede Rodoviária Nacional e Regional

Existente / Proposta



Itinerário Complementar (IC)



Estrada Nacional (EN)



Estrada Regional (ER)



Estrada desclassificada sob jurisdição da Estradas de Portugal, SA



Estrada desclassificada sob jurisdição da Câmara Municipal

Estradas e Caminhos Municipais

Existente / Proposta

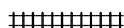


Estrada Municipal Colectora (MC)



Estrada Municipal Distribuidora (MD)

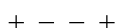
REDE FERROVIÁRIA



Sistema de Mobilidade do Mondego
(Metro Ligeiro de Superfície)



Limite de Concelho



Limite de Freguesia

(Carta Administrativa Oficial de Portugal - CAOP 2012.1)

INFRAESTRUTURAS

Rede Elétrica



Linhas de Média Tensão



Linhas de Alta Tensão



Linhas de Muito Alta Tensão



Subestação posição (60kV)

Cartografia e Cadastro



Marco Geodésico

Servidões Radioelétricas



Corredor ao longo do trajeto da
ligação hertziana Coimbra - Trevim

O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA

1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL

EXTRATO DA PLANTA DE CONDICIONANTES - Património Classificado e Infraest. - 2.2

Requerente:

Processo nº:

Local:

Taxa paga guia nº:

Data:

01/07/2023

Freguesia:

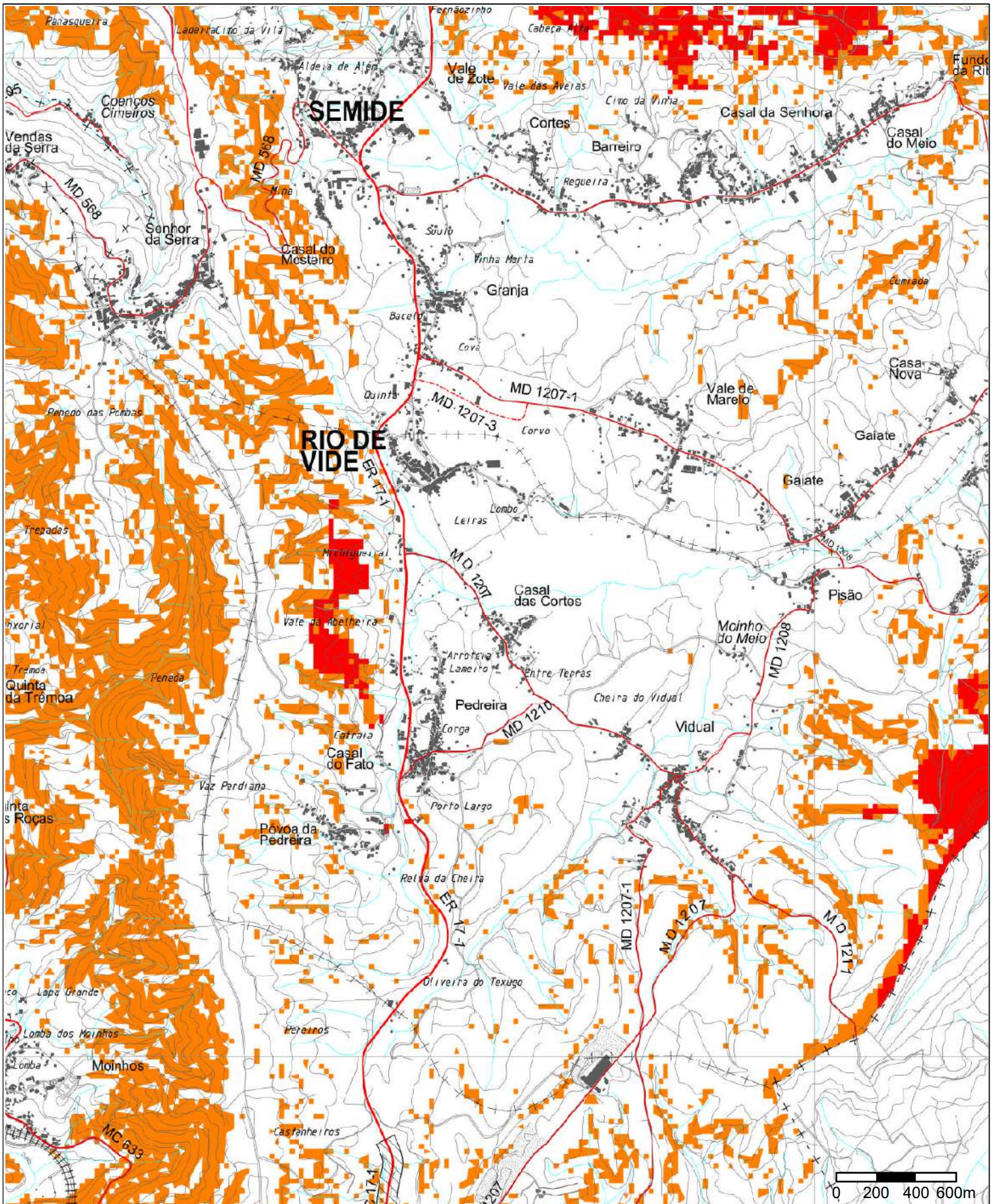
Func.:

Escala:



MUNICÍPIO DE MIRANDA DO CORVO
Núcleo de Urbanismo e Projetos





O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL
EXTRATO DA PLANTA DE CONDICIONANTES - Proteção ao Risco de Incêndio - 2.4

Requerente:	Processo nº:	
Local:	Taxa paga guia nº:	
Freguesia:	Func.:	Data: 01/07/2023
		Escala: 1: 25.000

PERIGOSIDADE DE INCÊNDIO FLORESTAL



Alta



Muito Alta

REDE RODOVIÁRIA

Rede Rodoviária Nacional e Regional

Existente / Proposta



Itinerário Complementar (IC)



Estrada Nacional (EN)



Estrada Regional (ER)



Estrada desclassificada sob jurisdição da Câmara Municipal

Estradas e Caminhos Municipais

Existente / Proposta

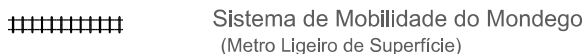


Estrada Municipal Colectora (MC)



Estrada Municipal Distribuidora (MD)

REDE FERROVIÁRIA



Sistema de Mobilidade do Mondego
(Metro Ligeiro de Superfície)

Limite de Concelho

Limite de Freguesia

(Carta Administrativa Oficial de Portugal - CAOP 2012.1)

O FORNECIMENTO DESTA PLANTA NÃO IMPLICA QUALQUER COMPROMISSO QUANTO À APROVAÇÃO DA OBRA QUE VIER A SER REQUERIDA OU À CONCESSÃO DA RESPECTIVA LICENÇA



1ª REVISÃO DO PLANO DIRETOR MUNICIPAL

EXTRATO DA PLANTA DE CONDICIONANTES - Proteção ao Risco de Incêndio - 2.4

Requerente:

Processo n.º:

Local:

Taxa paga guia n.º:

Data:

Freguesia:

Func.:

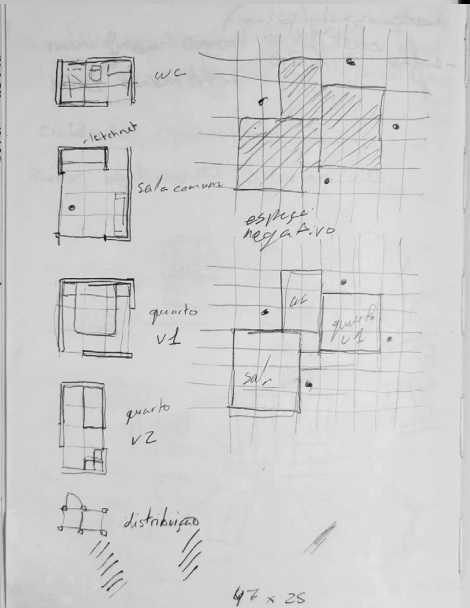
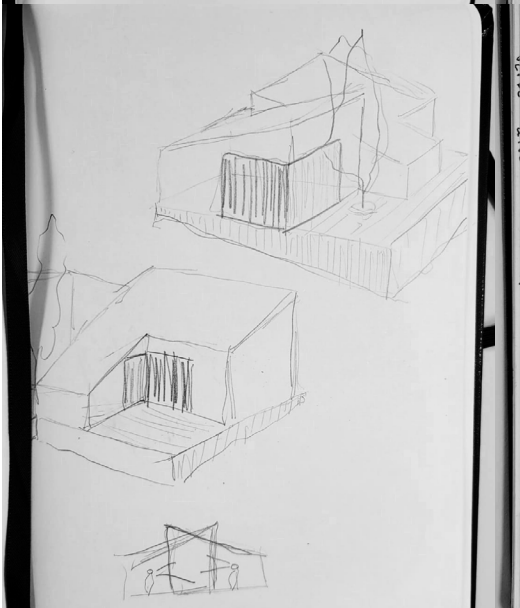
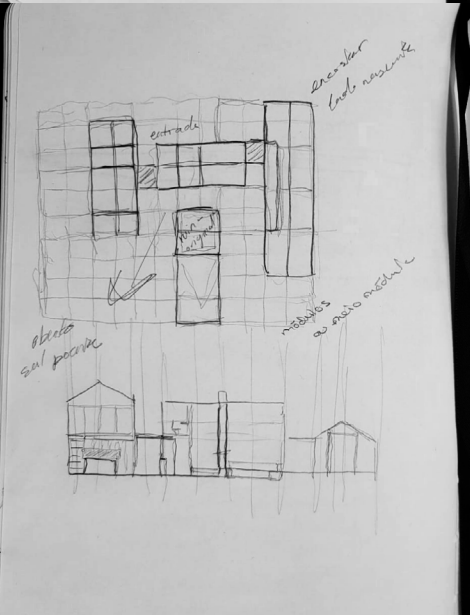
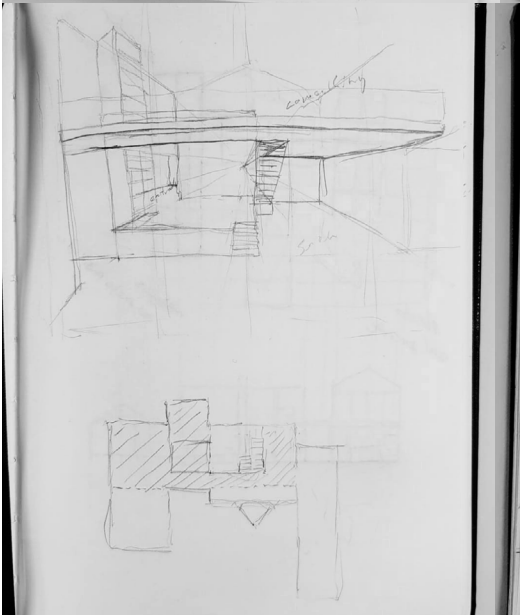
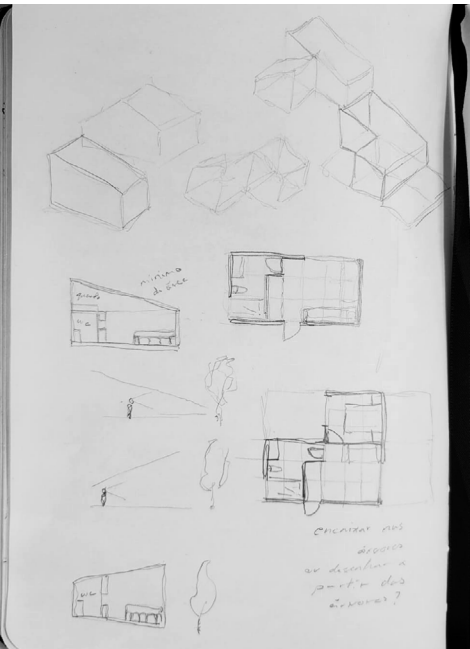
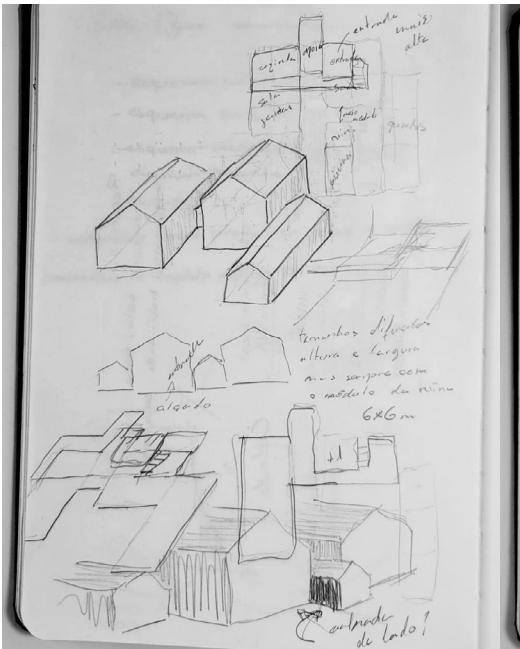
Escala:



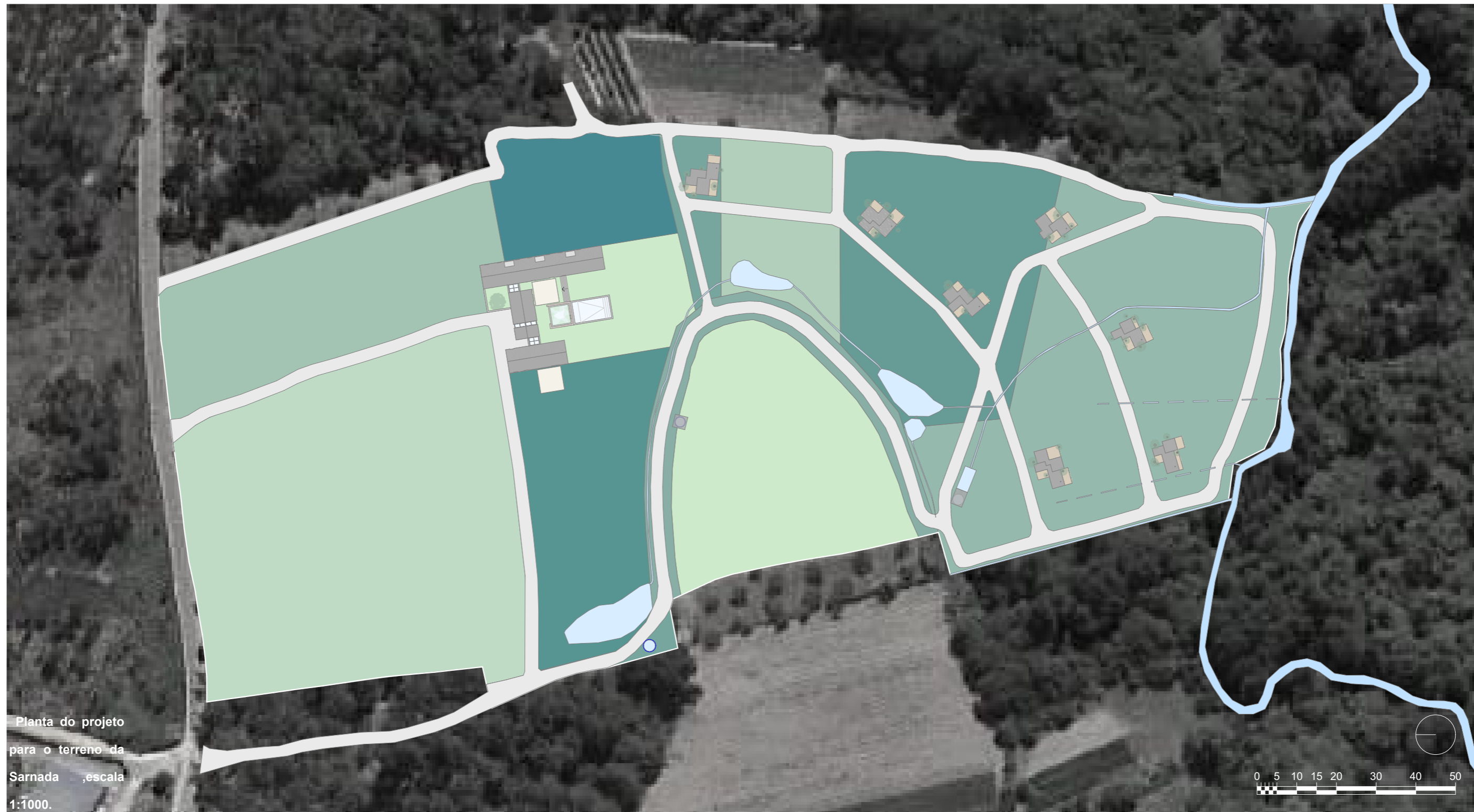
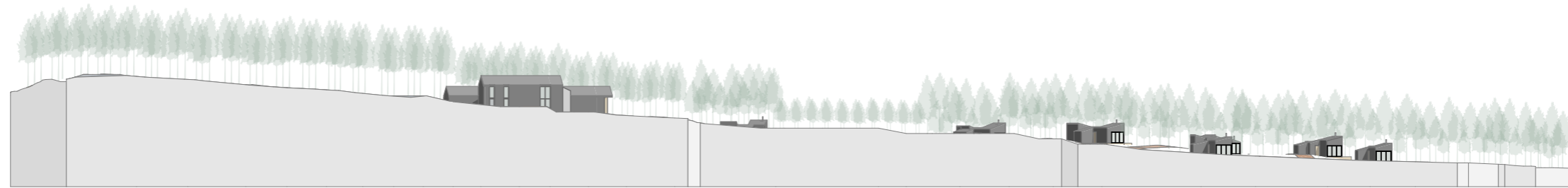
01/07/2023

Anexos

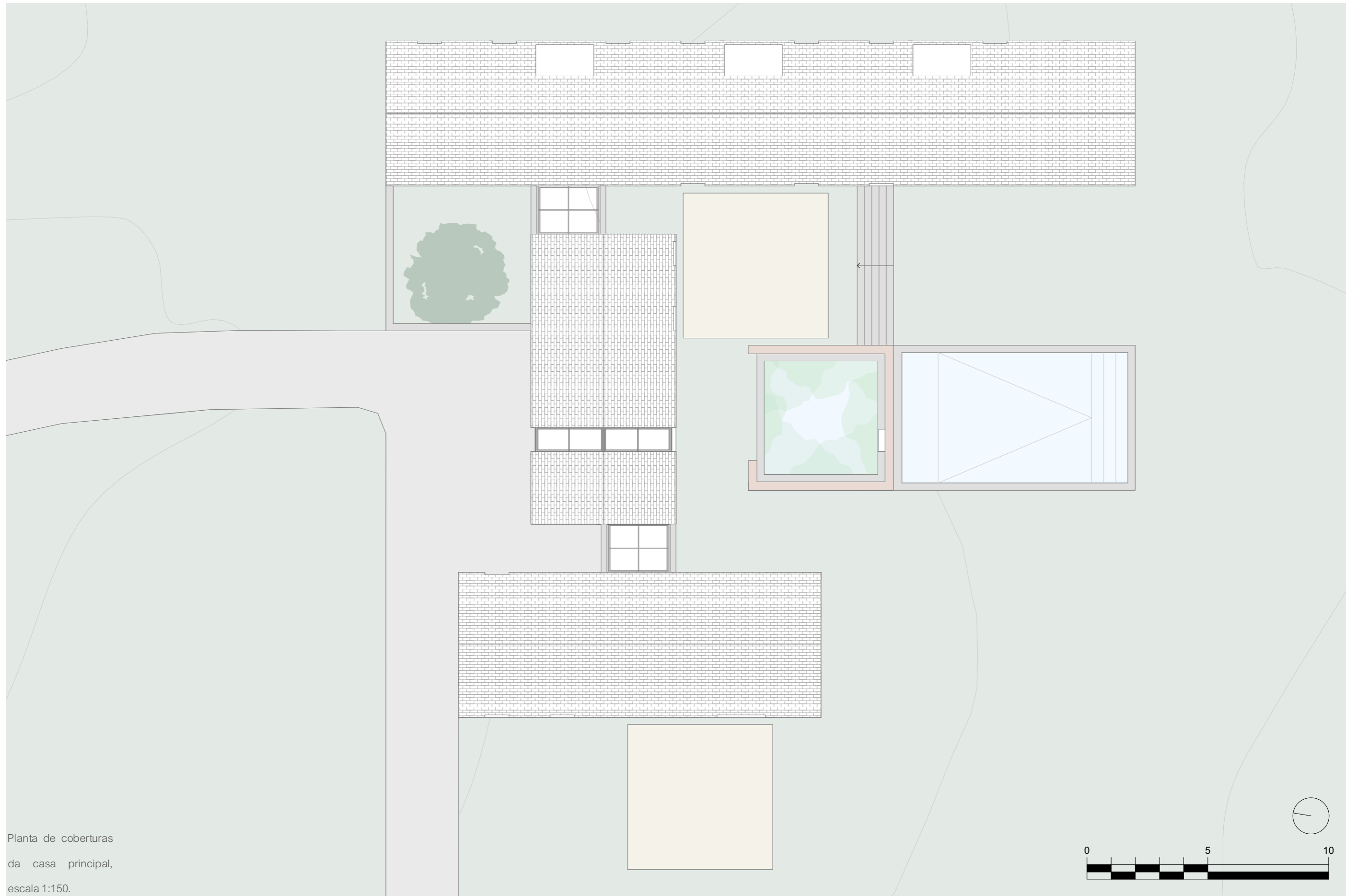
Esquissos, desenhos técnicos e imagens da proposta final



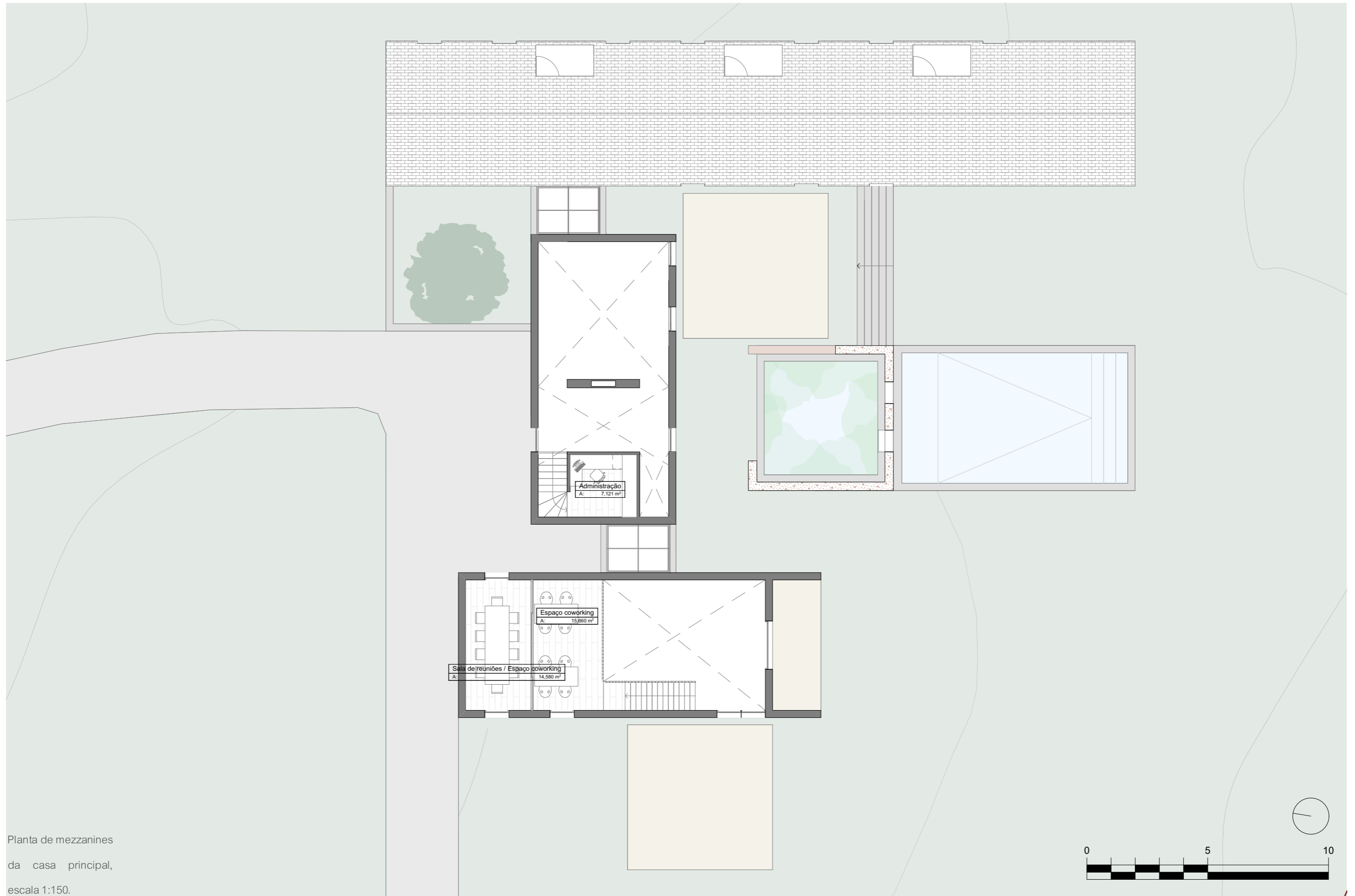
Alçado poente do projeto para o terreno da Sarnada, escala 1:1000.



Planta do projeto para o terreno da Sarnada, escala 1:1000.

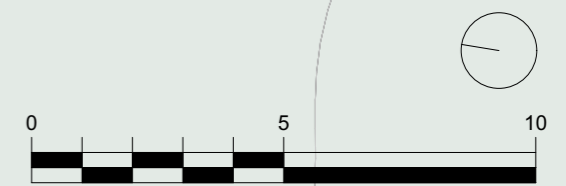


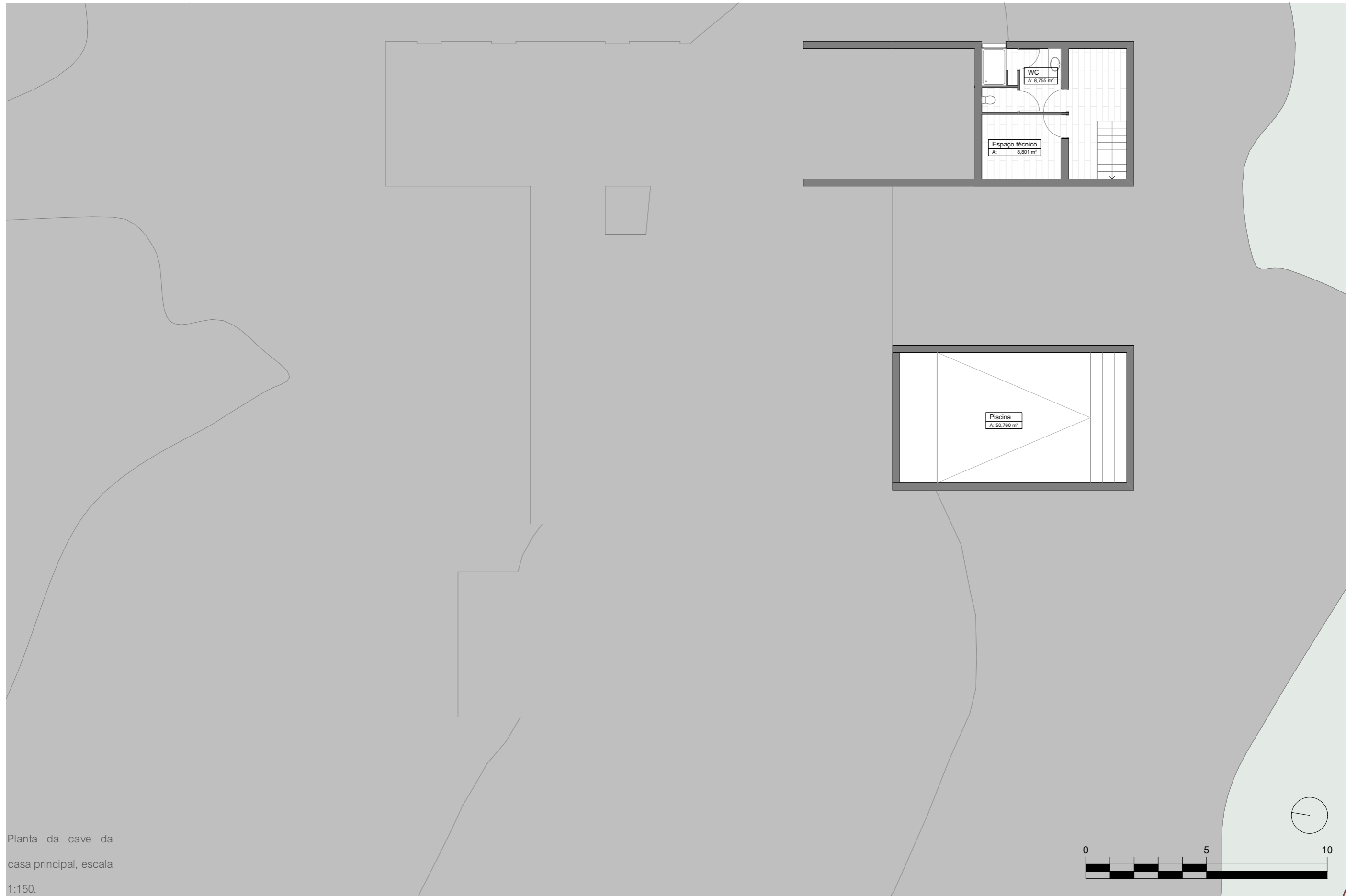
Planta de coberturas
da casa principal,
escala 1:150.



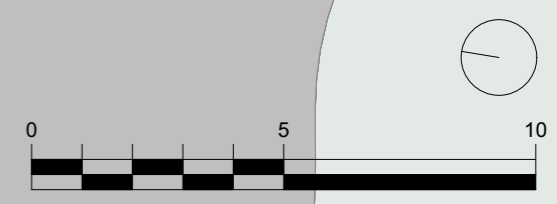


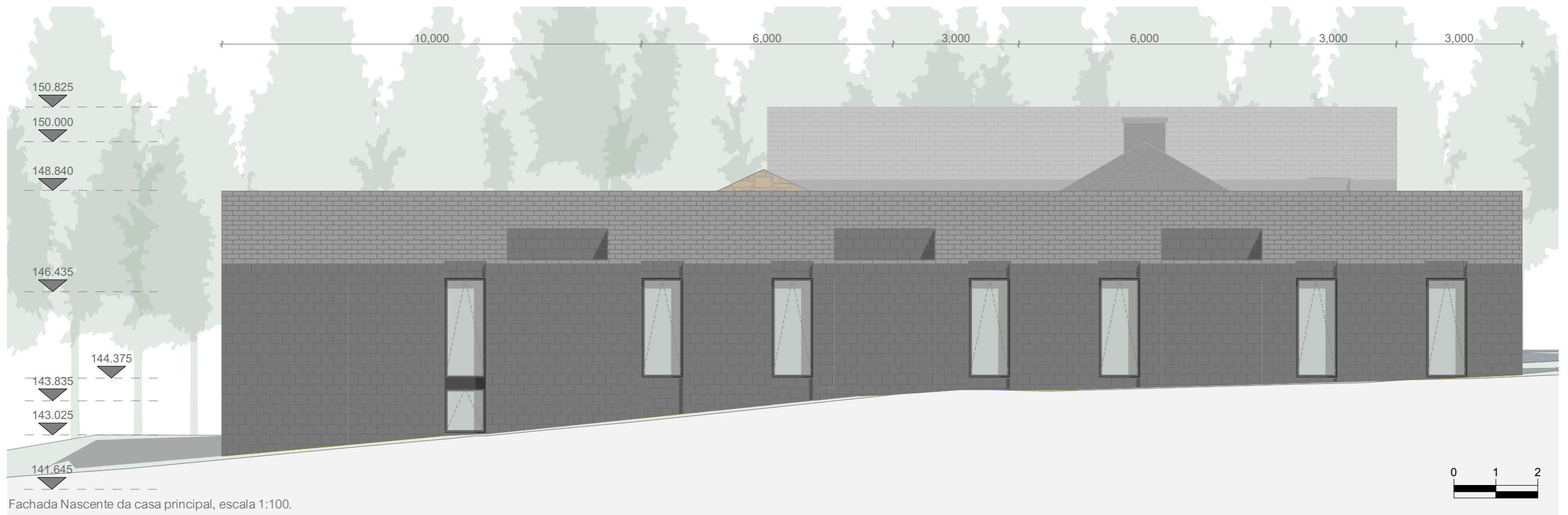
Planta de rés-do-chão da casa principal, escala 1:150.

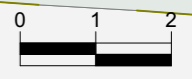
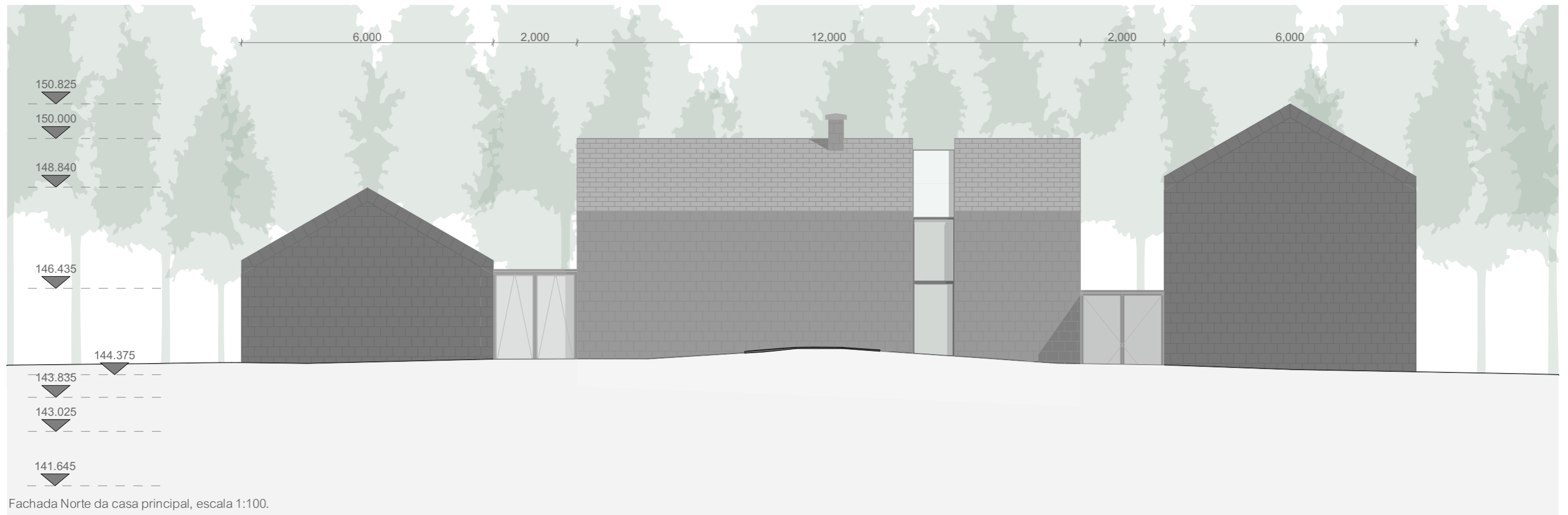


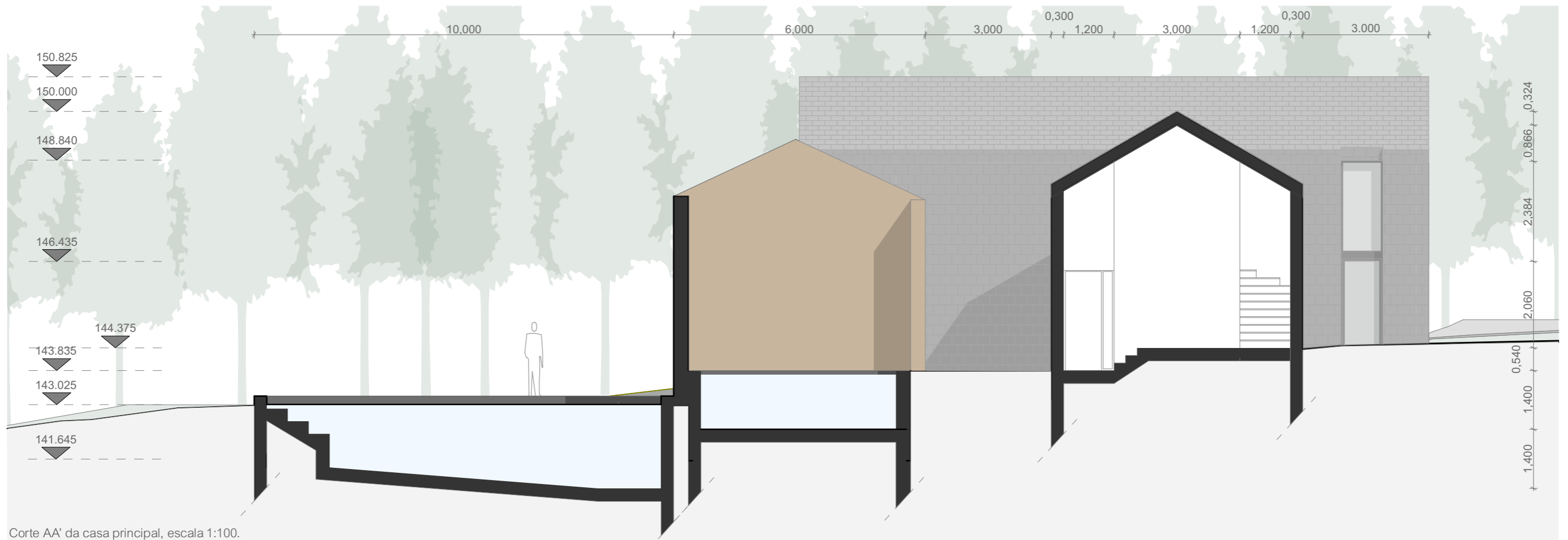


Planta da cave da casa principal, escala 1:150.

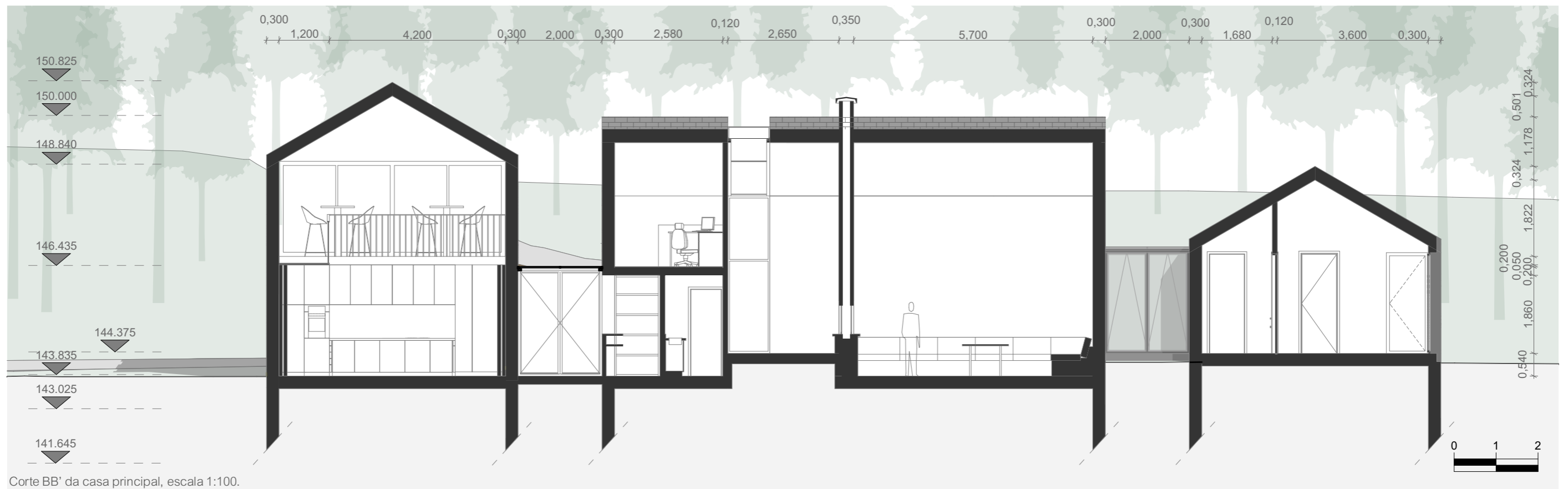








Corte AA' da casa principal, escala 1:100.



Corte BB' da casa principal, escala 1:100.



Corte CC' da casa principal, escala 1:100.



Corte DD' da casa principal, escala 1:100.



Maquete digital do projeto do terreno da Sarnada.









